

HOLLIS SEAMON

ALGUÉM LÁ EM CIMA TE ODEIA



ESTA NÃO É
OUTRA HISTÓRIA
DE "UM CARA
QUE MORRE
DE CÂNCER"



É A
HISTÓRIA DE UM
CASAL DE JOVENS
QUE QUER
SEGUIR VIVENDO
INTENSAMENTE

 Planeta



ALGUÉM LÁ EM
CIMA ^{TE} ODEIA

ALGUÉM LÁ EM CIMA ^{TE} ODEIA

DE
HOLLIS SEAMON

TRADUÇÃO:
ALICE KLESCK

TÍTULO ORIGINAL: *Somebody up there hates you*

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Marianna Soares

REVISÃO: Márcia Benjamim e Gabriela Ghetti

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Mauro C. Naxara

CAPA: Compañía

IMAGEM DA CAPA: E. Dygas/Getty Images

CONVERSÃO eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S446a

Seamon, Hollis

Alguém lá em cima te odeia / Hollis Seamon ; tradução Alice Klesck. - 1 ed. - São Paulo : Planeta, 2015.

: il.

Tradução de: *Somebody up there hates you*

ISBN 978-85-422-0465-0

1. Câncer - Ficção americana. I. Klesck, Alice. II. Título.

14-18353.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 | 21º andar

Edifício Horsa II | Cerqueira César | 01411-000 | São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

*Para todas as crianças que conheci no Babies Hospital
do Columbia-Presbyterian Medical Center, entre 1976
e 1990. Seus rostos povoam meus sonhos e suas vozes
ainda ecoam em meus ouvidos.*

Espera pela morte com a mente alegre. Marco Aurélio,
Meditações

Sumário

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

AGRADECIMENTOS

PRIMEIRA PARTE

30 de outubro - 1 de novembro

CAPÍTULO 1

Sério, sem sacanagem. Eu, Richard Casey, também conhecido como o Incrível Garoto Moribundo, sou totalmente confiável, juro. Atualmente vivo no terceiro andar do Hilltop Hospital, na cidade de Hudson, no grande estado de Nova York. Deixe-me lhe contar apenas uma coisa sobre esse hospital, em particular. Imagine o seguinte: bem na frente do elevador, que desova um monte de gente no nosso “pequeno albergue hospitalar”, tem uma harpista. Sem brincadeira. Bem ali, na nossa recepção, todo santo dia, uma senhorinha de cabelo branco, que usa umas saias compridas estranhas, senta ao lado de uma harpa imensa e passa o dia dedilhando. Ou toca as cordas, tanto faz. A harpa emite uma porção de sons vigorosos e ternos, meio difíceis de engolir.

Bem esquisito, não acha? Quer dizer, será que não é meio prematuro? Poxa, você ainda não está morto — apesar de que, às vezes, esse negócio da harpa é bem divertido, mesmo sendo estranho. Fico ali sentado, na minha cadeira de rodas, num dia bom, observando as pessoas que saem do elevador. Elas estão aqui pra visitar algum dos seus moribundos e, quando entram na nossa pequena recepção, são recebidas por aquela música e meio que cambaleiam pra trás, empalidecem. Por um segundo, devem pensar que passaram direto por aquele negócio todo da morte e do enterro e chegaram direto no céu. A maioria recua pelo menos três passos, e algumas apertam o botão pra chamar o elevador ou seguram as portas, evitando que fechem, tentando fugir. É fácil ler seus pensamentos: não são elas que estão morrendo, certo? Então, por que estão aqui? Como vieram parar aqui com essa harpa? Isso apavora todo mundo e eu tenho que rir. As enfermeiras dizem que a música de harpa é tranquilizante e espiritual, e faz bem aos pacientes. Sei. Talvez faça bem aos 95% dos pacientes jurássicos, tipo, com mais de sessenta. Mas, e quanto a mim? Eu e Sylvie somos crianças. Somos adolescentes e também estamos morrendo, e quanto aos *nossos* direitos?

Certo, isso é meio rude, eu admito. Porque as enfermeiras realmente até que são legais e ficam todas chorosas quando eu digo isso, porque ninguém, e eu estou dizendo ninguém, quer pensar na morte de crianças. Mas é o que somos, portanto, eu digo: “Encare a real”. Todo mundo morre. Os caras e as gatas. Essa é a vida.

Mas não é disso que eu quero falar, na verdade. Morrer é bem tedioso, se você for direto ao ponto, mas morar aqui é muito mais interessante do que eu poderia imaginar, logo que fui jogado neste hospital, esperando e xingando.

De qualquer forma, acontecem umas coisas muito doidas. Tipo o que eu e a Sylvie fizemos, na véspera do Halloween, bem na frente do elevador. Foi demais.

Bom, é melhor eu explicar. Minha avó — que não é tão velha como você pensa, porque as mulheres da minha família são mães muito novas, a maioria sem querer — uma vez me disse que em Nova Jersey, quando era criança, havia uma noite incrível, véspera do Halloween, que eles chamavam de Cabbage Night. Nessa noite, os pais deixavam os filhos

saírem à noite, pra fazer maluquices. A vovó conta que na casa dela só tinha uma regra para a Cabbage Night: voltar pra casa até meia-noite. Mesmo numa noite de semana, com aula no dia seguinte! Quer dizer, dá pra fazer um monte de coisas endiabradas ou engraçadas entre o pôr do sol — digamos, por volta das seis da tarde — e a meia-noite, certo? Minha avó me contou o que eles costumavam fazer nessa noite e entre as maluquices eles corriam pelos quintais das pessoas, pulavam suas cercas gritando feito doidos; jogavam ovos em tudo e todos; colocavam cocô de cachorro em sacos de papel, tacavam fogo e jogavam na varanda de alguém, e depois ficavam olhando o dono da casa, geralmente o pai, se houvesse um, pisotear pra apagar o fogo e se borrar todo de merda; atiravam sacos de farinha nos garotos, até todos ficarem brancos que nem fantasmas; no cemitério, derrubavam lápides, amarravam os garotos *nerds* nas sepulturas e os deixavam ali até 23h58; colocavam pregos no chão, pra furar os pneus dos carros; e mais um monte de coisas. É inacreditável pra mim que os pais deixassem tudo isso acontecer. A vovó diz que ela chegava em casa à meia-noite, todo ano, cheia de hematomas, coberta de gema de ovo, farinha e cerveja, meio bêbada e totalmente exausta. E o mais legal é que ninguém ligava. Na verdade, seus pais nem se davam ao trabalho de ficar acordados, para esperar por ela. A vovó diz que os pais imaginavam que seria melhor para os garotos se eles extravasassem, uma vez por ano, do que saíssem fazendo um monte de besteira o resto do ano inteirinho. Então, eles simplesmente diziam: “Pode ir e acabe logo com isso. Só não mate ninguém, está bem?”.

Juro, tudo isso é importante pra mim e pra Sylvie, por conta de nossa pequena apresentação da Cabbage Night, como mencionei acima. Nós somos crianças, independentemente de sermos reféns de um hospital.

Por sorte, esse era um daqueles dias em que Sylvie estava se sentindo forte o suficiente para ficar de pé. Ou ela se fez de forte, porque eu já vinha perturbando há dias, dizendo como esse negócio todo seria engraçado. Bem, nós esperamos até 17h30, no dia 30 de outubro. Às 17h, a senhorinha da harpa costuma dar o fora, a menos que alguém solicite seus serviços. E às 17h30 é quando a maioria dos parentes de olhar pesaroso aparece pra visitar. E as enfermeiras estão muito ocupadas, com as bandejas de jantar e tudo mais.

Então, fizemos o seguinte: vestimos nossos trajes, cada um no seu quarto, depois seguimos, silenciosamente e em nossas cadeiras de rodas, até a pequena recepção, no local habitual da harpa. Ficamos ali sentados, em nossas cadeiras, maquiados no estilo Halloween: nosso rosto pintado de verde-claro, com imensos círculos pretos ao redor dos olhos e filetes vermelhos escorrendo de nossas bocas (um dos irmãos caçulas de Sylvie trouxe um kit de maquiagem de vampiro e teve o bom senso de ficar de bico calado. Bom garoto!). O nosso figurino era composto de camisetas pretas do Black Sabbath, da minha coleção, e a Sylvie — fiquei surpreso por ela ter energia pra isso — fez um garfão vermelho, de Diabo, com uma haste de apoio do soro. Na verdade, ela pintou o troço todo com esmalte vermelho de unha, um projeto e tanto, e ficou segurando o troço. Para entrar no clima, coloquei uma das fitas de *rave* do meu tio no CD *player*, que ficou no meu colo, e nós colocávamos no último volume toda vez que saía um pobre coitado do elevador. E eu fiquei

segurando meu cartaz — DESCENDO! OU SEJA, VOCÊ!!!! — escrito com efeito de labaredas. Sempre que alguém resfolegava e recuava, eu a Sylvie dávamos gritos agudos, feito dois demônios insanos.

Tudo bem, foi uma piada infantil. Mas foi engraçado pra cacete. Só que a Sylvie — aquela garota é muito mais durona do que se imagina, considerando que tem um metro e meio de altura, ou seja, pouca coisa maior que uma anã, e é careca — tinha planejado uma coisa, sem me contar, algo totalmente da tradição da Cabbage Night, e que tinha bolado sozinha.

A Sylvie pegou um isqueiro, três caixas de lenços de papel e tacou fogo! Sem sacanagem! Tinha focos de labaredas de verdade pelo chão. Ao menos por um milésimo de segundo, antes de as portas do inferno se abrirem. Enfermeiras e médicos, zeladores e voluntários, até padres e rabinos — sempre têm uns seis caras de preto circulando em nossa pequena recepção — todo mundo veio correndo e gritando, e uns nove mil pés pisotearam pra apagar aqueles três foguinhos.

Eu e a Sylvie rolávamos de rir. Rimos tanto que quase caímos das nossas cadeiras. Simplesmente não conseguíamos parar, nem quando todos começaram a gritar conosco, dizendo pra que fôssemos de volta para os nossos quartos e não saíssemos mais. Porque isso foi mais engraçado ainda — eles nos mandando para nossos quartos, como se fôssemos criancinhas. Uma punição e tanto. Quer dizer, o que eles iam fazer? Nos matar? Ou nos condenar à morte?

Mas, na verdade, pra mim, a melhor parte foi quando um dos visitantes, o filho da Sra. Elkins — eu o conheço, uma vez joguei buraco com ele, na sala de visitas — me agarrou pelo braço e gritou: “Qual é o seu problema, Richie? Onde está o seu respeito? Que diabos há de errado com você?”.

E eu tive a chance de dizer uma das minhas frases preferidas, aquela que digo trocentas vezes por dia, sempre que algum novo padre, rabino, enfermeira, atendente, faxineiro, visitante ou qualquer um pergunte o que há de errado comigo. Eles parecem nem entender. Claro que eu sou novo demais pra estar aqui, então, qual é? A conversa é sempre assim, eles dizem: “Por que você está aqui? O que há de errado com você, filho?”, e eu faço uma cara séria, com olhos inocentes, e digo: “Eu tenho síndrome de ALECTO”. E quando eles ficam com cara de tacho e geralmente dizem: “Hã?”. Daí eu digo outra vez: “Síndrome de ALECTO. É um acrônimo”. Alguns deles nem sabem o que isso significa, mas eu sempre espero um segundo, antes de dizer: “Tenho a síndrome de Alguém Lá Em Cima Te Odeia”.

É um diagnóstico muito bom, não acha? Pra mim, pra Sylvie, pra qualquer um da nossa idade que vem parar aqui, em lugares como esse hospital, para gente em cujo obituário vai estar escrito que travamos “uma batalha corajosa contra ‘aquela doença’”.

De que outra maneira seria classificada a nossa sorte? ALECTO é a única resposta possível.

De qualquer forma, aquela foi a última vez que eu vi a Sylvie sair de seu quarto durante alguns dias, pois acho que aquilo a deixou muito cansada, toda aquela preparação e a empolgação. Quer dizer, não posso fingir que conheço a garota tão bem assim, já que nos conhecemos quando viemos parar aqui. Eu cheguei primeiro e ela veio um dia e pouco depois, e nós nos conhecemos no corredor, juro por Deus, fizemos exatamente a mesma pergunta que todos nós, chatos de longa data no hospital, costumamos fazer, uns aos outros: “Por que você está aqui, cara?”. E ela disse — pois, como eu falei, ela é mais durona que eu, e nunca fica de rodeios: “Estou aqui porque esses babacas acham que eu estou morrendo, mas não estou”. E eu, que fico meio travado quando estou perto de garotas, principalmente de uma tão legal como a Sylvie, disse: “É, eu também”. — Mas não sei que parte era o eu também — a parte de morrer, ou não. Às vezes, não fica tão claro quando você pensa na situação, apesar da palavra *terminal*. Ora, quem pode realmente saber?

Bem, pelo menos a Sylvie conseguiu arranjar confusão na Cabbage Night, como qualquer criança que não sofre de ALECTO. Quando a sua família apareceu, seu pai berrou com ela, por tipo, uma hora! Eu ouvi. Depois ele soltou os cachorros no irmãozinho que arranhou a maquiagem, e o moleque saiu correndo do quarto da Sylvie feito um coelhinho assustado. Aquele homem tem um gênio do cão. A mãe da Sylvie também gritou com ela, depois sentou no corredor e ficou chorando.

Mas eu posso lhe dizer: valeu muuuito a pena. Aquelas labaredas, só por um segundo, foram reais. Quentes, luminosas, totalmente reais, e, por alguns minutos, deu pra sentir o cheiro da fumaça, em vez daquele ar abafado de hospital. Fumaça de verdade. E, cara, a Sylvie pôde usar maquiagem e isso foi um grande *plus*. Eu sei que ela gostou da maquiagem. Ela é uma garota, sabe, embora agora sua fisionomia pareça piada de Halloween. Mas eu ainda consigo ver a garota de verdade, por baixo da máscara da morte.

CAPÍTULO 2

Apesar de ter sido incrível, toda aquela performance da Cabbage Night me deixou exausto. E não é uma exaustão que pessoas comuns sentem, posso lhe garantir. Pra falar a verdade, agora estou num estado bem ruinzinho. Quer dizer, não quero ficar falando dos detalhes da doença, e tudo mais, porque é tedioso demais e nojento, mas as coisas pioram um pouquinho, principalmente à noite. E estou falando de uma noite comum, não de uma Cabbage Night. Eu gostaria de dizer que fiquei acordado até meia-noite, como a vovó costumava fazer, mas não. Fui com a minha cadeira de rodas pro meu quarto, tipo sete e meia e fiquei ali sentado, tremendo e tentando não vomitar por uns vinte e cinco minutos, até que Jeannette, uma das minhas enfermeiras favoritas, negona de sorriso fácil, entrou e disse: “Ora, ora, Sr. Endiabrado, agora não está parecendo tão animadinho. Precisa de ajuda aqui?”.

E eu tentei sorrir. Mas meu rosto estava rijo do grude da maquiagem e minhas vísceras reviravam. Por sorte, eu não como mais — por opção minha. Uma decisão simples de bom senso dos que estão em nossa posição: se você não comer, não precisa cagar. Se você algum dia sentou numa comadre rosa de plástico, enquanto todo mundo fica circulando em volta da sua cama, afagando suas costas e lhe segurando pelas axilas, e ali está você, encurralado, e suas tripas estão se desmanchando, você entende. No hospital, eles não te forçam a comer, nem a beber energético. Por eles, está tudo bem, se você preferir pegar um pouquinho mais leve, pra ter uma boa noite.

De qualquer jeito, antes que eu pudesse dizer “Bu!”, a Jeannette já estava com um paninho umedecido com água morna, limpando meu rosto. E rindo sozinha, o tempo todo. Mergulhando o paninho, que era branco, numa bacia de água, que já revolvía verde, preta e vermelha, enquanto ria e sacudia a cabeça. Quando terminou, ela me pegou embaixo dos braços e me arrastou pra cima do colchão, como se eu tivesse três anos de idade. Quer dizer, essa mulher é forte. Sou magrinho, claro, mas cresci bastante, no ano passado.

Tenho quase 1,80 metro e fico tranquilo com o fato de 82% das enfermeiras serem gordas, segundo uma pesquisa não científica de Richie Casey feita há, tipo, um milhão de anos, cobrindo um monte de hospitais. Elas têm músculos por baixo da banha e, cara, conseguem te levantar. Isso é o tipo de coisa que você passa a gostar quando grande parte da sua força muscular se foi com o vento. E você tem pernas que parecem dois palitos de dentes e costelas que mais parecem uma carcaça de peru depois do Dia de Ação de Graças. Ah, e algo perto de 54% das enfermeiras fumam. Claro que elas sabem que esse é um vício letal, mas, levando em conta o que elas veem, ouvem e o cheiro que sentem, todos os dias, dá pra culpá-las? Eu também adoraria fumar — e, agora que estou pensando —, isso podia ser algo que eles deveriam nos deixar fazer aqui no hospital, não? Vou levantar esse papo com os administradores, eu juro. Vou acrescentar à minha lista de desejos.

Jeannette remexeu nos lençóis, por um minuto, depois colocou as mãos nos quadris e sorriu pra mim.

— Aquele teatrinho que vocês arranjaram foi divertido, meu caro, tenho que admitir. Você e sua namorada certamente quebraram a monotonia, e eu sou grata por isso.

Então, o sorriso se transformou numa cara feia, mais assustadora que qualquer máscara já inventada. Foi como se dentes pontudos tivessem crescido na boca de Jeannette, e seus olhos cuspissem faíscas, juro por Deus.

— Só que se vocês dois acenderem fogo neste lugar de novo, serão um casal arrependido. Se eu pegar um de vocês com um isqueiro ou fósforos ou até se estiverem esfregando dois gravetos um no outro, vão me pagar muito caro. Estou falando sério. Entendeu?

— Sim, senhora. Entendi — eu disse.

Mas, na verdade, eu estava tão empacado no fato de ouvir alguém se referindo a Sylvie como minha namorada, e a nós dois como um casal, que acabei não ouvindo o restante. Então, Jeannette pregou outro adesivo para dor no meu ombro — a cada três dias, grudam 50 mg de um analgésico superpower em mim. Não é tão bom quanto a versão intravenosa, mas estou farto de agulhas. Chega de espetadas, agulhadas, beliscadas. Isso é passado. E eles ainda podem me colar o adesivo “antidor” sempre que eu pedir, me disseram. Acho que tem de até 100 mg! Depois disso, é direto na morfina, qualquer dose, qualquer hora. Eles prometeram. É sempre bom ter um plano para o futuro.

Jeannette também passou um gel antináusea no meu punho, um gel que chamo de “afasta o Raul”, e eu fiquei como pinto no lixo, pegando no sono, chegando a um mundo onde Sylvie e eu íamos assistir a um filme de garotas — um romance fraco que ela me convencera a assistir — e estava tudo bem, porque na semana seguinte, nós íamos assistir ao *Exterminador*, que era escolha minha. Depois a gente ia comer pizza de pepperoni com camada dupla de queijo, depois ficávamos de sacanagem no imenso sofá que tem no porão da casa dela, e ela me deixava fazer mais coisas do que eu jamais tinha feito, com minhas mãos por todo lado. Lábios e língua também. Quer dizer, eu quase cheguei ao céu.

Então, um demônio de verdade me fez uma visita. O pai de Sylvie. Fedendo a cigarro e conhaque, com o rosto suado e vermelho. E uma barba por fazer que lembrava um porco espinho. Quer dizer, o cara simplesmente foi entrando. E essa é uma das piores coisas desse lugar e de todos os quartos de hospital da Terra. Qualquer um pode simplesmente ir entrando. Nem bate. Não há um fiapo de privacidade nesse lugar. Quer dizer, claro que tem portas em nossos quartos, e, às vezes, nós conseguimos mantê-las fechadas por doze segundos seguidos, mas as portas têm vidro — totalmente transparente. Então, ali está você, exposto, dia e noite. Isso já basta pra fazer um garoto grande chorar. E nem tente colar um pôster com fita isolante ou mesmo pendurar uma toalha em cima daqueles vidros. Nada atrai mais uma legião de enfermeiras iradas e terapeutas inquietos do que isso.

Eis o que eu gostaria de dizer a todos: “Ouçam bem, nós somos adolescentes. Em casa, nós temos placas de NÃO ENTRE, nas portas dos nossos quartos e — obviamente — fechaduras. Batemos a porta na cara de todo mundo pra ficarmos no santuário trancado e

particular de nossos quartos. Enfim, livres!”.

Mas aqui... Que droga, sem chance. Um exemplo: aqui, a mãe de Sylvie e seus três irmãozinhos ficam em seu quarto o dia todo, todo dia. Hora após hora, minuto após minuto, *o dia inteiro*. Os pequeninhos gêmeos, eu acho, ficam brincando com carrinhos na moldura da cama dela, e o maior — o fornecedor de maquiagem — senta num canto, com uma pilha de gibis. A mãe cacareja em volta dela sem parar, com os olhos vermelhos e o rosto inchado. Uma vez, eu ouvi a Sylvie gritar com a mãe, que provavelmente só tinha perguntado algo simples, tipo: “Quer mais um travesseiro, meu bem?”, e a Sylvie berrou: “Não, não quero. Quero ficar em paz. Me deixa em paaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaz”. Juro por Deus, essa última sílaba se estendeu por, tipo, vinte segundos, até que a Sylvie ficou sem fôlego. Então, sua mãe — uma senhorinha de cabelos curtos e escuros, toda rechonchuda — e os três garotinhos se arrancaram de lá, todos aos prantos. Depois, ouvi a Sylvie resmungando em sua cama, dizendo “Merda, merda, merda, merda, merda”. Naquela tarde, eu não passei nem perto daquele quarto. Depois disso, os meninos nunca mais vieram à noite e sua mãe sempre vai embora por volta de sete horas. Agora é o pai de Sylvie que fica acampado na caminha de armar, no quarto dela, toda noite. Então, continua sendo a rotina sem privacidade: mãe e irmãos o dia todo, pai à noite. E quando o pai está lá, a Sylvie nunca, jamais grita com ele.

Preciso deixar claro uma coisa em relação ao pai da Sylvie: aquele homem me deixa borrado de medo, mesmo quando eu *não* estou sonhando com a filha dele. O homem é tão doido, tão enfurecido, tão triste e tão... nem sei como dizer isso, mas é tipo... tão explosivo pelo fato de que a filha está morrendo, que ele exala vapores tóxicos. De verdade, o homem reluz alaranjado e fede a ovo podre. Juro, é puro enxofre correndo nas veias. E ele odeia todo mundo. A Sylvie conta que ele é advogado, mas eu não sei, ele parece mais a porra de um mafioso.

E esse é o cara que entra batendo os pés no meu quarto, debruça sobre minha cama, na própria noite da Cabbage Night. Isso, sim, é um truque cruel. Estou mais que só ligeiramente entorpecido e meio com tesão, além de superexausto, então tudo isso tem o que se pode chamar de sensação de pesadelo. A pior hipótese de sonho se tornando realidade. Primeiro, o homem sacode a estrutura metálica da lateral da minha cama. Ele se debruça e chia:

— Está acordado, espertalhão?

E eu deixo que meus olhos se abram. Seus olhos vermelhos estão a cinco centímetros dos meus e ele está baforando na minha cara, com aquele hálito de dragão. Por baixo do lençol, eu coloco uma das mãos sobre o botão vermelho de chamada, só pra garantir. Esse é o negócio: você fica totalmente impotente nessas camas. É uma porra de um berço. Como se você fosse um *bebê*. Que nem um pato, esperando o tiro. Portanto, seu único meio de pedir ajuda é o botão de chamada.

— Sim, senhor — eu digo. — Estou acordado.

Ele chega ainda mais perto e diz:

— Então, ouça bem, seu babaca. Fique longe da Sylvie. Deixe a porra da garota em paz.

Seus olhos estão cheios de água, quando ele diz:

— Você sabe o quanto ela está cansada, depois da sua brincadeirinha? Ela desmoronou no quarto e a enfermeira quase não conseguia medir seu pulso. Foi como... como nada. Quase me matou de susto. Seu babaquinha.

Ele estende a mão e agarra a frente da minha camiseta, ainda aquela preta, do Black Sabbath.

— Eu não sei que tipo de piranha baixo nível te criou, nem por que seus pais não estão aqui, mas eu estou, está certo? E se você chegar perto da Sylvie novamente, você vai...

Mas ele não consegue terminar porque eu sento, rugindo, e simplesmente começo a gritar e dar socos. Porque ninguém, e eu estou lhe dizendo, ninguém chama minha mãe de piranha baixo nível. Acerto um soco em sua boca, antes que dezenove pessoas entrem correndo no quarto e puxem o homem da minha cama. Não foi grande coisa, mas tive a satisfação de ver o sangue escorrendo do lábio dele, antes que Edward, o imenso enfermeiro gay, o pusesse pra fora do meu quarto, com força. Sabe, o Edward não gosta nem um pouco desse homem, por causa do incidente anterior, no posto de enfermagem, do qual ouvi falar. Histórias assim percorrem os corredores feito morcegos dementados. Qualquer tipo de euforia, uma boa fofoca, quer dizer, isso é o nosso pão de cada dia. E, naquele dia, o dia do incidente, houve gritaria e xingamentos e a segurança foi chamada e rolou muita merda, pra animar as coisas. Enfim, digamos apenas que o Edward não é muito fã do velho da Sylvie. E isso é bom, porque você vai querer o Edward do seu lado, pode acreditar, e eu estou bem certo de que ele está do meu lado. O Edward me dá cobertura.

Depois, a Jeannette ficou sentada comigo, por um tempo, limpando os nós dos meus dedos, que se cortaram quando eu dei um murro nos dentes do homem. Ela coloca gaze em volta da minha mão direita, suspirando e soltando “tsc, tsc, tsc” com a língua, murmurando baixinho. Tento explicar e só consigo dizer:

— Ele disse que a minha mãe era... — e ela me faz calar com um afago no ombro.

— Eu sei meu bem. Apenas fique deitado agora, descanse. Seu coração parece um martelo de carpinteiro. Não gosto disso. Apenas fique quietinho agora.

E eu adormeço com a mão dela afagando a minha testa, e é quase como ter a minha mãe comigo. Embora eu tenha ficado muito feliz porque minha mãe não ia aparecer por aqui por um tempo, agora parece que eu a quero. Não sei, é bem complicado, não é? Famílias. Adolescentes e pais. É tudo muito estranho.

Famílias. É um daqueles aspectos do hospital que deixa todo mundo maluco. Nas alas normais do hospital, eles mantêm certa ordem quanto ao número de familiares que podem aparecer de uma só vez e incomodar você, e tem tipo um horário pra visitas, e horas que ninguém deve estar por ali, então você tem uma folguinha. (Exceto pelas famílias porto-riquenhas. Cara, ninguém consegue fazer aquela gente ficar lá fora: avôs, tataratios, dezessete tias com três filhos cada, sem falar nos pais e irmãos... todos aparecem, trazendo alguma comida, em quentinhas de alumínio, com cheiro de alho, cebola e outros temperos. A família toda aparece dia e noite.

Tive minhas melhores refeições na vida sempre que meu companheiro de quarto era

porto-riquenho ou dominicano ou algum cara de origem hispânica. Ou, agora lembrando, algum judeu ortodoxo — aí, aparece todo tipo de coisa feita em *delicatessen*. E nas noites de sexta-feira, cara, hordas de gente aparecem esbaforidas escada acima — não podem usar o elevador — e acendem velas no quarto, servem pão fresco com frango assado. Um banquete. E aqui vai um conselho grátis de Richie pra todo mundo: se você for passar um tempo no hospital, alegue que precisa comer *kosher*. Eles não conseguem preparar isso numa cozinha institucional, então pedem fora. Peito, pão de cebola, pão preto, pudim, tudo isso.)

Mas, aqui, é outra história. Não tem regra de visitação ou limite de número para visitantes. Aqui, como gostam de lembrar a todos, eles estão “tratando da família toda”. Ótimo, então, é tipo loucamente congestionado em alguns quartos, e até a meia-noite tem gente por todo lado, entediada e impaciente, estressada e um monte de pé no saco. Sem parar. É como morar no metrô. Uma bosta.

Certo, voltando à história da minha mãe, mas em versão resumida. Sempre que eu estou no hospital, a minha mãe vem em seu horário de almoço e tarde da noite, e ela dorme no meu quarto, na caminha de armar, ou onde conseguir se encolher. Quer dizer, ela vem mantendo essa rotina, fazendo e parando, desde que eu tinha onze anos e comecei a passar tempo demais nos hospitais. Algumas dessas estadias foram, tipo, meses e meses. Algumas, só alguns dias. Mas ela sempre esteve ali, encolhida em alguma caminha vagabunda, a noite inteira, toda noite. Ela precisa continuar trabalhando, então não pode passar o dia todo comigo. Eu nasci quando minha mãe tinha exatamente a minha idade: dezessete anos. Éramos só nós dois, e ela trabalhava em dois empregos — o que conseguisse arranjar e, por sorte, ela é boa com números, e consegue fazer a contabilidade, coisas desse tipo. Mas, às vezes, era só um emprego de caixa num supermercado. Ela se matava de trabalhar, sempre, e pagava nossos planos de saúde sozinha.

Mas, recentemente, a minha mãe tirou uma licença não remunerada dos dois empregos, quando a palavra *terminal* aparecia toda hora no meu prontuário e, finalmente, quando o hospital passou a ser meu endereço permanente. Minha mãe, que nunca tirou um domingo de folga pra descansar, durante toda a minha vida, agora tirou uma licença. Ela tirou o que o babaca do seu chefe chama de licença por compaixão: o que significa sem pagamento. Quer dizer, que porra de compaixão é essa? Mas ela diz que isso não importa. O que importa é que agora ela está comigo, dia e noite. E eu juro que ela parece mais doente que eu, e treme e chora, e tem que ir lá fora fumar um cigarro a cada meia hora. À noite, quando ela volta pra dentro, eu deixo que ela me dê um beijo de boa-noite, como se eu tivesse dois aninhos, depois ela adormece e eu olho pra ela, toda encolhida naquele sofá vagabundo, com o rosto murcho e os olhos inchados, e acho que vou perder a cabeça. E, às vezes, eu perco. Nos únicos momentos em que a porra da tristeza vem à tona, e eu quero matar qualquer um que possa magoá-la e, sim, eu sei que mais ninguém na Terra poderia magoá-la como eu estou magoando agora. E isso é o pior de tudo. Isso é o ALECTO vingativo. É simplesmente uma bosta, tudo isso.

Respire fundo. Deixe pra lá, Richard. Pronto. Respire mais três vezes. Conte de cem até um. Noventa e nove. Noventa e oito. Noventa e sete. Noventa e seis. Noventa e cinco. Noventa e quatro. Noventa e três...

Certo. Então, essa semana, eu levei uma bronca. Minha mãe pegou uma gripe. Febre alta, tosse encatarrada, o negócio todo. Talvez seja até de um tipo sério, o exame de sangue ainda não saiu. E isso é uma coisa que a ala terminal não permite em seus visitantes. Gripe. Que maluquice, não é? Quer dizer, todos nós vamos morrer, de qualquer jeito, mas eles não podem permitir que o processo seja acelerado com um empurrãozinho amistoso de um vírus traiçoeiro. Nem me pergunte. Nada disso faz sentido e me dá dor de cabeça ficar procurando a lógica.

Quando eu soube que a minha mãe estava realmente doente, primeiro, eu fiquei com medo. É engraçado que eu tenha ficado preocupado com a saúde dela — e isso é uma virada muito estranha, eu vou te contar. Mas, de repente, caiu a ficha: eu teria uma semana sem supervisão de um responsável. Eu ia entrar no estágio de nirvana adolescente, a semana com a qual todos sonham, aos dezessete anos, a semana que a galera viaja e você fica em casa sozinho. Claro, eles ligam dezoito vezes por dia — mas ligar não significa estar vendo, não é? Ligar não é supervisionar a cada minuto. Ligando não dá pra ver a pirâmide de latas de cerveja atrás de você, e os pedaços de bacon frito grudados no teto da cozinha, onde seus amigos fizeram um campeonato estranho de arremesso. Ligar é só um pequeno Band-Aid no estrago adolescente.

Então, nessa semana, a minha mãe me ligou constantemente... e ligou. E ligou. E ligou. E disse que estava melhorando um pouquinho a cada dia, então, eu não precisava me preocupar. Mas eu também sabia que meu tempo de liberdade relativa seria curto.

Naturalmente, eu seria o pior possível, enquanto pudesse. Esse era o plano. Mas todos nós sabemos o que acontece com os melhores planos — assim como ocorre com os piores — feitos por ratos e homens, não é? Pode crer.

CAPÍTULO 3

No Halloween, eu acordo me sentindo muito caído. Tive um sonho — um sonho em que era manhã de Halloween, havia muito tempo. Foi como se um dos melhores dias da minha vida tivesse voltado, como se só estivesse escondido atrás das minhas pálpebras, todo esse tempo, esperando que eu o revivesse. Essa sempre foi a minha época preferida do ano: o melhor feriado das crianças, seguido pelo meu aniversário, em 12 de novembro, quer dizer, é um céu infantil. No sonho, as coisas eram como foram um dia. Eu tinha uns oito anos e estava completamente doido de tanta empolgação pela minha fantasia de lobisomem. Isso foi perto de três anos antes que os monstros de verdade marchassem pra dentro da minha vida. Cirurgiões, oncologistas, radiologistas, todos aqueles caras com bisturis, venenos e raios venenosos. Isso foi nos bons e velhos tempos, quando os monstros eram fantasia.

De qualquer forma, nesse sonho, assim como na vida real, minha mãe tinha costurado mechas de lã marrom no meu suéter de gola alta e na calça marrom de veludo cotelê, e até num par de luvas velhas. Depois ela prendeu a lã num par de botas marrons e eu fiquei todo peludo. E ela me deixou comprar uma daquelas máscaras superlegais — detonou parte de seu pagamento na loja de Halloween, no shopping de Albany. Nós sempre fazíamos um passeio especial de outubro, indo até lá. Aquele lugar era a minha ideia do paraíso. Eles o mantinham escuro, com luzes azuis e verdes piscando ao redor, e fitas com sons de gritos o tempo todo. E era cheio de crianças e de todos os tipos de máscaras, todas penduradas nas paredes. Eu acreditava que as criaturas viviam dentro daquelas paredes e enfiavam a cabeça pra fora, pra que eu soubesse que elas estavam ali. Tinha umas capas compridas, espadas e armaduras, e... tudo era muito caro, mas todo ano a minha mãe sempre me deixava comprar alguma coisa incrivelmente legal. Naquele ano, havia sido a máscara do lobisomem. Tinha um focinho comprido e a boca cheia de dentes enormes e uma língua vermelha. Orelhas pontudas de lobo e pelos pretos acinzentados em cima. Eu adorei e quase não a tirava, nem pra comer. Então, lá estava eu, pulando por todo lado, em nosso apartamentinho, completamente enlouquecido pra levar a fantasia completa pra escola, e mostrar no desfile que teríamos à tarde. E a minha mãe ficava rindo de mim, ao colocar o traje num saco plástico.

— Calma, garoto. Você tem que esperar só um pouquinho, Rich-Man — disse ela. E se aproximou e passou a mão no meu cabelo.

Então, o sonho mudava e era o desfile, e no mundo dos sonhos, eu juro que vi todos os garotos da minha turma da terceira série: seus rostos, suas fantasias. Cada um deles, exatamente como eles eram, quando todos nós tínhamos oito anos. Eu me lembro dos rostos deles nitidamente. Até sinto o cheiro do interior da minha máscara — uma mistura de borracha suada e do meu hálito de chocolate recheado. Tudo era perfeito: nesse dia, nós estávamos ao ar livre, num dia lindo e claro, e as folhas estalavam sob nossos pés. Tínhamos

permissão para uivar e berrar, contanto que ficássemos enfileirados. E eu sabia, daquele jeito que você sabe nos sonhos, que a Sylvie estava adiante, na fila, depois de só uma pessoa. Como se ela tivesse acabado de aparecer para o desfile, como se fosse uma garota nova na nossa turma. E ela virava a cabeça e era a Sylvie como eu nunca vi, exceto em algumas fotos presas ao quadro de avisos do quarto dela: Sylvie com cabelo preto comprido, olhos castanhos brilhantes e covinhas nas bochechas rechonchudas. Sylvie com uma fantasia de bruxa, chapéu preto pontudo, no qual ela pintou estrelas e luas prateadas, e um vestido preto comprido que arrastava no chão. E eu via que ela ia tropeçar na bainha de bruxa, então ia correndo atrás dela — nossa, cara, eu era um lobisomem cavalheiro — e pegava a beirada da saia, e ia marchando atrás dela, e ela sorrindo pra mim, por cima do ombro, o tempo todo. Depois soprava um vento forte e — *puf* — sumia tudo. E eu ficava só com um pedacinho de pano preto na luva e quase toda lã havia sumido das minhas botas.

Quer dizer, isso já é o suficiente pra partir o coração de qualquer um, só isso: o Halloween perfeito sumindo num segundo. Hoje em dia, os sonhos fazem isso. Partem meu coração. Mas o pior ainda estava por vir. Eu acordo e lá está Irmão Bertrand. Ele é um tipo de *nerd* sacerdote. Não sei como se chama, eu chamo todos os religiosos de Irmão. Até as mulheres. Pra mim, esse é só o desprezo que eu quero transmitir aos representantes de Alguém Lá Em Cima, sem ser totalmente desrespeitoso. Alguns deles riem.

Bertrand está sentado ao lado da minha cama, provavelmente há horas, enquanto eu durmo inocentemente. Num ataque sorrateiro, ele estava ali, murmurando sobre a minha alma inebriada. Dou um gemido e viro de costas, me inclinando acima da cama, fingindo vomitar. Mas ele continua a murmurar.

— Sai fora, cara — eu resmungo. — Eu lhe disse, não quero falar com você. Me deixa em paz. Estou doente.

Imagino que valha a tentativa, embora eu saiba que esse Irmão não desiste facilmente. Tenho a profunda desconfiança de que minha mãe pediu que ele me checasse, enquanto ela não pode vir. Ele e uns nove conselheiros diferentes, e outros mais. Ela não deixa passar nada, gripada ou não.

Portanto, eu não me surpreendo, quando o homem diz:

— Não, Richard. Deus não o deixou e eu também não deixarei.

Eu rolo pro lado e abro um olho, é tudo que consigo suportar. Bertrand tem uns trinta e cinco anos e é o cara mais emporcalhado que eu já vi. Seu casaco preto e o colarinho preto estão sempre parecendo que alguém imprimiu as digitais sujas de ovos mexidos no troço todo, ele é pálido e pastoso, e imensamente gordo, e tem dedos que mais parecem minhocas brancas. E cabelos ruivos brilhantes grudados no couro cabeludo rosado. Juro por Deus, é como ter um palhaço atarracado e imundo, na cabeceira da sua cama, na hora que você acorda. No mundo real, ninguém suportaria isso, nem por três segundos. Se isso fosse um hotel, alguém ligaria pro gerente e mandaria jogar esse cara na rua. Alguém chamaria a polícia e a galera de guarda-pó branco. As manchetes mostrariam: LUNÁTICO INVADE QUARTO PARTICULAR, IMPONDO PRECE INDESEJADA, ENQUANTO O CARA DORME. CRUCIFIXO E BÍBLIA USADOS COMO ARMAS.

Mas aqui? Não. Aqui, nada menos que na manhã de Halloween, o lunático senta numa cadeira plástica verde, com as nádegas apertadas dos dois lados, e sorri pra mim, em minha cama alta. E eu não posso fazer porra nenhuma a respeito. Estou impotente em minha jaula de grades de aço.

Então, o velho Bertrand ergue os olhos de seu livro preto e diz: “Você criou uma cena muito terrível, ontem à noite”.

Eu só fico olhando, fulminante.

— Primeiro de tudo — ele prossegue, ignorando o olhar de raio mortal que estou lançando ao seu crânio rosa —, é um negócio arriscado convidar Satã para entrar em sua vida, mesmo que de brincadeira. Satã não brinca. Ele está à espreita, a cada segundo do dia. Sua fantasia e sua postura na tarde de ontem foram tolas.

Ele balança a cabeça e os tufos de cabelo laranja sacodem em seu couro cabeludo.

— Eu me pergunto por que alguém em sua situação se arrisca a trazer o mal para sua vida? Por que, eu me pergunto, você convidaria aquela pobre garotinha meiga para se juntar à sua insensatez?

Eu abro o outro olho. Olhar de raio duplamente mortal.

— Ei, sabe de uma coisa, Irmão? — digo. — Você está certo. Absolutamente correto. Você é um gênio. Você adivinhou e realmente aconteceu. Sim, senhor, o diabo em pessoa visitou meu quarto, ontem à noite. Soprou fogo e enxofre bem na minha cara. E sabe o que eu fiz? Dei-lhe um soco na cara.

Eu ergo as minhas mãos enfaixadas.

— Dei-lhe um cacete. Portanto, minha alma está salva, cara. Você pode ir salvar outra pessoa. Acho que a esperta da Sr. Elkins, sabe, aquela velhinha do quarto 301? Ela anda vendendo drogas em seu quarto. Crack, heroína, essas merdas todas. E houve sessão lá, numa noite dessas, perto de meia-noite. Tabuleiro Ouija, velas pretas, pentagramas invertidos, tudo que tem direito. Ela está, tipo, invocando demônios, a torto e a direita. É melhor você ir falar com ela.

Isso é realmente engraçado, se você conhecer a Sra. Elkins. Ela tem tipo noventa e dois anos, nunca esteve consciente, desde que eu cheguei aqui. Ela é miúda e está embrulhada em lençóis brancos, o tempo todo; parece um casulo preso na cama. Quer dizer, ninguém olha ali dentro e pensa que é um ser humano, nem em um milhão de anos. Só que seu filho — portanto, ela supostamente teve um filho, logo, era uma mulher viva, que respirava, fazia sexo e tudo mais, isso simplesmente faz a cabeça pirar — está sempre circulando por aqui, impaciente e ranzinza. De qualquer jeito, a ideia da Sra. Elkins como cartel de uma mulher só, adoradora do diabo, é bem brilhante. Mas eu realmente não espero que Bertrand aprecie minha perspicácia.

E não aprecia. Com sorte, ele vai ficar zangado e todo melindroso. Isso é o melhor que pode acontecer: se você consegue injuriá-los, eles vão embora. Apesar de que depois eles geralmente se sentem mal por deixarem que um garoto moribundo os irrite, e voltam, cheios de arrependimento e penitência, até pior que toda aquela integridade, como se precisassem que você desse a absolvição a *eles*. Mas, por hora, esse Irmão sacode a cabeça e

põe o dedo na minha cara.

— Você está andando em gelo muito fino, filho — diz ele. — Muito, muito fino.

Depois, seu traseiro gordo sai do meu quarto e eu tenho cerca de onze minutos de paz, antes que Edward apareça com minha bandeja de café da manhã.

Mas, como eu disse, não como. E também disse isso ao pessoal das refeições, e depois disse de novo. Deixei bem claro: nem tragam esse grude pro meu quarto. Mas três vezes ao dia, aparece uma bandeja. Cheia de bagulhos nojentos. Hoje é uma gororoba de ovos mexidos, salsicha engordurada, torrada mole e pudim com vitamina, gelatina verde, manjar, e um troço que eles chamam de suco engrossado, ou seja, um ponche que você pode tomar de colher, como se fosse um deboche cruel de uma raspadinha. Mas, justiça seja feita, tem uma xícara de café quente — e essa é minha única salvação. Eu me permito também colocar açúcar e leite no café. Minha única concessão à ingestão calórica.

Edward nem se dá ao trabalho de colocar o resto da tralha na mesinha acima da minha cama. Ele só me dá o café, que preciso segurar com minha mão esquerda, por causa dos dedos enfaixados. Edward revira os olhos, olhando para minha mão com curativo, mas não diz uma palavra. Ele só anda depressa em volta, arrumando as coisas, e diz: “Você vai tomar banho, jovem Richard? Ou quer se lavar na cama?”.

Preciso pensar. Na verdade, é uma decisão importante, acredite ou não. É uma mão de obra e tanto ficar limpo, por aqui. Mas, pra mim, é um ponto de honra, levantar todo dia e deixar a água correr pelo meu corpo. Não sei por que — não sou mais, e acho que não sou fedorento. Mas acho que é meu pequeno ritual. Ou simplesmente minha pontinha de normalidade. Então, eu geralmente faço.

E o mais estranho é que eu detestaria que meus antigos colegas de Segundo Grau — tipo, todos os três, já que ser popular não era prioridade em meu currículo — soubessem: eu só gosto que o Edward me dê banho. E, sim, ele é gay. (Não, ele nunca me disse isso — é simplesmente óbvio demais.) Então, o que isso significa? Acho que eu poderia me preocupar com esse negócio de preferência no banho, mas não ligo. Porque sei exatamente de onde vem isso.

Sabe, tempos atrás, em um dos hospitais, quando eu tinha quinze anos, fui lavado pela mais linda enfermeira do andar da oncologia. Uma das enfermeiras dos 18% que não são gordas. Jovem. Com sardas no nariz e um corpo todo modelado nos lugares certos daquele uniforme de poliéster. E ela era meiga. Certamente, qualquer um pode adivinhar onde isso vai parar. Nação humilhação, isso sim. Agora parece até engraçado, à época pareceu simplesmente o fim do mundo. Bem, lá estava eu, deitado de barriga pra cima, preso pelo intravenoso e drenos no peito, com todo tipo de dispositivo hospitalar, e lá estava ela, passando um paninho morno nos meus pés e panturrilhas. E ela estava conversando, como elas fazem, pra evitar que você fique constrangido — me contando uma história boba, sobre o chá de bebê da amiga dela, onde tinha os pijaminhas *maais* lindos e um ursinho *tããõ* bonitinho. E ela tinha cabelo castanho claro, comprido e cacheado, e toda hora punha uma mecha atrás da orelha (Minha mãe, uma vez perguntou “Por que as enfermeiras não usam mais aqueles chapeuzinhos?”, apontando aquele cabelo deslumbrante. “Isso não

é anti-higiênico?” Quem se importa? Eu pensei. Eu quero essa bactéria). Geralmente, as enfermeiras param pouco acima do joelho, e perguntam se você quer lavar suas partes íntimas ou simplesmente ignoram essa área. Mas essa lavava tudo. Alguma enfermeira-chefe disse que ela me lavasse todo e, *pelamordedeus*, essa garota vai lavar, Deus a abençoe.

Então, ela segue papeando — “tinha umas cadeirinhas tão lindas e mantas azuis”, blá-blá-blá — e o tal paninho está subindo pelas minhas coxas como uma língua morna. Ou o que eu imagino como seria uma — já que só posso imaginar. E, obviamente, eu fico de barraca armada, mais alta que o Monumento de Washington, e isso faz a enfermeira parar, de repente. Ela não consegue evitar soltar uma risadinha totalmente antiprofissional e diz um lisonjeiro (é o que prefiro pensar) “Minha nossa!”, depois dá um passo atrás, coloca o pano delicadamente em minha mão e diz, com a maior sutileza que consegue, olhando pro chão, tentando não sorrir, pois dá pra notar: “Bem, Richard. Façamos o seguinte. Acho que vou deixá-lo terminar sozinho”. Ela fecha a cortina em volta da cama e foge da minha tenda carregada de hormônios. “Você pode chamar, quando terminar.”

Bem, o que você faz? Eu lhe digo o que eu queria fazer. Eu queria implorar, suplicar e suborná-la pra voltar. Eu queria tocar a campainha de emergência e forçá-la a voltar. Queria que ela entendesse que isso era uma emergência médica, por tudo que é mais sagrado. Por favor, enfermeira, cuide de mim.

Mas, não. Não ia rolar, eu sabia disso. Embora eu nem saiba mais como funciona o velho Bingo. Quer dizer, eu era relativamente forte, mesmo no pós-operatório, aos quinze anos. Agora, com a idade avançada de dezessete anos, quase dezoito, sou um mero fantasma do meu antigo eu com tesão. Melhor assim. E o Edward geralmente é o único cara no turno da manhã. Mas está tranquilo, porque ele tem 1,90 m e deve ter perto de 150 kg: outro forte. E ele é veloz e delicado e não fica de papo. Dá um banho agradável, eficiente e sem frescura.

Bem, eu vou pular os problemas imbecis de entrar no chuveiro, quando você está fraco e oscilante, e o pavor de sentar sua bunda pelada em uma daquelas banquetas plásticas brancas, onde seu saco fica esmagado, encaixado no buraco de escoamento da água. É pateticamente cômico, claro, mas a piada fica meio passada, com o acontecimento diário. O importante é que enquanto estou ali, curvado em cima daquela banqueta ridícula, com xampu na penugem (que cresceu da terceira vez que fiquei careca) da minha cabeça, com Edward esfregando minhas costas (o cara sabiamente ignora todas as partes que estão penduradas ali embaixo), eu ouço uma voz ruidosa no corredor. Está gritando: “Ei, onde está o Rei Richard Primeiro, porra? Alguém avise a ele que seu velho tio está aqui para visitá-lo, pode ser? Diga que é hora de doce ou travessura”.

E meu dia muda completamente. Porque eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. É o meu tio Phil, irmão caçula, maluco e ovelha negra, da minha mãe. E, de repente, esse Halloween específico fica radiante.

CAPÍTULO 4

Eu grito lá do chuveiro:

— Ei, tio Phil, aqui dentro!

Edward só tem tempo de jogar uma toalhinha na minha virilha, depois a salinha cheia de vapor é preenchida por Phil, que está com cheiro de bacon e maconha, e do ar lá de fora — em outras palavras, tipo a minha ideia do paraíso. Eu tento sentar ereto em minha cadeira e tento, não sei exatamente como, estufar o peito para parecer maior e mais forte, e sei que estou com um velho sorriso no rosto, quando Phil tem a primeira visão de mim.

Os tênis de Phil escorregam e ele acaba caindo sentado de bunda, no chão molhado. Por um segundo ou mais, o homem põe o rosto nas mãos e fica ali amuado, imóvel como uma estátua. É quando eu tenho a visão real do meu herói: ele é alguns anos mais novo que minha mãe, então tem pouco mais de trinta anos. Mas parece um homem de meiadade, sentado ali, com a cabeça baixa. Ele está com uma área careca perfeitamente redonda, atrás da cabeça, como um círculo alienígena criado numa plantação, espreitando, em meio a um emaranhado de cachos castanhos. E ele está... bem, gorducho. Está com uma barriga redonda caindo por cima de sua elegante fivela de prata, do cinto de caubói. Mas o cara tem humor, sabe? Ele se reanima, olha pra cima e está com um sorriso ainda maior que o meu, mesmo com os olhos lacrimosos. E ele fica de joelhos e faz uma pequena reverência de cavaleiro, na frente da minha cadeira, abanando um chapéu imaginário e se curvando para frente.

— Seu humilde servo, Rei Richard — diz ele. — De joelhos aos seus pés nobres.

Esse é o tio Phil. Sempre com uma moda nova. Quer dizer, acho que ele é assim. Não sei muito sobre ele. Minha mãe o manteve ligeiramente distante, ou bem distante, durante a maior parte da minha vida. Eu só ficava ouvindo as histórias que ela ouvia ao telefone, quando falava com a mãe, em Jersey, onde Phil voltou a morar, com a vovó, logo depois que eu nasci. Com o passar dos anos, essas histórias foram se acumulando: Phil perdeu novamente a habilitação; Phil ligou da cadeia da cidade; Phil ficou sentado do lado de fora da clínica, chorando como um cachorro perdido; Phil abandonou a faculdade pública faltando três créditos para ter um diploma; Phil se casou; Phil se divorciou; Phil foi demitido; Phil foi processado; Phil se envolveu numa briga de bar; Phil levou trinta e um pontos; Phil isso; Phil aquilo. Quando eu era pequeno, só ouvia seu nome durante esses telefonemas, tarde da noite. Eu ficava lá deitado, na minha cama, no escuro, ouvindo as reações da minha mãe. Ela estava sempre meio rindo, meio chorando. E ficava dizendo coisas como “Ah, não. De novo? *I-na-creditável*. Ele é maluco?”. E a conversa se estendia, até que meio que se misturava aos meus sonhos. Eu secretamente achava que meu tio Phil só podia ser o cara mais legal do mundo.

Finalmente o encontrei algumas vezes, quando fiquei mais velho, com treze anos e

pouco. Um dia ele simplesmente apareceu no hospital da cidade de Nova York, onde eu estava internado, dizendo que queria me animar. E ele sempre aparecia e sumia, depois disso. Sempre trazia algum presente proibido: gel verde num tubo, salgadinhos de pacote, quando eu não podia comer nem gelatina, revistas de mulher pelada. Uma vez, ele me trouxe um jogo de *badminton* — como se alguém fosse me deixar armar as redes perto do posto de enfermagem e jogar pelo corredor. Minha mãe sempre dizia pra ele dar o fora, e ela jurava que não sabia como ele descobria onde nós estávamos, dizia que de jeito nenhum tinha contado a ele, mas sempre tinha um sorriso no rosto e dava um abraço nele, um abraço apertado, antes de dar um peteleco em sua cabeça e dizer que ele era o maior babaca do mundo.

Agora, ali na salinha do banho, tudo parece retroceder. Porque quando o tio Phil faz esse seu negócio de “seu humilde servo”, e fica ajoelhado na minha frente, quase beijando meus pés, eu vejo esse ponto carequinha — e, nesse momento, eu entendo uma coisa: ele não sabe que está careca. Não faz a menor ideia. É daquele tipo de calvície sorrateira que não dá pra ver sem dois espelhos, então, você vive naquela ignorância feliz, a menos que uma namorada ou barbeiro mostre. E, de alguma forma, eu imagino que isso nos deixe quites: eu, todo fraco e doente, e ele, ficando velho e careca, sem se dar conta disso. Porque eu nunca terei que passar por isso, não é?

Uma vez, eu fiz uma lista de todas as coisas com as quais não tenho que me preocupar — arranjar um emprego, ter filhos ingratos, me divorciar, ter dente do siso, colesterol — e, agora, eu posso acrescentar ter barriga e pentear o cabelo por cima da careca.

Edward está olhando com uma expressão que torço que seja diversão, mas ele precisa trabalhar e não pode ficar conosco o dia todo. “Ei, cara” — ele diz pro Phil. “Nós geralmente não recebemos visitantes no chuveiro. Você quer aguardar na sala de espera, enquanto o Rei Richard veste seu robe e se apronta para receber visita?”

E Phil, que realmente sabe se integrar ao cenário, recua até a porta, o tempo todo se curvando e acenando seu chapéu imaginário e também tropeçando nos próprios pés. “Certamente, meu senhor soberano”, diz.

Quando a porta se fecha atrás dele, eu sinto que o Edward merece uma explicação, e tento pensar em como explicar o Phil, mas isso não importa. Porque o Edward apenas começa a vestir uma camiseta limpa pela minha cabeça e diz: “Talvez queira colocar seu jeans, hoje? Em vez de sua calça de moletom de vovô?”. Ele ergue o moletom cinza gasto, que eu geralmente visto, pois afinal quem se importa com o pano que cobre a bunda, se você passa o dia todo sentado numa cadeira de rodas, ou deitado na cama? Eu concordo e ele vai pegar um jeans limpo no meu quarto. Quer dizer, ele logo sacou que eu quero parecer, tipo, humano e normal para o tio Phil. O Edward é realmente um príncipe entre os enfermeiros e, se fosse por mim, dobrariam o salário dele.

Quando ele volta e lutamos para que eu entre no jeans, tiro um minuto pra olhar no espelho da sala de banho. Geralmente nem me dou ao trabalho, mas, não sei, eu meio que gosto de estar com um visual legal hoje. E vestido, eu fico parecendo um espantalho careca e magrinho, mas isso não é tão ruim. Cabelo ralo arrumado e jeans comum três tamanhos

maior, então, está tudo certo. Meu rosto não é uma visão para os fracos. Não tenho cílios e a pele parece pó de giz. Sem problema. Estou me sentindo bem, cheio de energia. Edward está em pé, atrás de mim, olhando por cima do meu ombro, enquanto eu me olho, tentando arrumar a atadura da minha mão. Eu ergo diante do espelho e digo: “Ei, pode deixar, está bem? Está bacana. Pinta de durão, certo?”. Os nós dos dedos estão com hematomas e tem uma porção de cortes, meio melados e nojentos. E o roxo sobe pelo meu braço, e tem um preto meio em zigue-zague subindo do meu mindinho até meu punho. Parece o negativo de um raio, como uma tatuagem de cadeia. Adoro.

Edward está murmurando que eu deveria tirar um raios X do braço, porque posso ter quebrado aquele ossinho.

— Deixa pra lá, cara — eu digo. — Nada de intervenção. Está bem?

— Certo. E se você tiver uma infecção aí, quem vai se complicar? Eu, isso sim. — Ele me olha fulminante, no espelho. — Existe bactéria que come a carne, Richard. Staph, Strep. MRSA. C. diff. Tem uns troços cruéis por aí. Não senhor. Eu vou cuidar dessa mão.

E ele simplesmente começa a passar pomada antibiótica por cima e refaz o curativo com outra atadura, em cerca de quatro segundos.

Eu ergo novamente a mão, na frente do espelho. Todo enfaixado desse jeito decido que está legal. Como Rocky, o lutador. Posso viver com isso.

Sou levado de volta ao meu quarto, na cadeira de rodas, e Phil está deitado na cama, com seus tênis sujos bem em cima do lençol limpo que um auxiliar de enfermagem trocou, enquanto eu estava no chuveiro. Vejo que os olhos dele vão direto para a atadura. Então, claro que começo a contar o que aconteceu. Como o diabo em pessoa veio ao meu quarto, e como eu dei um soco na cara dele. E o mandei rodopiando, de volta pro inferno. Apaguei suas chamas com um bom golpe de direita.

Phil ri sem parar. “Esse é o meu garoto”, diz ele, e ergue a mão direita. Parece que os nós dos dedos estão permanentemente roxos, e tem um montinho naquele mesmo osso do mindinho. Ele sacode a mão como um espanador. “Essa gracinha já foi quebrada umas oito vezes. Muito queixo machucado, dos babacões malvados de Jersey, eu vou te contar.” Ele pula da cama e se inclina acima de mim, com os punhos fechados. Depois, nós fazemos um negócio imitando golpes de boxe — aquele com socos que nunca pegam. Eu logo fico ofegante, só de erguer os braços. Mas é divertido, mesmo assim — dois caras durões apenas brincando.

* * *

Mais tarde, eu levo Phil pra conhecer o lugar, porque ele parece honestamente interessado. Talvez, um pouquinho além da conta; talvez também seja xeretice, porque não consigo fazer com que ele entenda que não pode ficar olhando para os pacientes de boca aberta, e que resfolegar não é exatamente aceitável na etiqueta de boas maneiras de um hospital. Realmente tento lhe mostrar o lugar, tento fazer com que ele o veja, porque ele é a única pessoa que eu conheço que parece disposta a isso. A maioria das pessoas faz um

esforço para não olhar ou simplesmente se recusa a ver. Minha mãe, por exemplo, finge que é uma antiga ala hospitalar, como aquelas em que já ficamos zilhões de vezes. Entrando e saindo. Está vendo? Essa é a chave: todos os outros hospitais têm uma saída e eu acabava saindo. Mas esse lugar é parecido com *Sem Saída*, uma peça muito legal que me fizeram ler, numa turma de inglês. E a maioria das pessoas prefere não ver — não se permitem ver — que isso é diferente, que é um mundo totalmente diferente. Um universo inteiro, e de alguma forma, isso é importante, mas eu não consigo expressar em palavras. Quer dizer, é a “última parada” e só isso já o torna importante — expressivo, entende? Eu estou morrendo pra mostrar — rarárá.

Começo na ponta dos fundos do corredor.

— Salão de família à sua direita — eu digo.

Phil está empurrando a minha cadeira, mas fica parando, me deixando parado, enquanto se afasta pra olhar dentro dos lugares. E lá vai ele, entrando na sala de família. Deixe-me dizer, não é grande coisa. Em uma das paredes estão arrumadas algumas coisas de cozinha — cafeteira, micro-ondas, geladeira e uma bancada com uma bagunça de canudos e adoçante e colheres meladas, tudo espalhado. E tem alguns sofás encaroçados, onde as pessoas podem dormir. No meio da sala há uma mesa redonda com um tabuleiro de xadrez e baralhos. Um banheiro no canto. Arranjos florais empoeirados por todo lado. Nas demais paredes, fotos de lagos, córregos, oceanos e cachoeiras — alguém deve achar que água é calmante ou algo assim. Mas Phil para na frente da TV e da pilha de DVDs que fica ao lado. Ele pega e começa a olhar. Sei que ele está lendo, e fico observando seu rosto. Os títulos são todos do tipo *Adeus não é para sempre*, *Paz no final*, *Além do horizonte distante*, *Deus não comete equívocos* etc. Acredite, eu olhei todos, no dia em que cheguei aqui, torcendo por uma diversão. Rá. Embora eu tenha de dizer, *Deus não comete equívocos* realmente confirmou o diagnóstico ALECTO: seis anos de quimioterapia, radioterapia, um zilhão de cirurgias, perda de órgãos importantes, ver sua mãe envelhecer vinte anos em vinte meses — se isso não é algum tipo de equívoco, se isso é parte do plano do Cara, bem, então, fica bem óbvio, não? Já disse o bastante.

Bem, Phil está sacudindo a cabeça.

— Que lixo patético — diz ele. Depois, ele se anima. — O negócio é o seguinte, moleque, da próxima vez que eu vier, vou trazer um bom e velho pornô da pesada. Vou sorrateiramente colocar o *Debbie Transa na Disney World*, dentro de uma dessas capas de merda. Surpresa! Algum cara vai ganhar a noite.

Nós prosseguimos pelo corredor. Não demora muito. Há cinco quartos do lado esquerdo, três duplos e dois de solteiro. Cada quarto é de uma cor diferente, todos em tons pastéis. E cada um tem seu papel de parede, com estampas de flores. Parecem tirados de uma revista de decoração dos anos 70, como diz minha mãe. Eles devem fazer com que os quartos tenham um tom acolhedor ou algo assim. Um conceito não hospitalar, eu acho. Mas acredite. Não fazem. Não dá pra confundir um quarto de hospital com nenhuma outra coisa no mundo. Exceto, talvez, com uma cela de cadeia.

Bem, nesse momento, dois quartos duplos estão vazios. Um de solteiro, o 306, bem de

frente pro meu quarto, tem uma mulher em coma. Suas paredes são em tom azul-claro e o papel de parede, juro por Deus, tem uma porção de anjos querubins, com asinhas e pés gordos, pairando acima dela, olhando pra baixo. Bem perturbador. Eu digo ao Phil, no habitual sussurro hospitalar, o que ouvi falar sobre ela: ela entrou em coma depois de um acidente de carro, durante anos e anos vivendo com respirador, tubos para alimentação, a tralha toda, mantida viva pelo marido. Então, o marido caiu morto e as filhas dela, finalmente, mandaram tirar todos os tubos e desligar as máquinas. Tomadas arrancadas e fim de história. Certo? Errado. A mulher continuou respirando. Apesar disso, elas não podem esperar que ela viva muito mais tempo; você só entra na ala terminal quando seu prognóstico é menos de um mês. Phil vai direto ao quarto da mulher e fica com o rosto a alguns centímetros do dela. Ele encara, até que eu chio:

— Phil, isso é grosseiro. Saia daí. Venha.

Então, ele assume seu posto na cadeira de rodas, coçando suas bochechas com a barba por fazer.

— Detesto decepcionar alguém, mas aquela moça está mortinha, cara, respirando, ou não — ele comenta. E lá vamos nós.

Em seguida, tem dois caras velhos no 304. Paredes amarelas, papel de parede rosa. Esses dois nunca têm visitantes, não sei da história deles. Nadinha. Pra mim, isso é triste. Algumas vezes, à noite, fui até lá na minha cadeira de rodas e fiquei assistindo à televisão com eles. O que fica perto da janela gosta de jogo de futebol, então é isso que eu coloco. Eu mesmo não consigo acompanhar o jogo, mas ele parece gostar, xinga um time, vibra com o outro. O outro cara, eu não sei. Ele não diz uma palavra, só tosse. Phil se inclina porta adentro, dá um vigoroso aceno do tipo “olá”, mas os dois estão dormindo profundamente.

Agora, chegamos ao 302, e eu fico realmente nervoso porque esse é o quarto da Sylvie. E a mãe dela está lá dentro, com os três garotinhos, e eu acho que, provavelmente, sou uma *persona non grata* hoje. Então, eu digo:

— Não vamos incomodá-la, está bem? Ela está cansada.

Claro que contei ao Phil tudo sobre Sylvie e nossa Cabbage Night, meio que me gabando, tenho que admitir, e ele achou ótimo, por isso ele compreende que a menina está exausta. Mas ele segue em frente, mesmo assim. Eu fico pra trás no corredor, mas dá pra ouvi-lo falando com os meninos, todo estilo tio alegrinho, e depois ele diz algo que faz a mãe de Sylvie rir, e eu penso, merda, ele está paquerando ela. E penso como o pai de Sylvie ficaria totalmente injuriado com isso, e é uma ideia feliz. Então, eu sigo com minha cadeira de rodas até a porta e dou uma olhada. Sylvie está totalmente invisível, só uma porção de calombos na cama, com as cobertas puxadas por cima da cabeça. Vejo Phil olhando as fotos que eles colaram pelas paredes, e sei como é cada uma delas, já que memorizei todas: Sylvie com seu uniforme do colégio particular; Sylvie na equipe de nado, com suas pernas compridas e peitos redondinhos, com um maiô colante; Sylvie indo a uma festa, com um vestido rosa elegante decorado com flores presas em seus peitos nascendo; Sylvie quando bebê de cabelos pretos e olhos castanhos; Sylvie com um monte de amigos, os meninos altos e bonitos, as meninas bonitinhas de cabelos brilhosos; Sylvie recebendo um prêmio;

Sylvie na varanda da frente de um casarão branco, com os bebês gêmeos em seu colo; Sylvie na praia, bronzeada e radiante; Sylvie, Sylvie, Sylvie. Todas aquelas fotos estão ali, um registro, pra que todos que entrem nesse quarto — que tem a cor que Sylvie chama de rosa-vômito — saibam que em algum lugar dentro daquela Sylvie de pele amarela, um saco de ossos, e cabeça careca, está a outra: legal, popular, inteligente, com uma casa legal, uma família legal. E linda. De verdade.

Quando o tio Phil sai do quarto, isso é tudo que ele diz:

— Garota bonita. — E sua voz está rouca e trêmula.

Nossa próxima parada é na pequena recepção perto do elevador, e Phil para subitamente. Ele está olhando a harpista, que está se arrumando pra começar. Phil se inclina sobre meu ombro e diz baixinho:

— Que porra é essa? — Em meu ouvido.

Eu ergo um dedo.

— Exato. Espera só — digo.

A harpista, que hoje está com seu cabelo branco assustador solto, caído nos ombros como uma nuvem de penugem, sorri pra nós. “Bem-vindo, Richard”, ela sussurra. (Ela sempre sussurra. Eu diria que isso aumenta um pouco o grau da esquisitice.) Ela se acomoda na banquetinha. Está com uma saia comprida preta e uma blusa branca brilhosa. Ela fecha os olhos e ergue as mãos — dedos compridos, tortos, assustadores — levando até as cordas.

— Apenas espere — eu digo novamente pro Phil, baixinho. — Lá vem.

Mas os olhos da harpista se abrem outra vez e ela sorri, baixando as mãos.

— Feliz Halloween, Richard — diz ela. E enfia a mão num dos bolsos da saia preta e tira um pacote de jujubas. — Creio que você possa comer doce. — Ela joga a caixinha rosa preta e branca em meu colo, depois ergue as mãos para a harpa, fecha os olhos e começa a tocar. A recepção é tomada pelos sons suaves, ternos e tristes.

As mãos de Phil atacam as manetes da cadeira e antes de dizer “Jack Robinson” (essa é uma expressão que a minha avó sempre diz), nós partimos, voltando direto ao corredor, parando a cadeira no posto de enfermagem. Ele para, com dois dedos pega o pacote de balas do meu colo, como se estivesse contaminado com arsênico, ou algo assim, e solta no balcão. Ele abre, despeja os docinhos brancos e rosas, parecidos com comprimidos.

— Não coma isso, meu soberano — diz. — Sabe-se que essas jujubas já mataram monarcas perfeitamente saudáveis. Isso foi enviado por seus inimigos.

Ele eleva a voz e se dirige à atendente do andar, a Sra. Lee, uma mulher cinquentona que é má e ranzinza com todo mundo, mas que, segundo ouvi, chora como um bebê, sempre que levam um de nós, coberto por um lençol branco, porta afora. Como isso é uma ocorrência quase diária, a mulher mantém uma caixa imensa de lenços de papel ao seu lado. O resto do tempo, ela é terrivelmente rude, e isso me parece justo. Phil debruça e diz a ela:

— Aquela aparição no lobby deu ao meu sobrinho uma caixa desses... desses itens. Para o Halloween, disse ela.

Ele cutuca o monte de doces com o dedo.

— Claramente, ela é serviçal do... — ele abaixa o tom de voz e chia — o que chamo de Regiões Inferiores.

A Sra. Lee olha o pacote de jujubas e olha pro Phil. Então, ela pega um dos docinhos cor-de-rosa e coloca na boca, mastiga e sorri com os dentes enegrecidos pelo doce.

— Os branquinhos é que matam — diz. — Estes cor-de-rosa são deliciosos.

Eu rio — a mulher até que é legal e ela deixou Phil sem palavras, o que não é fácil.

Depois disso, o resto do nosso passeio é rápido, apenas o outro lado do corredor. Meu lado. A Sra. Elkins, no 301, duas mulheres idosas, no 303, outra velha no 307 e, no 305, *moi*. Não sei por que eu sou o único cara desse lado, que parece uma ala feminina. Quando perguntei ao Edward, ele sacudiu os ombros e disse: “Não importa. Os quartos trocam o tempo todo”. Depois, ele meio que corou, porque percebeu o que quis dizer. Lá se vão os mortos e lá vêm os moribundos. O rei está morto, vida longa ao rei.

Tenho de dizer que meu quarto não é dos piores, em termos da barra decorativa do papel de parede. É o que minha mãe chama de cor de malva, e o papel, segundo ela, tem violetas e lilases e heras entremeadas, umas às outras. Ela diz que é primaveril. Nem noto muito, na maior parte do tempo. Exceto à noite, quando não consigo dormir e fico olhando pra cima, vendo aquele monte de flores ali na parede. Eu gostaria que elas, tipo, murchassem, ou algo assim. Quer dizer, que mudassem, de alguma forma. Não é certo que as coisas fiquem exatamente iguais, dia após dia. Às vezes, eu penso em todas as outras pessoas que dormiram — ou não — nessa cama e ficaram olhando essas malditas violetas. Mas geralmente não penso nelas. De que adianta?

Phil senta na minha cama e fica olhando pela janela, por um minuto, meio quieto. Depois ele diz: “Bela vista”.

E é mesmo, sabe, toda aquela beleza do lado oeste é o principal motivo por eu estar feliz de ter sido colocado aqui. Estamos no alto do morro e a cidade de Hudson desce pelo rio. Dá pra ver até lá embaixo, na Warren Street, num dia claro de outono, como hoje, o rio cintila azulado e limpo. Mais de perto, pode acreditar, o Hudson não é tão cintilante. Mas aqui de cima é. E atrás dele estão as montanhas Catskill, num tom de azul mais escuro, com topos curvos. Olhando aquelas montanhas desse jeito, em contraste com o céu, você vê a silhueta de uma mulher nua, de barriga pra cima. Não estou inventando isso — todo mundo vê. Na verdade, foi a minha mãe que me mostrou, há muito tempo. A mulher de Catskill está deitada, as montanhas ao sul são seus cabelos, meio que espalhados. Depois vem seu rosto, o perfil, meio virado na direção do oeste. Depois seus seios, bem nítidos, dois seios bonitos e pontudos. Depois vem uma descida — sua barriga. Em seguida, dois joelhos flexionados. Como se ela estivesse ali deitada, toda aberta e pronta, como se algum tipo de Deus celeste ou algo irá descer e fazê-la ganhar o dia.

Minha mãe sempre disse que as montanhas Catskill eram, tipo, mágicas, que os índios que viviam ali, muito tempo atrás, achavam que as montanhas eram sagradas ou algo assim. E o vale todo é o condado de Sleepy Hollow. Todo ele é meio assombrado. Minha mãe costumava inventar umas histórias pra me contar, principalmente nessa época do ano,

pra me deixar assustado. Mas aqui de cima, não parece assustador. É bem bonito, pra falar a verdade. Torres de igrejas, os tijolinhos vermelhos e as pedras das edificações antigas, tudo parece uma pintura.

O Hudson está aí há uma eternidade e eu fico contente em poder vê-lo aqui de cima, sabe? Toda sua extensão, todo o povo que construiu os prédios e igrejas, e os trilhos do trem e os barcos — já mortos há tanto tempo. É nisso que eu penso, muitas vezes, quando olho por essa janela. Em cada um deles, mortos. E outros novos chegando todo dia. A ala da maternidade, todos aqueles humanos novatos, bem em cima da minha cabeça, no quarto andar (onde eu mesmo fiz minha primeira aparição, há dezessete anos, como gosto de mencionar). E o necrotério? Acho que fica no porão. Como dizia nosso cartaz: *Direto pro fosso. Ou seja, você.* Um dos terapeutas me disse que esse é o motivo pra que ele continue trabalhando aqui, isso que todos nós temos que entender: a vista panorâmica. Fico pensando nisso, por um tempo, e nós ficamos em silêncio, eu e o Phil, olhando a vista.

Então, Phil diz três coisas interessantes. Primeiro, que ele diz que vai fazer um desenho, assim que chegar em casa, tipo um mapa ou uma planta aqui do hospital, e da forma como a cidade se estende a partir dele, descendo até o rio. E como o rio se estende até o mar. Ele vai inserir todos os cômodos e todos os ocupantes, e vai me colocar na cadeira de rodas, bem no meio do corredor, meio que ao fundo, vendo tudo, dentro e fora, e vai chamá-lo de *Mundo de Richie*. E eu sei que ele está falando sério, e sei que isso é uma coisa em que Phil sempre foi bom: ele sabe desenhar. Minha mãe tem alguns desenhos dele emoldurados em seu quarto, desenhos que ele fez quando estava no ensino médio. Vacas, num campo. Um trem vindo direto em sua direção, num ângulo engraçado, como se você estivesse amarrado aos trilhos. E um retrato da minha mãe, aos dezessete anos, com olhos grandes, um sorrisinho engraçado, e eu ainda era um segredo dentro dela. Os desenhos de Phil ganharam todos os prêmios da escola. Então, eu tenho certeza de que o *Mundo de Richie* será muito legal. Segundo, ele diz:

— Então, o que você *faz* por aqui, meu chapa? Quer dizer, onde está seu computador, sua música, seu centro de entretenimento? Tudo bem, até tem uma TV, mas o que mais?

Não quero dizer a ele, mas não mando mais e-mails, nem mensagens de texto, simplesmente porque ultimamente não enxergo direito. Quer dizer, é só mais uma coisa que ele não precisa saber; ao chegar a esse ponto, seus olhos já não estão mais tão bons. E as telas, com toda aquela luminosidade e movimento, são realmente dolorosas, sei lá, meio instáveis. É tudo tremulante e estranho. Os *videogames* — com aquelas cores fortes — são uma tortura. É como se você não estivesse mais do lado de fora, mas tivesse sido tragado lá pra dentro, onde as explosões acontecem dentro do seu crânio. E pra mim fica simplesmente impossível ler palavras em qualquer tela. Mesmo impressas numa folha, o texto pula e dá vontade de vomitar.

Mas não quero contar nada disso, não quero me dar ao trabalho de explicar. Sabe, tem um monte de coisas que você descobre quando está aqui, e não se sente necessariamente inclinado a contar pra todo o mundo. Como a luz do sol que dói nos olhos e, de maneira geral, todo esse processo é como ser esvaziado, ficar oco por dentro. Como um melão, sabe,

depois que alguém enfia uma colher de metal e arranca toda a parte boa — tira toda a polpa e o suco da fruta. Como se só sobrasse a casca, sabe? A crosta. Então, eu digo ao Phil:

— Olha, cara, eu me divirto com toda essa comédia humana, só isso. Ação ao vivo. Sempre tem alguma coisa acontecendo por aqui. É hilário. E é engraçado, é quase verdade. Não sinto a menor falta do espaço cibernético.

Depois de alguns minutos pensando nisso, Phil diz a terceira coisa interessante.

— Richard, meu soberano. Você decididamente precisa sair mais. Que tal seria passar o Halloween lá fora, no mundo real? Dar uma passada em alguns *points* legais, ver as gatas, pegar uns docinhos? Vamos dar o fora dessa espelunca, cara.

Era de se pensar que eu estaria pulando de alegria, certo? Quer dizer, uma noite com o tio Phil? Sem minha mãe por perto pra dizer não? É como a maior fantasia da vida se tornando realidade. Mas eu me sinto mais amedrontado do que qualquer coisa. Faz muito tempo que eu não saio. E não tenho tanta certeza se consigo encarar o mundo real. Ou se ele consegue lidar comigo. É que, por aqui, ninguém se retrai com a nossa aparência — não existem cicatrizes horrendas demais pra suportar. Aqui, ser horrendo é totalmente *normal*. Mas eu detesto ser um bolha na frente do Phil. Então, estou enchendo linguiça, quando o telefone toca.

Eu digo:

— Oi, mãe, como está se sentindo?

E vejo Phil acenar as mãos e sacudir a cabeça, o gesto conhecido de quem diz *Não estou aqui*. Como eu disse, ligar não significa estar vendo, não é?

CAPÍTULO 5

A voz da minha mãe está rouca e baixa. É difícil dizer se é da gripe ou de chorar, o que ela faz sempre que pensa que não posso vê-la. É quando me toco que essa semana, em casa, ela provavelmente passou 98% do tempo aos prantos, se sentindo péssima, enquanto eu estou aqui me divertindo tanto.

— Ei, mãe — eu digo —, você está bem?

Ouçõ um barulho dela limpando a garganta, depois ela diz:

— Meu benzinho, eu estou bem, e você?

— Bem. Estou legal.

Essa é a minha mentira padrão. Não faz o menor sentido dizer nenhuma outra coisa, porque, se eu disser, tem que explicar tudo e é repetitivo e sacal.

— Estou tão preocupada por você estar solitário. Alguém foi vê-lo?

Fecho os olhos e tento arranjar uma versão da verdade.

— Alguns dos conselheiros. Um dos Irmãos. Ah, sim, o pai da Sylvie.

A voz dela é de surpresa.

— O pai da Sylvie? Ele não costuma ser um homem sociável, eu tenho de dizer. Por que ele... Ah, Deus. A Sylvie...?

A pergunta me deixa injuriado, na hora. Eu quero gritar: *A Sylvie o quê? O que é que tem a Sylvie?* Mas não faço.

— Merda, mãe. A Sylvie está legal, está bem? Ela está *ótima*. Ouça, eu tenho que tomar banho. Falo com você depois.

Estou sem ar e sinto meu coração batendo em meus ouvidos. Fico tonto e preciso recostar nos travesseiros.

Phil estava ouvindo, nem disfarçou. Ele tira o fone da minha mão e desliga.

— Essas mães, não é? Que pé no saco. — Ele franze o rosto. — Então, a Sisco tem alguma novidade interessante?

Sisco é como Phil chama minha mãe, sua irmã mais velha. Balanço a cabeça, sem fôlego pra falar.

Phil senta na cama, ao meu lado. Agora, nós dois estamos recostados nos travesseiros.

— Ei, cara, esquece. — Ele me cutuca, com o cotovelo. — Aposto que tem umas coisas legais de Halloween na TV. Tipo, maratona de filmes de monstros ou algo assim.

Então, a gente faz isso, a tarde inteira: assiste a filmes antigos de terror, num canal a cabo. Alguns são filmes bem bobos, outros dão realmente medo. Tipo *O desafio do além*, o antigo, da década de 1960, claro, não a porcaria da versão nova. Não, esse é aquele em que a mulher chamada Eleanor — Nell, como eles chamam — é meio maluca, meio sã. Meio apaixonada pela casa da colina, meio morta de medo da casa. A casa vence. A última coisa que ela diz, quando bate com o carro numa árvore, é: “Por que diabos eles não me

impedem?”. — Cruz credo. Minha mãe e eu lemos o livro, *A assombração da casa na colina*, lemos juntos quando eu tinha uns doze anos. Tivemos que ler juntos, porque nós dois sentíamos medo demais pra ler sozinhos. A gente sentava na minha cama — eu estava com o soro intravenoso, mesmo em casa, toda noite, história comprida, nem vale a pena contar — e a gente lia, em silêncio, virando a página só quando os dois tinham terminado. Depois a gente leu *Sempre vivemos no castelo*. Cara, a autora desses livros, a Shirley Jackson sabe deixar a gente com os pelos da nuca arrepiados! Ela consegue fazer sua cabeça girar e te deixar totalmente abalado. Mas tenho que dizer que, olhando pra trás, aquela foi uma época bem legal pra minha mãe e pra mim. Eu estava em casa, a gente se assustava juntos, não sozinhos. Pra falar a verdade, até que era legal.

A bandeja do jantar chega às cinco horas. Estou com tanta dor de cabeça, por causa da overdose de televisão, que não consigo nem olhar. Phil faz uns sons de vômito, apontando a comida. Mas ele senta e come tudo, enquanto eu dou uns goles no café. Depois, ele enlaça as mãos e diz:

— Certo, meu soberano, seu provador de comida declara que isso está seguro para seu consumo. Ele acena para a bandeja vazia e nós dois caímos na gargalhada, feito duas hienas. Ele anda pelo quarto, algumas vezes, olha pela janela e põe as mãos nos quadris.

— Hora de ir, companheiro.

Ele faz uma voz dramática e assustadora.

— Conforme a escuridão cai nessa cidade do Hudson, na noite consagrada, figuras estranhas surgem nas ruas. Crianças fantasiadas? Ou habitantes das profundezas, mostrando quem realmente são? Quem pode saber, realmente? Quem pode realmente distinguir a inocência da maldade, nessa noite de Halloween? — Ele dá uma gargalhada comprida, barulhenta e monstruosa: — Uááárrárrárráááá.

Ouçõ aplausos da porta. É novamente o turno de Jeannette e ela está sorrindo. Na verdade, ela está com uma expressão engraçada e tímida.

— Meu Deus, é Philip Casey — diz ela. — Não vejo sua cara feia desde quando? O primeiro ano do ensino médio? Legal encontrar você aqui.

Phil olha pra ela por alguns segundos. Como eu disse, ela é grande, mas é atraente e está bem animada, pelo menos esta noite. Está com uma blusa do uniforme com um monte de carinhas de abóbora sorridentes. Subitamente, eu percebo: é a primeira vez na minha vida que eu e minha mãe não fizemos uma luminária de abóbora. Por um segundo, tudo passa pela minha cabeça: o jornal na mesa da cozinha, a faca em minha mão. O corte profundo em volta do talo, tomando cuidado pra não danificar, depois tirando o tampo da abóbora. Está bem ali: o miolo laranja e o cheiro bem acentuado da abóbora em minhas mãos. Os olhos em triângulos desajeitados e os dentinhos que sempre fazíamos. Aquele grande momento, quando minha mãe acendia a vela dentro e... pum! O negócio ganhava vida. E o gosto das sementes torradas em nosso forno, cobertas de sal. Sinto as lágrimas minando em meus olhos; ainda bem que Phil e Jeannette estão ocupados demais olhando um pro outro, pra me darem atenção.

— Jeannie? — Phil está todo sorridente. — Nossa, cara. Jeannie. Faz um tempão, garota.

Eu não fazia ideia que você trabalhava aqui.

Jeannette atravessa o quarto inteiro rebolando os quadris.

— Bem, eu não sabia que você conhecia nosso Richard — disse ela. — Não liguei os nomes, até esse minuto.

— Conhecê-lo? *Conhecê-lo?* Ei, eu sou tio dele. Sou da família. Nós dois somos Casey. Somos unha e carne. Não é, cara?

Unha e carne, eu e Phil? Eu bem que gostaria que fosse verdade, então tento sorrir.

— Arrã.

Phil vai até lá e dá um abraço em Jeannette.

— Ouça, Jeannie — diz ele, bem em seu ouvido. — Será que daria pra você talvez não checar nosso amigo aqui, o Richard? Por algumas horas, talvez?

Ela recua e franze o rosto.

— Não checar um paciente? Acho que não.

Phil passa a mão nas costas dela.

— Meu bem — ele diz, com a voz bem suave e meiga. — Esse garoto tem dezessete anos. Lembra-se de quando você tinha dezessete anos? É noite de Halloween. Vou cuidar dele, prometo. Você não dá, tipo, uma pequena licença pra sair? Acompanhado por um adulto responsável?

Ela funga.

— Arrã, claro. E quem seria esse adulto?

A voz dele fica ainda mais suave. Talvez ele pense que não consigo ouvi-lo, mas ele está enganado. Ultimamente, o sentido mais aguçado que eu tenho é a audição. Está mais aguçada do que nunca.

— Ele é um garoto — diz ele. — E é seu último Halloween.

Fecho os olhos, com força. Nem sei se estou torcendo ou não pra que ele a convença. Nesse momento, não tenho energia pra planejar uma fuga. Ele é o adulto, ele que faça isso.

A voz de Jeannette está embargada e ela fala baixinho.

— Droga. Tudo bem. Duas horas. Você tem duas horas. Se esse garoto não estiver em sua cama, são e salvo, até nove horas, eu vou chamar a polícia e o xerife. Entendeu?

Deixo meus olhos se abrirem. Puta merda, ela caiu na dele. Phil é realmente mágico.

Phil dá um beijo no rosto dela e sai marchando do quarto, sacudindo a cabeça, mas sorrindo. Então, ele dá meia-volta no corredor e volta com tesoura e alguns pedaços de papelão. Ele se debruça acima da cama, por alguns minutos, cortando e dobrando, depois dá um salto de pé, com uma coroa nas mãos, do tipo que dão de brinde em alguma rede de *fast-food*. E faz o maior estardalhaço, encaixando-a na minha cabeça, prendendo atrás com fita isolante. Ele tira do bolso uma pequena máscara preta — tipo do Zorro —, coloca em meu rosto e prende em volta da minha cabeça, com o elástico. Depois tira o cobertor do pé da cama — um cobertor gostoso e felpudo que minha mãe leva pra todos os hospitais, azul-marinho, todo estampado com estrelinhas douradas — e pendura em meus ombros, como uma capa. Ele empurra minha pulseira hospitalar de identificação até o alto do meu braço, pra ficar imperceptível embaixo da capa. Juntos, nós desenrolamos a atadura da

minha mão, deixando à mostra o machucado com pinta de fodão. Ele recua, sorri e se curva em reverência.

— Meu amo — diz ele. — Seu disfarce está completo. E seu humilde servo implora para darmos o fora.

Eu concordo.

— Feito, cara. Vamos nessa.

Nossa saída é tão simples que eu fico surpreso por nunca ter tentado isso sozinho. Ninguém dá um pio, conforme seguimos pelo corredor até a recepção (ainda bem que a harpista já encerrou essa noite). Sento ereto na cadeira de rodas, com a coroa na cabeça e o Phil me empurrando por trás. Ele aperta o botão pra chamar o elevador e, quando a porta abre, o filho da Sra. Elkins sai, parecendo ligeiramente surpreso, mas segura a porta pra nós. Ele leva um minuto, mas depois me reconhece.

— Vai sair, Richard? — Pergunta.

Dou uma piscada, mas não adianta, porque estou de máscara, então eu abro um sorriso.

— Tenho um encontro romântico, Senhor. E... Feliz Halloween!

A expressão do cara é simplesmente, sei lá, estranha.

Já dentro do elevador, o Phil e eu começamos a uivar. Mas só quando passamos por uma porção de corredores e saímos pelas portas grandes envidraçadas da frente do hospital que eu realmente acredito. Só quando estamos lá fora, no ar fresco de outubro, é que parece um pouquinho mais real. O ar que faz isso: nem sei quanto tempo faz que eu não saio — vim direto do hospital grande de Nova York pra este de ambulância.

Do lado de fora, que incrível. E está fazendo uma noite perfeita: fresquinho, um ventinho suave, nuvens passando pelo céu, folhas voando nas calçadas. Sinto arrepios nas panturrilhas quando o ar bate em minha pele. Inalo profundamente, várias vezes, tragando o ar. E tem barulho: ônibus, carros, crianças gritando contentes, em algum lugar — barulhos da vida. Barulhos do mundo real. E cheiros: escapamentos, folhas mortas, o molhado escoado da tempestade, além de tudo isso, o rio. O Hudson, passando lá por baixo, lento e profundo, e cheio de correntes fortes. Ele sempre esteve ali, a minha vida inteira, aquele cheiro do rio. Mas eu nunca tinha notado, até essa noite. Dá quase pra sentir o cheiro dos peixes nadando nas águas turvas, com seus olhos prateados, arregalados, escorregadios.

Phil anda rápido, atravessando o estacionamento da emergência, e saindo para a calçada. Agora, ele quase nem precisa empurrar: estamos no alto da colina, como eu disse, e é fácil descer deslizando, seguindo pelas ruas principais da cidade. Bem, talvez não seja tão fácil: Phil tem que puxar os manetes da minha cadeira, pra que eu não saia voando sozinho, colina abaixo. Phil não diz uma palavra até estarmos a três quadras do hospital, na altura do número 700 da Warren Street. Então, ele manobra a cadeira pra dentro de um beco e recosta numa parede.

— Preciso fumar — diz ele, tirando um baseado do bolso. Ele acende, dá uma tragada bem comprida e estende o cigarro pra mim. — Dá um pau aí, Richard — diz. — Você está de férias.

Estou com meu adesivo analgésico, portanto já estou recebendo mais entorpecente do que o tio Phil pode imaginar, mas, pô, mais um pouquinho não vai fazer mal, né? Dou uma tragada e queima pra cacete. Fico tonto. Devolvo o cigarro pra ele e digo:

— Valeu, cara. Relaxa você. Vou ficar tomando conta.

Eu levo a cadeira pra fora do beco, até a calçada. Não quero dizer, mas não gosto de ficar ali dentro daquele beco escuro, nem do cheiro de mijo de gato. De qualquer forma, quero o movimento.

Uma coisa legal de Hudson é que as lojas ficam abertas por algumas horas no começo da noite de Halloween para que a garotada da cidade possa vir pedir doce. Eles fecham o trânsito em três quadras — da 700, 600 e 500, porque da 400 pra baixo, é bem perigoso, em termos de vizinhança — e nenhum carro pode passar. Os garotinhos correm de um lado pro outro e se divertem. Eu mesmo fiz isso quando havia mais lojas “de verdade”, como a Rogerson’s Hardwar, a loja de brinquedos Town Fair, Sam’s Market, todos aqueles lugares legais. Agora é muito estranho. Um monte de gente de Nova York veio pra cá e abriu lojas de antiguidades, galerias de arte e tudo mais. Não tem mais lojas de verdade — nada de comida, nem de brinquedo, só lojas onde eu e minha mãe não podemos comprar nada, e os donos sabem disso no momento em que entramos, dá pra ver em seus rostos. Parecem mais museus do que locais onde se compra alguma coisa. Mas essa tendência é muito ruim para o Halloween. Mais da metade do pessoal da cidade é de casais gays, e eles adoram esse feriado — eles se vestem com uns troços malucos e comemoram loucamente. E o doce? Eles dão umas coisas ótimas. Tipo barras enormes de chocolate.

Tenho de dizer que essa noite o lugar está bombando. Tem todo tipo de música saindo das lojas, e uns caras com roupas e máscaras estranhas, dançando pelas calçadas. Criancinhas com aquelas fantasias baratas das lojas de R\$ 1,99, tipo uma peça inteira, de nylon vagabundo, máscaras presas com elástico. Power Rangers, Branca de Neve, esse tipo de coisa. Todas as crianças estão correndo de loja em loja, com sacos de papel, recebendo os doces. As mães caminham a meia quadra atrás das crianças, gritando pra irem mais devagar, sem muita preocupação, porque é tudo uma cena tão alegre.

Estou ali sentado, só curtindo tudo, quando uma garotinha de uns quatro anos vem correndo e fica me olhando. Ela está com uma fantasia de bailarina/princesa/fada, uma saia roxa fofa que já está em frangalhos em volta de seus pés e usa um negócio na cabeça com um diamante falso. Ela é negra e tem um milhão de trancinhas no cabelo. Ela vem em minha direção e aponta para minha cadeira. Depois pega numa das rodas.

— Essa é sua fantasia, moço? — Pergunta ela.

E eu fico pensando.

— Arrã — eu digo. — É, sim.

Ela inclina a cabeça pra trás e franze o rosto.

— Você é o quê?

— Rei dos paráliticos. Minhas pernas não funcionam. Mas ainda sou rei.

— Você não tem muletas. Onde estão suas muletas?

Ela me olha fixamente, como se eu estivesse tentando enganá-la.

Estou pensando nisso quando a mãe dela — a jovem mais saudável que eu vejo, em muito tempo, muito bonita, com um belo sorriso, pele lisa e suave, bochechas redondas — vem correndo e pega a garotinha pela mão.

— Desculpe — diz ela, sacudindo a cabeça. — Esta noite, ela está fora de controle. Açúcar demais.

— Sem problemas — eu digo.

A menina enfia a mão no saco de mercado e tira uma embalagem de balas.

— Aqui, senhor paralítico rei, de pernas que não funcionam — diz ela e solta o saquinho no meu colo, depois vira e sai correndo, com a mãe seguindo, alguns metros atrás.

Eu abro o saco e despejo um pouco de bala na minha mão. Jogo algumas na boca e aquele sabor agridoce e delicioso explode em meu palato. É muito bom — é como uma onda de pura infância. Não consigo parar de comê-las.

Phil sai do beco e ri.

— Ei, cara. Já ganhou doce? Você é rapidinho, hein? — Então, ele tira o saco da minha mão e o esvazia na boca.

CAPÍTULO 6

Eu ficaria a noite toda naquelas três quadras, com a criançada correndo em volta, gritando, feliz. Mas o Phil não. Estou vendo que ele já está ficando entediado, depois de me empurrar por uns vinte minutos. Estou comendo as balinhas quando ele diz:

— Certo, garoto. Chega desse negócio de bebezinho. Tenho planos melhores que esse para o Halloween.

E lá vamos nós. Como eu disse, Hudson é uma descida, que segue direto até o rio. Então, o Phil está realmente veloz e eu estou deslizando mais depressa do que acho ser seguro. Algumas vezes, o Phil solta a cadeira e deixa a gravidade me levar. Depois ele corre ao meu lado, rindo. Em uma dessas vezes, eu começo a ir mais depressa do que ele consegue correr. É assustador, mas também é incrível. Quer dizer, o vento que vem do rio bate em meu rosto e minha boca está cheia de ar de verdade. Seguro a minha coroa e sinto meu rosto ficar todo vermelho, nesse vento frio. Saudável, eu penso. Aposto que estou com uma aparência perfeitamente saudável. Eu meio que quero continuar seguindo em frente, simplesmente decolar e voar até o rio. Mas, então, eu percebo com clareza, não vou conseguir parar e essa cadeira vai me levar direto pra água, com as rodas girando. E a correnteza do rio é voraz. Passei a vida inteira ouvindo minha mãe falando sem parar, dizendo que era melhor eu nem pensar em ficar de brincadeira ali por perto, nem perto da margem. Ela parecia achar que o rio poderia se estender, como uma mão enorme e molhada, e me agarrar. Eu seria levado pela correnteza, até Nova York, depois seguiria rumo ao mar. E ela nunca mais me veria. Eu costumava pensar nisso, sentado no parapeito da janela, no fim do corredor, no hospital em Nova York: eu via o rio banhando a cidade, e ficava imaginando estar ali dentro, morto. Um pontinho de lixo, seguindo adiante. Era de se pensar que isso deixaria uma criança internada deprimida. Nem tanto, por algum motivo, isso me animava. Lembra daquele avião que pousou no rio Hudson, com toda aquela gente nas asas? Eu estava lá. Quer dizer, não dava pra ver do meu quarto, que ficava meio distante do lugar do pouso, mas todos nós nos aglomeramos perto das janelas, apontando, pensando, cara, todo mundo se salvou, cada um deles, todos salvos. Aquele piloto é um super-herói. Eu ficava pensando: salvos. Aquela gente foi salva. Todos saíram vivos. Cada um deles.

De qualquer forma, eu fico assustado com a onda de vento no meu rosto e a sensação de que não consigo parar e desço as duas mãos com tudo, nos freios. Ainda passam alguns segundos, até realmente parar e a cadeira sai derrapando, deixando uma marca de borracha pra trás. E é muito legal. As pessoas em volta estão vibrando, eu juro. Rindo, apontando e vibrando. Nessa parte da cidade, onde não tem mais lojas de antiguidades, só um monte de bares e algumas lojas de esquina, as pessoas perambulam pelas ruas, vivendo seus pequenos dramas, eu acho. Uma boa briga. Um garoto maluco, numa cadeira de rodas, correndo sozinho, como um tipo de Evel Knievel^[1], de capa e coroa. Eu sorrio e faço uma

pequena reverência. Mas, pra dizer a verdade, todo esse doce que acabei de mandar pra dentro está empacado em minha garganta e eu estou quase certo de que vou vomitar.

Phil me alcança e vê que estou meio que engolindo com força, e talvez esteja meio verde, ou algo assim. Porque ele me vira pro beco e eu ponho a cabeça pro lado da cadeira, botando tudo pra fora. Phil segura minha capa pra tirar do caminho e mantém a coroa na minha cabeça. Tenho que dizer que é meio nojento. Todo aquele doce bom transformado em algo azedo e cruel, com filetes de sangue. Deixo uma poça fedorenta no chão, mas isso nem incomoda o Phil. Ele só recua minha cadeira e diz:

— Não esquenta, Richard. Há séculos que todo mundo vomita nesse beco. Um dia, arqueólogos vão achar restos milenares de vômito por aqui. Marinheiros de antigamente tinham o Hudson como sua parte predileta da cidade, sabia? Aqui era famoso pela biritá e pelas piranhas, e pelo ópio, muito bom, segundo li em algum lugar. Foi o que os marinheiros encontraram no Hudson.

Ele me leva de volta pra rua, até um bar que fica três portas adiante. Uma placa toda transada, acima da porta, diz FAT FRED FEATHERS e tem uma foto de um pombo, ou algo parecido, pousado no ombro de um cara gordo.

— Ótimo — diz Phil. — O velho FFF ainda está por aqui. Muito legal.

Muita música alta e gente saindo pela porta, alguns com máscaras e capas e todo tipo de troço. Mulheres com maquiagem sexy de vampira e meia arrastão. Uma garota está vestida com um traje rosa, composto de uma saia imensa e um top apertado, com os peitos pulando pra fora. Embaixo do braço, ela carrega uma cabeça com uma peruca branca. Próximo dela, um cara veste um uniforme completo de bombeiro. Uma cena muito louca.

— Não mudou nada — diz Phil. — Graças a Deus. E ele começa a gritar: — Abram caminho, camponeses. Abram caminho para o Rei Richard e sua carruagem real. O rei está sedento, vida longa ao rei.

A multidão ri e realmente abre um espaço largo, e minha cadeira passa justinha pelo portal. Até o leão de chácara, um cara imenso, de máscara do Dart Vader, meio que sacode os ombros e nos deixa passar.

Tenho de admitir, eu nunca estive dentro de um bar. Minha mãe não bebe e meus amigos de escola e eu simplesmente não chegamos nem perto de parecermos ter idade pra pedir uma cerveja. Então, essa é uma experiência totalmente nova e está me deixando meio nervoso. Pelo menos está escuro. E tem cheiros. Um monte de gente suada e muita cerveja entornada, eu imagino. Lembro do que um britânico, estudante de intercâmbio, uma vez me falou sobre um verdadeiro “futum”. Sempre gostei dessa palavra. As pessoas estão apinhadas no bar e espalhadas pelo lugar. Muitas fantasiadas. Um sapo verde enorme, ao lado de Osama bin Laden. Uma bruxa bebendo com uma freira. Esse tipo de esquisitice legal, por todo lado. Todo mundo gritando mais alto que a música. Está tão alta que minha cabeça lateja e, por um minuto, eu sinto que vou vomitar de novo. Mas, aí, a garota de rosa está se debruçando ao meu lado e meu rosto está, tipo, bem de cara com aqueles peitos pulando pra fora do vestido, e eu sinto o perfume, em lugar do futum, e logo me sinto melhor.

Até que ela joga a cabeça que ela carregava no meu colo. Tem uma gosma vermelha lambuzada no pescoço e olhos azuis inexpressivos, e a peruca branca está caindo. Eu respiro fundo. A garota está rindo. Não quero parecer tolo ou um mané, nem nada disso. Então, enfio o dedo num dos olhos azuis e digo, com a maior tranquilidade possível:

— Maria Antonieta, eu presumo?

E a garota coloca as duas mãos nos quadris e se curva, numa reverência, depois se endireita.

— *Mais oui*, meu amo — ela grita. — Dá pra ver que você é mesmo da realeza. Nenhum dos outros palhaços daqui entendeu minha fantasia. E eu trabalhei durante dias para fazê-la.

Eu olho para seu rosto de verdade. É redondo e simples, mas ela está com o cabelo todo espetado pra cima, pintado de rosa pra combinar com o vestido e está com um colar — uma corrente de prata, com uma guilhotina em miniatura pendurada — e eu não posso deixar de admirar sua criatividade. E seu peito. Ela é baixinha, rechonchuda, é amistosa e parece inteligente. E está conversando *comigo*? Isso diz tudo.

Phil se aproxima, dando umas cotoveladas pra abrir caminho. Ele está com duas garrafas de cerveja nas mãos, e vem todo sorridente, olhando pra mim, conversando com essa garota meiga de rosa. Ele me dá uma das garrafas e se curva.

— Meu soberano. Eu o deixarei para sua conquista.

Então, com uma reverência ainda mais profunda, ele entrega a outra garrafa à garota.

— Mademoiselle, com os cumprimentos de Sua Alteza Real.

Ela pega a garrafa e faz uma rápida reverência. Então, ele desaparece em meio à multidão, se curvando, noutra reverência.

A garrafa está supergelada. O rótulo é muito legal — uma lua azul e uma abóbora redonda — e, em princípio, eu só fico ali, sentado que nem um idiota, segurando a garrafa e olhando a lua. Mas a garota de rosa tilinta a garrafa dela na minha e diz:

— Então, saúde — e vira a cerveja na boca.

Eu faço o mesmo. Desce tão gelada e agradável em minha garganta sensível que eu simplesmente deixo virar. Ela está me olhando, sorrindo, então eu tenho que sorrir.

— É um trabalho que dá sede, ser rei — eu digo.

Não sei, talvez a cerveja, mais o adesivo, mais aquela baforada no baseado do Phil, talvez tudo isso tenha sido ligeiramente excessivo. Ou talvez minha visão esteja mais debilitada do que o habitual, por causa da máscara e tudo mais. Porque as coisas ficam bem embaçadas depois que eu tomo minha primeira cerveja. Tomo outras também. Phil aparece, de vez em quando, com outra garrafa, depois se curva e some de vista. Das duas últimas vezes, ele estava com uma bela garota ao lado, com os braços em volta da cintura dele. Acho que ela está vestida de folha — não me lembro direito.

A garota de rosa — ela disse pra chamá-la só de Maria — fica por perto. Nós conversamos — não tenho a menor ideia sobre o que — e rimos muito. Em certa altura, ela senta na cadeira comigo, empurrando a bunda no meu colo. Estou bem certo de que estou de pau duro, embora esteja meio anestesiado no resto. Ela dá risadinhas e meio que se

remexe sobre mim. Daí começa a cantarolar uma musiquinha doce em meu ouvido e sussurra:

— Meu amo, sua serviçal ficaria muito contente... — ela lambe minha orelha, com uma lambida longa, lenta e molhada. — Se você quiser vir, com sua cadeira, até meus aposentos.

Claro que não consigo dizer uma palavra. Estou tão tonto e com tanto tesão e, tipo, totalmente surpreso que alguém, qualquer pessoa, estivesse se oferecendo pra sei lá o quê... Então, meio que só dou um gemido. Mas, aparentemente, eu também estou com as duas mãos em seus peitos, e ela presume que seja um sim. Ela desliza pra fora do meu colo — e, cara, então eu *sei* que estou com o pau mega-duro, porque meu Bingo fica subitamente frio e muito solitário, ali em pé, no ar, até que ela coloca a cabeça ensanguentada em cima, vai atrás da cadeira e grita pra aglomeração:

— Abram caminho para o rei. Abram caminho, vassalos. — Quando as pessoas demoram pra sair da frente, ela simplesmente grita: — Sai da frente.

Lá fora, o ar está bem mais fresco e eu vou embrulhar minha capa-cobertor em volta dos meus braços. Mas ela sumiu. Caiu em algum lugar. E, por um segundo, eu penso em como a minha mãe sempre levou aquele cobertor pra todos os hospitais, cada uma das vezes em que fui internado, e ele sempre — sempre — estava me esperando, em meu quarto, depois de todas as torturas, de cada operação. O cobertor azul-marinho e estrelado, macio e quentinho, com o cheirinho de casa, e acho que vou começar a berrar. Mas, de repente, nós estamos em algum lugar silencioso, tipo meio escuro e Maria está ajoelhada na minha frente.

— Meu doce amo — ela diz. — Então, tira a cabeça cenográfica do meu colo e eu consigo abrir o zíper do meu jeans e *pumba*, meu garoto já está de volta ao ar fresco. Ele está parecendo meio desesperado, eu tenho que dizer. E nós dois ficamos olhando pra ele, por um minuto. Então, ela dá uma risadinha e o agarra, e fica bem óbvio que ela não tem a menor ideia do que fazer em seguida, mas ela está tentando, e é isso o que conta. E ali está a mão de uma garota, bem ali e, sério, isso é tudo de que eu preciso. Eu deslizo para baixo e minha cabeça recosta no encosto da cadeira e eu sinto minha coroa cair. Mas a máscara ainda está firme. Não importa. Nada importa, exceto que ela está me tocando, e então eu estou, tipo, apenas balançando. Ofegante. Gemendo. Ela pula pra trás e me solta. Eu acho que vou morrer, se ela me deixar aqui fora, no frio. Mas ela não o faz e se inclina à frente e prende meu Bingo no meio daqueles seios redondos. Acho que eu quase desmaio, eu juro, porque a próxima coisa que noto é que ela está em pé, limpando o peito com um lenço de papel. Parecendo meio surpresa, mas também satisfeita consigo mesma — e, talvez, comigo. Ela sorri pra mim. Eu estendo a mão e guardo meu Bingo murchinho no jeans e fecho o zíper.

Ela me leva na cadeira pra fora do beco, e eu sou uma poça derretida de gratidão, nem consigo dizer nada — como se minha garganta estivesse paralisada. Chegamos à rua e escuto toda aquela barulhada, as pessoas gritando, e eu não sei se ela está me levando de volta ao bar ou para outro lugar. Mas não ligo, porque ela pode me levar pro inferno a essa altura, e eu ficarei feliz. Apenas fecho meus olhos e vou com a maré.

Então, nós paramos. Eu sinto uma mão em meu ombro. Não é a dela. É grande e pesada demais pra ser a dela. Abro meus olhos. Estamos sob a luz da porta aberta do bar e tem alguém se inclinando acima de mim, baforando fumaça e biritando na minha cara. Puta merda. Eu fui pego pelo diabo em pessoa.

— Ora, ora. O que temos aqui?

O pai de Sylvie está em pé, acima de mim, oscilante, de olhos vermelhos, emanando calor como uma chaminé. Ele estende a mão e arranca minha máscara. Seu cuspe espirra em meu rosto.

— Será que pode ser? Nosso vagabundo espertinho? Fora do hospital? No fim das contas, não está nada doente. Seu falso mentiroso.

Eu sacudo a cabeça.

— Só estou saindo sob licença, senhor — eu digo, com a voz grasnada.

Maria se abaixa sobre a minha cabeça e tenta empurrar o mãozão peludo do meu ombro.

— Deixe-o em paz — diz ela.

Ele vira a atenção para Maria e eu sinto a mão dele apertar.

— E quem é essa? — Ele bafora fogo sobre nós e depois dá sua risada horrenda, que se transforma meio que num choro.

— Putinha. Suas tetas estão de fora.

Ele me olha de novo.

— Já se esqueceu da minha bebê, Richard? Você está aqui fora, trepando com piranhas, enquanto ela...

O tapa de Maria deixa uma marca vermelha bem no meio da cara dele.

— Saia do nosso caminho — diz ela.

O pai de Sylvie agarra o braço dela, que dá um gritinho agudo e eu também tento agarrá-lo, batendo com as duas mãos em seu peito, empurrando-o com toda força que posso. Mas o homem é irredutível. Ele está chorando e espirrando cuspe pra todo lado, e está quase, mal consigo descrever, ele está uivando.

Então, não sei, mas tem um milhão de pessoas vindo em nossa direção, e Phil vem na frente. Ele pula nas costas do pai de Sylvie e eles vão ao chão, depois não consigo mais ver nada, exceto um monte de pés e gente rolando. Maria puxa minha cadeira pra fora da bagunça e senta com força no meio fio, depois suspira.

— Que belos amigos você tem — diz ela.

Então, Maria levanta e coloca a mão na minha cabeça. A mão dela passa pelo meu couro cabeludo careca, sentindo o meu crânio. Ela se curva e me olha bem de perto, bem nos meus olhos.

Eu sinto, enquanto ela me encara. Agora não tem máscara. E sei que não tenho sobrancelhas, nem cílios, e que pareço um réptil. E sei que ela ficará completamente repugnada e jamais, jamais encostará novamente a boca ou as mãos em mim.

Maria estende a mão e toca um dedo em meu punho. Minha pulseira do hospital está bem ali, fora do esconderijo. Ela está bem quieta, depois diz com uma voz amedrontada,

que nunca mais quero ouvir:

— Jesus. Diga que não é aids, está bem? Apenas me diga isso.

Quero fechar meus olhos pra não ter de vê-la, mas não consigo. Você precisa olhar as pessoas nos olhos, minha mãe sempre diz. Olhe nos olhos. Então, eu olho diretamente pra ela, seu rosto redondo, seu cabelo rosa agora caindo.

— Não é aids. É câncer.

Não pega. Não se preocupe. Não importa se pega ou não, ela recua.

— Minha nossa, cara — diz ela. — Eu só...

Ela limpa a mão na saia. Depois vai embora. Correndo pela rua, por entre as pessoas fantasiadas, segurando a saia, batendo as pernas fortes.

* * *

Fica tudo embaçado. Sirenes se aproximam. O Phil correndo, empurrando minha cadeira morro acima, ofegante, gemendo. Luzes piscando. Chegamos a um beco a duas quadras da Warren Street, numa rua transversal tranquila, e o Phil me estaciona atrás de alguns arbustos, no quintal da frente de alguém, e se curva, apertando a lateral da barriga e gemendo.

— Merda — ele resfolega. — Estou velho demais pra isso.

Ele cai pra trás, na grama, e fica ali deitado, ofegante.

Eu me sinto estranhamente calmo. Começo a olhar em volta. Essa é uma rua agradável; as casas têm abóboras nas janelas e nas varandas, mas não estão mais acesas; acho que é tarde. Jeannette talvez esteja ligando pra polícia neste momento. Talvez já tenha ligado horas atrás. Não faço a menor ideia.

A respiração de Phil vai se acalmando e ele senta. E começa a rir.

— Espero que você tenha se dado bem, Richard, meu rapaz, e que essa nossa escapulida tenha valido a pena.

O rosto dele está sujo de sangue e os nós de seus dedos estão abertos. Ele abre e fecha a mão, algumas vezes, pra checar.

— Eu me dei bem, sim, cara — eu digo. — Valeu.

Ele assente com a cabeça

— Missão cumprida. — Ele suspira. — Quer voltar pra lá? Para aquele hospital? Ou quer ir pra casa? Eu posso te levar pra casa, sabe? Estamos a... o que, cinco ou seis quadras de distância de onde você e Sisco moram agora?

Ouçó o tom de pergunta na voz dele e entendo. Ele não sabe onde nós moramos. Minha mãe não quer que ele saiba. Fecho os olhos e posso imaginar a casinha pequenininha que minha mãe finalmente conseguiu comprar pra nós, dois anos atrás. Ele está certo, fica só a umas cinco quadras. Outra rua tranquila, com casinhas pequenas e térreas. Mas, pra minha mãe, é um grande feito, essa casa. É algo gigantesco. Ela que *comprou*, sozinha. Meu quarto tem praticamente 3mx3m, e o dela não é muito diferente. Mas tem um pequeno gramado, uma varandinha e ela plantou flores. Tem também uma macieira, nos fundos. Uma vez, ela

disse que é nosso santuário. Nosso porto seguro. E é *nossa*. Nossa casa é algo em que penso bastante, sentado no meu quarto de hospital. Em como é perto e como eu poderia caminhar até lá, a qualquer hora. Ou pegar um táxi. Eu poderia ir pra casa, ficar deitado no meu quarto. Mas, aí, minha mãe teria que cuidar de mim e eu acho isso difícil demais, isso tem que ficar por conta de profissionais. Mesmo.

E, de qualquer forma, minha mãe está doente. Aposto que ela está na cama agora, embrulhada em sua velha manta e, finalmente, dormindo, depois da criançada que passou pedindo doce. Sabe qual é a última coisa que ela precisa? Phil e eu, amarrotados, batendo na porta.

— Pro hospital — eu digo. — Não quero que a Jeannette tenha problemas.

É uma subida longa e difícil até o fim do caminho. Estou exausto demais pra ajudar. Fica tudo por conta do Phil. E ele consegue, em arrancadas curtas e descansos demorados. Justiça seja feita, ele me leva de volta ao Mundo de Richard, são e quase salvo.

CAPÍTULO 7

Não vou nem tentar descrever a cena na volta ao hospital, por estar tão obscura e nebulosa em minha cabeça. Eu me lembro que a primeira coisa que vi, quando o Phil empurrou minha cadeira pela entrada da emergência e me deu tchau, recuando e fazendo reverências, foi o relógio. Era 00h24. Nem era mais Halloween. Agora é o dia de finados, eu acho. Eu me lembro disso. Ou dia de todos os santos. Tanto faz. Não consigo girar as rodas mais nem um centímetro. Não consigo chegar a um elevador, não consigo fazer absolutamente nada. Só fico ali sentado. Talvez eu até esteja chorando, de tão cansado. Não, sejamos honestos: eu *estou* chorando.

Depois, eu ouvi dizer que foi uma loucura, mas, naquele momento, eu simplesmente peguei no sono. O pessoal da equipe da emergência leu minha pulseira, me colocou numa maca e me levou de volta ao setor de pacientes terminais. Eles entendem o significado de *Nenhuma Intervenção*. Gente boa, aquela pessoal da emergência.

Então, sou mandado de volta ao andar. Edward me diz, no dia seguinte, que Jeannette estava completamente doida, de tanto medo. Ela estava tremendo e chorando, e ligou pra ele cedinho, pra assumir o plantão dela, pois ela não estava conseguindo enxergar direito. Sorte que ela não ligou para a polícia, nem pra minha mãe ou qualquer outra pessoa, de tanto medo de perder o emprego. Ela só ficou andando de um lado pro outro, no corredor, praguejando o nome Philip Casey.

Aqui estamos nós, na manhã de Todas as Almas, ou Santos, e o Edward está com a mão no meu pulso. Ele está zangado, dá pra sentir. Estou deitado de barriga pra cima, de olhos fechados, mas sinto o calor da mão dele.

— Ela me xingou? — Pergunto.

— É o mesmo nome, Sr. Casey. O mesmo nome.

Edward solta meu punho e se debruça, pousando a mão no meu peito.

— Escuta, Richard. Você quase fez com que uma boa enfermeira fosse despedida. Você quase matou a pobre mulher de susto. Não pode fazer uma coisa dessas. Você...

Então, ele suspira. Há uma longa pausa, depois ele diz, baixinho, como se não acreditasse estar dizendo isso.

— Você precisa crescer, cara.

E, sabe, alguns dias atrás, na Cabbage Night, eu teria rido disso. Mas, hoje, me dá certa tristeza. Talvez eu pense a respeito, se eu tiver um minuto. Mas não consigo pensar. Só consigo dormir. O dia todo. Sinto as pessoas entrando e saindo do quarto, ouço-as falando. Ouço meu telefone tocando, muito. Finalmente, uma enfermeira atende e fala baixinho, calmamente com a minha mãe. Algumas vezes, eu vou puxar meu cobertor azul estrelado, estou com muito frio. Mas ele não está ali. Alguém traz um cobertor branco do hospital e coloca sobre mim. As pessoas estão ao redor da cama, cochichando.

Mas tudo isso é parte de um sonho. Eu sei disso, porque Maria também está ali. Ela faz parte dessa aglomeração. Um monte de gente que não conheço, alguns com roupas estranhas, fantasias talvez. Todos estão bebendo e sorrindo. É uma grande festa. Minha mãe está ali. Ela parece jovem e feliz, e tem um cara com ela, um cara que eu não conheço, rindo e colocando a mão no pescoço dela. No sonho, eu ainda não nasci e a minha mãe não tem qualquer preocupação nessa vida. Não sou exatamente eu, ainda. É difícil explicar. Estou ali, tipo, observando, mas não existo. Como eu disse, é difícil explicar.

Só acordo quando já está escuro lá fora. E, quando acordo, é Sylvie que está sentada ao lado da minha cama, toda encolhida na poltrona. Eu sento, tento me recompor. Ela está sorrindo.

— Nossa, cara — diz ela. — Você é demais, Richie. Você saiu. Você é tipo o herói da nossa ala. Até ouvi dizer que aqueles dois velhinhos do 304 estava rindo disso. “O garoto saiu”, eles ficavam dizendo. “Mas não é que saiu.”

Eu sacudo a cabeça. Quer dizer, é estranho, eu nunca fui demais. Nem cheguei perto. Nunca, em toda minha vida. Jamais.

Sylvie levanta, com passos hesitantes. Noto que ela está vestida, com um tipo de blusa preta e jeans. A roupa é uns cinco tamanhos a mais, mas ela está tentando. Está com um chapeuzinho verde engraçado e passou batom. Ela se debruça e fala bem pertinho do meu ouvido.

— Richie — diz ela, com a maior clareza possível — Richie, eu não quero mais ser virgem. Está bem? — Ela recua. — Está bem?

Só fico olhando pra ela.

Ela sorri.

— Pense a respeito. Está bem? Mas não por muito tempo.

Ela sai, segurando no portal, com uma das mãos, para se equilibrar, andando sozinha. Está determinada, qualquer um pode ver isso.

SEGUNDA PARTE

1 - 3 de novembro

CAPÍTULO 8

A noite caiu e eu não consigo dormir. Está tudo muito quieto. A harpista já parou por hoje. Imagino que todos os outros do andar estejam dormindo profundamente. Mas eu estou sentado na cama, meio trêmulo de tão desperto, com a mente dando cambalhotas. A empolgação e a surpresa são simplesmente demais. Quer dizer, eu tenho uma possibilidade que nunca, jamais imaginei que poderia acontecer: uma garota — uma garota legal, bonita e popular — quer que eu seja seu primeiro. Ou seja, o PRIMEIRO. Meus serviços de garanhão foram, de fato, solicitados. Não vou precisar implorar pra sequer tocar a garota, que é meu *modus operandi* habitual. Não, não, dessa vez, eu fui formalmente convidado, tipo Sua Presença Está Sendo Formalmente Requisitada Como Deflorador Oficial.

Juntando-se ao fato inquestionável de que há apenas vinte e quatro horas eu recebi meu primeiro — e, por favor, por favor, não deixe que seja o último — boquete, ou algo parecido. Certo, estou aumentando um pouco o que rolou. Ainda assim, aconteceu, sem um minuto de súplica da minha parte. Quer dizer, me foi *oferecido*, cara. Grátis e fácil.

Subitamente, virei um cara gostosão. Está vendo, isso que é legal de estar vivo, independente de qualquer coisa. Tudo tem a ver com as surpresas, o negócio todo do “nunca se sabe” está se tornando realidade. Dois dias atrás, simplesmente não haveria como saber que isso iria me acontecer. Quais são as probabilidades de um garoto virgem de dezessete anos conhecer uma garota virgem de quinze, na ala terminal de um hospital, e eles se apaixonarem ou ficarem com tesão pra fazer o negócio — e, enquanto isso, esse garoto ultrasexy ganha sua primeira sessão de sexo oral, ou seja lá o que for, só pra completar? Sério, tudo isso num hospital onde, pode crer, essa não é a norma. Quer dizer, eu e a Sylvie, todo mundo, estamos aqui porque recebemos esse “Grande Diagnóstico”: um mês ou menos de vida. Você chega e, trinta dias depois, ou vai pra casa ou vai “Pra Casa”. No entanto. No entanto, eu ainda estou com a corda toda, no céu dos gostosões mais requisitados. Crianças, isso não bate. Passo o tempo todo pensando, do meu jeito mais maduro, Puta Merdaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Mas só pra garantir que toda essa súbita impulsão na minha vida sexual não me faça esquecer que ainda tenho a Síndrome de ALECTO, vejo o pai de Sylvie andando de um lado pro outro, no corredor, passando pelo meu quarto, pela trilhonésima vez. Nunca, nem por um instante, eu devo me esquecer de que Alguém Aqui Embaixo Também Me Odeia. Toda vez que o homem passa, ele desacelera, e fica olhando fixamente pelo vidro da minha porta. Seu rosto está cheio de hematomas e cortes, e fica ali no vidro, como uma lua ruim nascendo, juro. Fecho meus olhos e finjo dormir, mas ainda sinto seu olhar maligno mirando o meio da minha testa. O facho de fúria acerta como uma bala. PÔU! Finalmente, pouco antes da meia-noite, quando o homem já passou pelo meu quarto milhões de vezes, eu não suporto mais e aperto a campainha, chamando uma enfermeira.

É o pobre Edward que foi pressionado pra fazer um turno, tipo, triplo. Quer dizer, o cara parece tão derrubado que eu me sinto saudável, em comparação a ele. Desde às 7h, ele vem banhando, erguendo e medicando e sabe Deus o que mais, fazendo o plantão das 7h às 15h. Depois, o de 15h às 23h e, por algum motivo, ainda está aqui. Estou lhe dizendo, seus ombros estão caídos e seu uniforme está todo amarrotado e manchado com umas oito substâncias, cujos nomes devem ficar incógnitos. Sinto pena de incomodá-lo, principalmente porque ele ainda está tentando ser alegre e razoavelmente profissional, até quando está claro que isso é um esforço enorme para a paciência humana.

— O que há jovem Richard? — Ele pergunta.

— Nada de mais — eu digo. — Na verdade, eu estou me sentindo melhor. Só preciso de ajuda pra sair da cama, está bem? Não consigo dormir. Posso dar um tempinho com vocês? — Eles me deixam sentar no posto de enfermagem, algumas noites, quando as coisas estão tranquilas. Lá geralmente tem um pouco de risada e alguns petiscos supersalgados ou muito doces nada saudáveis. Pelo menos, é um pouco de companhia para os que têm insônia. Os enfermeiros também têm o baixo astral da madrugada. Como deixariam de ter?

— Ah, claro, como se você merecesse privilégios. — Ele franze as sobrancelhas. Depois suspira. — Está certo, tudo bem. Nós até que precisamos de um pouco de animação.

Ele pega minha cadeira, me ergue e põe nela.

Eu não deveria perguntar. Nunca se deve perguntar, por aqui. Mas não posso evitar.

— Quem?

Edward vira a cadeira de rodas, então, eu vejo o interior do quarto 304, que aqueles dois caras milenares dividem — bem, dividiam. Passado. A cama junto à janela está vazia e caprichosamente arrumada. Cortinas cobrem a outra cama.

— Ah, não — eu digo. — Um daqueles caras realmente *morreu*, enquanto o outro estava bem ali, dentro do quarto? Quer dizer, isso não é contra as regras? — Ora, francamente. Eles geralmente levam o pessoal que está morrendo para quartos particulares, para ter privacidade com a família e evitar o trauma do colega de quarto. É o mínimo que podem fazer, não acha? Dar a alguém algum espaço para seus últimos suspiros.

Ele dá uma fungada.

— Vamos apenas dizer que isso não é visto com bons olhos. Mas, às vezes, não sabemos. Achamos que o homem estava tirando um cochilo mais comprido, daí fiquei ocupado e deixei de ver o que estava acontecendo, como um tolo absoluto.

No posto de enfermagem, eu vejo que estão todos cabisbaixos. Estão todos calados. Tem um Irmão e dois assistentes, junto com o Edward e comigo, mais uma enfermeira que eu não conheço. Ela é do tipo que usa aquele chapeuzinho branco engomado, tipo barrete, preso no cabelo, com uma fita preta de veludo. Pela minha experiência, esse tipo de barrete sempre representa problemas. O chapéu está no alto de seu capacete de cabelos grisalhos. Ela parece transmitir as palavras *supervisora* e *relatórios*, escritas na testa. Ela me olha fixamente, como se eu fosse alguma fera estranha e ela estivesse injuriada por eu ter fugido da minha jaula, mas depois olha para o rosto cansado de Edward e não diz nada, só faz um

som de estalo na língua. Dá pra ver que esse grupo vai derrubar meu astral tomado pela onda de felicidade sexual.

— Vou dar uma voltinha, papito — digo ao Edward. — Não espere por mim. — Vou girando as rodas da minha cadeira pelo corredor.

Primeira parada, quarto da Sylvie. Se eu conseguir enxergar lá dentro, talvez eu saiba que seu pai desistiu de rondar e despençou na sua caminha. Ou saiu pra beber no bar, como sempre parece fazer quando a Sylvie está dormindo. Eu me aproximo da porta, com as mãos nas rodas, pronto para uma ré rápida, caso o homem esteja ali, como um urso feroz em sua caverna protegendo o filhote. A porta está aberta e eu me inclino para ver dentro do quarto. A caminha está vazia. Vejo uma meia-lua lá fora, através de uma das janelas. Entro mais um pouco, silencioso como um rato paraplégico. Estaciono perto do pé da cama de Sylvie.

O quarto tem um cheirinho adocicado de garota. Tem um imenso buquê de rosas cor-de-rosa, em um vaso perto da cama. A pequena luz noturna acima da sua cama está acesa — nunca está totalmente escuro aqui. Vejo a silhueta de Sylvie na cama, encolhida de lado, embaixo do lençol. Foco na curva do que imagino ser seu quadril e me dá um bolo na garganta. Eu sei, eu sei: um bolo na virilha seria mais promissor. Mas, nesse momento, não vai rolar. Não tenho certeza se algum dia vai rolar com a Sylvie. Em parte, porque ela está doente, em parte, porque ela é feroz. E também porque seu velho me fritaria. Se bem que é mais porque tenho uma profunda sensação de que ela está totalmente fora do meu alcance, de que estou sonhando, se acho mesmo que meus lábios algum dia vão tocar os dela. Como se nossos lábios nunca fossem combinar, sabe? Ela estuda em colégio particular, é uma garota inteligente, de boa família, tem lábios de quem se prepara para a faculdade, simplesmente não são do mesmo formato que os meus. É como se fôssemos de espécies distintas. Eu levo minha cadeira até o quadro de avisos e dou uma olhada, sob a luz fraca do luar, em todas as fotos que a mãe dela colocou ali, como se eu precisasse ter certeza, como se talvez ela não fosse tão deslumbrante e perfeita, em sua outra vida.

Mas ela era. Está tudo ali, a prova. Essa garota pré--ALECTO estava a um milhão de metros acima de mim na escala social. No mínimo. Porra, ela estava acima de mim na escala evolutiva inteira. Como se eu fosse uma criatura corcunda tipo gorila e ela fosse a humana ereta, já usando as mãos para fazer fogo e rodas.

Fico olhando as fotos, olhando tudo, à procura dos olhos, do corpo, do cabelo e da pele de Sylvie. Como se, talvez, mesmo naquela época, houvesse algum tipo de sinal nela. Como uma mancha ou algo assim. Algo para mostrar que ela estava marcada. Algo alertando que aos quinze anos ela acabaria aqui, com alguém como eu. E se eu conseguisse encontrar, então, poderia combinar com ela. Vou até o buquê de rosas, querendo sentir o cheiro de sua doçura. Tem um cartãozinho colocado no vaso. Eu pego e leio: *Gata, sinto sua falta. Melhore, está bem?* Está assinado *Chad*. Não era pra saber que o namorado dela se chamaria Chad? Quer dizer, fala sério, não tenho chance. Coloco o cartão de volta e decido simplesmente levar minha cadeira de rodas pra fora dali, quieto e simples. Tenha um pouco de dignidade, cara, eu digo a mim mesmo.

— Ei. — A voz dela arrepiou os pelos da minha nuca, de tão doce e baixinha.

Eu viro a cadeira e olho pra ela, que não se mexeu. Continua encolhida de lado. Mas seus olhos estão abertos e brilham, nesse pequeno fecho de luar que está entrando no quarto. Ela está incrivelmente bonita neste momento. Tem uma penugem de cabelo escuro nascendo em sua cabeça, suave e macia. Seus olhos são escuros como a noite e enormes, em seu rosto fino e branco.

— Ei — eu digo.

Ela passa um dedo por entre as grades da cama, me trazendo mais pra perto.

— Meu pai foi embora? — É uma pergunta.

— É, acho que sim.

Então, eu me aproximo e coloco a mão em volta de uma das grades de aço. Ela sorri, mostrando os dentes brancos.

— É, bem, não conte com isso. Ele vai voltar. Ele diz que dá longas caminhadas e volta fedendo a conhaque. Tanto faz.

Ela estende a mão e pega a minha, puxa por entre as grades, enlaça os dedos aos meus, e depois coloca nossas mãos embaixo do lençol, junto à sua barriga. Ela está usando um tipo de camiseta comprida e solta. Estou quase certo de que é tudo que ela está vestindo.

— Bem, então, *carpe diem*, cara.

Sinto meu coração disparado no peito. E sinto o coração dela disparado no seu peito. Que negócio legal: eles estão em sincronia, os dois corações. E a pele de sua barriga é macia como seda. Passo os nós dos meus dedos ásperos ali, subindo e descendo. Ela guia nossas mãos um pouquinho, e faz com que passem por cima de uma linha em relevo que a corta ao meio, desde o meio do peito, no esterno, até a virilha, eu imagino.

— Cicatriz — ela sussurra. — Horrenda. Parece um trilho de trem medonho.

Eu sacudo a cabeça, tentando pensar em algo galante pra dizer. Não consigo. Solto a mão dela e com meu dedo, percorro a cicatriz, subindo e descendo. Subindo, ela começa no meio dos pequenos seios. Descendo, termina onde talvez os pelos comecem, se ela tivesse pelos. Paro ali. Finalmente, minha voz aparece. Sai falhada, mas, pelo menos, eu consigo formar palavras.

— Horrenda — eu digo. — É a escada para o céu.

Percebo que ali está — o que a coloca em meu nível. Ou eu, no dela. Ou algo assim. Desço meu dedo só um pouquinho.

Ela faz um pequeno som, tão suave como se inalasse o ar pela boca, e vira de barriga pra cima. Ela pega minha mão e segura junto a ela. Depois a pressiona para baixo e solta. E dá uma risadinha.

— Não preciso fazer depilação — diz. — Já foi providenciado pelo Dr. Químio.

Ela ergue o quadril só um pouquinho e fecha os olhos.

— Vai fundo, Rich-Man — diz.

E, sabe, eu faria isso, realmente faria, só que quero muito beijá-la primeiro. Tipo, não posso simplesmente meter a mão nas partes íntimas da menina, posso? Sem nem um tipo de prelúdio? Simplesmente não posso. Minha mãe criou um cavalheiro. Chego minha

cadeira o mais perto possível da cama e tento me debruçar por cima da grade. Mas é quase impossível, a menos que você seja uma girafa. É muito estranho.

Acho que ela nota que minha mão não está mexendo e abre os olhos. Ela me vê acima dela, metade fora da minha cadeira e metade dentro. Dá uma fungada e ri.

— Ah, Richard — diz. — Sou uma babaca. Desculpe.

Ela aperta o botão que abaixa a lateral da cama.

Eu levanto; afinal, não sou totalmente preso à cadeira de rodas. Só tenho as pernas ligeiramente trêmulas. Bem, bastante trêmulas. Caio por cima dela e, de repente, nós dois estamos rindo que nem malucos, nossas pernas, joelhos e tornozelos batendo e nossos cotovelos no rosto um do outro.

Ela é melhor do que eu nisso, tenho que dizer. Sem fazer muito, ela meio que desliza e fica embaixo de mim, e ficamos deitados encostados no peito e na virilha. Eu respiro fundo, quando ela passa a mão no meu peito. Então, ela dá um gritinho.

— Ai meu Deus. Você também tem uma — diz.

Seus dedinhos brincam pra cima e pra baixo, no que os médicos chamam de incisão mediana. Fui aberto e fechado seis, sete vezes. A mão dela é fresca e eu meio que fico paralisado, quando ela vai descendo cada vez mais, até onde deveria ter pelos, mas não tenho.

— Nossa, cara — ela diz —, nós combinamos! Exceto por isso.

E, sem nenhuma timidez, ela simplesmente continua e pega meu Bingo, enquanto eu abaixo o rosto e encontro sua boca.

E é exatamente assim que estamos, quando Edward irrompe no quarto e acende a luz do teto. Nós ficamos cegos.

Eu tento puxar o lençol por cima da gente.

— O quê? — Eu digo. — O que foi?

Edward está sussurrando alto:

— Vamos, vocês dois. Andem logo. O pai dela voltou.

Não vou me dignar a descrever minha saída do quarto. É constrangedor demais. Digamos apenas que eu fui pego como um bebê, colocado na cadeira de rodas e empurrado a uma velocidade impressionante pelo Edward, até o quarto ao lado. De onde Edward e eu ficamos espiando como coelhos assustados, enquanto o pai da Sylvie vinha cambaleando pelo corredor, murmurando e rugindo consigo mesmo. Ele espiou dentro do quarto de Sylvie, onde eu imaginei que ela estaria fingindo dormir como uma inocente, depois seguiu em frente, dando mais uma volta no corredor.

Enquanto olhávamos o homem voltar, levei um minuto para perceber que estávamos no 304, o quarto com uma cama recentemente vaga. Dá pra ver que o Edward está prestes a me dar um sopapo, e está abrindo a boca para começar um megassermão, quando ouço algo: uma cantoria baixinha.

— Ei — eu cochicho para o Edward. — Cale a boca e ouça.

Será que a cama estava gemendo? Talvez seja assombrada? Quer dizer, não acredito em fantasmas, não muito, mas meio que acho que um cara pode ficar por perto, de um jeito ou

de outro, por algumas horas, depois de parar de respirar. Faz sentido, certo? Não como uma presença de outro mundo, nem nada, apenas como o cara que ele era. Então, eu tento me lembrar do velhinho que vivia ali, o cara que gostava de futebol, que ria e que eu ouvi, na minha fuga, no Halloween. Mas depois eu consigo ouvir mais claramente e dá pra notar que não está vindo da cama dele.

Está vindo de trás da cortina da outra cama, um tipo murmúrio nasal. Então, a cantoria volta. Uma melodia. Dum de dum, dum de dum.

— Meu pai do céu. Taps — diz Edward, com um longo suspiro. — Isso é taps.

Claro que é: *O dia acabou. O sol se foi.* Agora, eu posso ouvir perfeitamente. E é tipo, completamente insuportável. O som mais triste da Terra. Eu me aproximo com minha cadeira e puxo a cortina. Percebo que isso é inteiramente contra a etiqueta hospitalar. Mas essa foi uma noite bem estranha, certo? E esse cara provavelmente ainda está sentindo o cheiro da colônia pós-barba do grande “Ceifador Sinistro” — vulgo A Morte —, e está cantarolando taps, e eu imagino que ele pode querer um pouco de companhia.

— Senhor? Está tudo bem por aqui? — Pergunto.

Ele está sentado ereto na cama, com a mão direita sobre o olho direito, o cotovelo ossudo num ângulo estranho. Levo um minuto para perceber que ele não está segurando a cabeça, com dor. Não. Ele está fazendo uma saudação, uma continência. Ele abaixa a mão quando me vê.

— O homem era um soldado — diz ele. Sobreviveu à Batalha de Bataan^[1], ora essa.

Bem, o que dizer? Eu balanço a cabeça.

— Sim, senhor — eu digo, num tom grasnado.

Eu meio que também quero bater continência, parecia o certo. Mas não sou soldado, não conquistei isso. Sou só um garoto. Então, só repito:

— Sim, senhor.

Ele se inclina à frente.

— Quer jogar buraco, garoto?

Edward se senta na cama vazia e começa a rir. Pelo menos, isso é o que acho que ele está fazendo.

E é assim que cinco caras começam a jogar cartas, no quarto 304. Preciso dizer que buraco não é o jogo que eu gosto. Gosto é de pôquer. Mas, poxa, o coroa tem direito de escolher, certo? Afinal, o quarto é dele. Então, será buraco. Somos em quatro, ao redor da mesinha da cama, sentados em cadeiras plásticas, e o velhinho na cama, recostado nos travesseiros. Eu, o velhinho, o filho da Sra. Elkins, Edward e — Deus me ajude — o pai de Sylvie, todos entramos no jogo. Não sei exatamente como acabamos ali, mas Edward disse que estava cansado demais pra ir pra casa, e o filho da Sra. Elkins disse que se não saísse do quarto da mãe ele iria perder a cabeça, e, bem, o pai da Sylvie simplesmente apareceu, vestindo um terno que parecia usar há quatro semanas, fedendo a biritá e fumaça, com os olhos parecendo dois rasgos vermelhos, em seu rosto todo roxo. E tenho que dizer que o homem chegou pra jogar. Não mostrou piedade, eu vou lhe contar. Quer dizer, eu esperava que ele quisesse me dar uma surra, mesmo sem saber exatamente o que eu — quase — fiz

com sua garotinha. Certo, é justo. Ele poderia me descer o cacete, e estaríamos quites. Justo é justo.

Mas o homem não teve nem a decência de deixar o velhinho ganhar uma mão. Nada. Deu uma lavada em todos nós, rindo como uma hiena toda vez que gritava “bati”. O que fazia, tipo, incessantemente, mesmo quando ainda nem tinha batido. É a coisa mais irritante que alguém pode imaginar.

Eu gritei “bati” só uma vez, e, quando gritei, lamentei por ter emitido qualquer som. Seus olhos perfuraram meu peito, *juropordeus*.

Ele levou todas as mãos, fora a que eu dei meu gritinho. Bebeu todas as latinhas de ginger-ale e também comeu todos os pacotinhos de biscoito. Prego.

E o jogo prosseguiu até que a enfermeira de chapeuzinho branco e lábios fechados apertados aparecesse para dizer:

— Cavalheiros, chega. Você estão perturbando os outros pacientes.

Eu ergo os olhos, surpreso em ver a luz do sol entrando pela janela. Reflexos quadrados de luz batem nas paredes amarelas. É de manhã. Acabou o dia de finados. Acabou o Halloween. Acabou a Cabbage Night. Então, já é dia 2 de novembro? Cara, só faltam dez dias pro meu aniversário. E eu tenho coisas a fazer.

Pela primeira vez, em semanas, estou com fome. Preciso me fortalecer pra ser capaz de fazer meu dever com a Sylvie — e talvez, outras mulheres desesperadas... Sigo em minha cadeira, de volta pro meu quarto, e quando eles trazem a bandeja com o café da manhã, eu engulo grandes garfadas de ovo mexido viscoso. Duas torradas. Suco de laranja. Mingau de aveia. Depois, tiro um longo cochilo.

CAPÍTULO 9

Acordo me sentindo tão mal que quase não consigo chegar à bacia pra vomitar. Fico ali golfando por quase vinte minutos, depois minhas vísceras dão um nó e eu tenho que ir depressa até o banheiro. Então, saio da cama cambaleando e sento ali pelo que parece uma hora, com o suor minando da minha pele, e só líquido saindo da minha bunda. Finalmente, eu fico tão tonto que preciso apertar o botão vermelho de emergência, na parede do banheiro. Não posso desmaiar, digo a mim mesmo, enquanto espero. Há borrões escuros na minha visão, com lampejos de clarões ao redor. Não vou desmaiar. Desmaiar não é uma opção.

Mal consigo manter a consciência. Um insulto ao mal-estar: a enfermeira que entra é a que usa o barrete branco. Ela está toda limpa e engomada, mesmo depois de estar aqui a noite toda e metade do dia. Ela dá uma olhada pra mim, todo encolhido e amuado no vaso e — justiça seja feita, eu tenho que lhe dar o crédito por isso — não diz uma palavra. Nada de sermão, nada de estalos na língua, nada de nada. Ela só coloca panos frescos no meu rosto e pescoço. E me ajuda a levantar e ir até a poltrona do meu quarto, e fecha a cortina ao meu redor. Ela tira minha camiseta e a calça de moletom com, tipo, três movimentos. E me lava inteiro — e eu quero dizer inteiro, mesmo, sem que o Bingo dê um pio — com panos mornos e ensaboados. Ela me seca todo, com uma toalha áspera e me coloca um avental limpo. Uma auxiliar está trocando a cama e ela me coloca de volta em mais três movimentos, e gruda um adesivo antienjoo no meu pulso. Tudo bem, a mulher é boa na mecânica do trabalho, eu admito. Mas não é exatamente confortante. Ela consegue dar o banho todo sem desapertar os lábios uma vez, eu juro. Mestre no controle. Sem dizer uma palavra, ela me mata de medo.

Finalmente, quando estou na cama coberto, como uma criança de três anos, com as grades laterais erguidas, ela fala:

— Você não vai mais sair da cama hoje, mocinho. Não vai incomodar ninguém nesse andar. Entendido?

Eu balanço a cabeça.

— Sim, senhor, senhora.

Pela primeira vez — talvez, pela primeira vez na vida — ela sorri. Como um tubarão.

— Meu nome é Sra. Jacobs, Richard. Criei três garotos. Meninos adolescentes não me apavoram.

Engulo o que me dá vontade de dizer: *Então, todos esses meninos ainda estão fazendo terapia?* O que digo não é tão engraçado, mas acho que fará com que ela se sinta mal, então, digo em voz alta:

— Então, Sra. Jacobs. É, acho que então a senhora deve ser uma especialista. Mas, me diga, algum desses garotos veio parar na ala terminal?

Seu rosto fica imóvel. E seus olhos ficam lacrimosos.

— Não — diz ela, tão baixinho que eu tenho que me inclinar à frente para ouvi-la. — Meu caçula morreu num acidente de carro. Ele tinha quatorze anos. Nem teve chance de chegar à ala terminal.

E ela sai do quarto.

— Então — eu digo pra mim, abaixando nos lençóis limpos —, algum dia, você se sentiu mais merda que agora, Richard? Não, senhor — eu respondo. — Não, senhor.

* * *

E nesse estado de espírito, me sentindo um merda total, a coisa ainda piora. Estou simplesmente ali sentado, olhando pela janela, vendo o que parece o dia mais sombrio de novembro já registrado, com nuvens cinzentas imensas no céu, quando minha mãe liga. De algum jeito, ela ouviu falar da fuga no Halloween e está, digamos, aborrecida. Ela tosse entre uma frase e outra, e está se engasgando e gritando, tudo ao mesmo tempo.

— Aquele miserável sorrateiro do Phil — ela fica dizendo. — Não posso acreditar que você saiu com ele, Richard. Você *saiu*. Não posso acreditar. Ele *sempre* trouxe problemas. Você sabe disso. Ele é *problema*. E você lhe deu ouvidos? Você foi *lá fora* com ele?

Eu sei que é melhor ficar quieto, enquanto o sermão prossegue, depois, eu digo:

— Mãe, você não parece muito bem. Está com uma tosse forte. Como está você?

Então, ela começa a berrar.

— Minha febre subiu outra vez — ela grita chorando. — E os exames deram positivo; é uma gripe forte. Não posso ir ver você. Ah, Richie, eles não vão me deixar entrar. Eu implorei aos seus médicos, disse que usaria uma máscara. Até liguei para o diretor-geral do hospital. Disse que usaria um macacão. Eles ainda não querem me deixar ir ao seu andar. Disseram que, se eu for, a segurança me acompanharia pra fora. Não suporto isso. Não suporto.

Então, ela para de chorar, não diz nada, só soluça.

Fico ouvindo e meu peito parece esmagado por pedras que alguém continua empilhando. Cada soluço, mais uma rocha.

— Mãe — eu fico dizendo. — Está tudo bem, mãe. Eu estou bem, juro. Vamos, mãe. Não chore. Pare de chorar.

Minha voz também falha, então, claro, eu também começo a chorar como um bebê. Aí, não consigo respirar e acho que posso morrer, bem ali, nesse momento. E isso até seria um alívio.

Mas não morro.

Então, ficamos os dois sentados, cada um de um lado da linha, chorando, até que não conseguimos chorar mais. Ficamos os dois quietos, segurando nossos fones. Então, eu finalmente tenho uma ideia.

— Ligue pra vovó — eu digo. — Quero que a vovó venha, pra cuidar de você. Está na hora. Faça isso.

Um longo silêncio. É que a minha mãe e a mãe dela não concordam em quase nada.

Desde que minha mãe tinha dezessete anos e engravidou, mas não contava a ninguém quem era o pai. Selou os lábios. Ou, talvez, até bem antes disso; talvez desde quando a vovó, uma garota durona de Jersey, tinha dezesseis anos e também engravidou, e o bebê em sua barriga — que a fez abandonar o ensino médio e perder a festa de formatura, e basicamente estragou sua vida — era minha mãe. Quer dizer, pra mim, é difícil entender. Elas se falam ao telefone, tipo, quase todo dia, mas, pessoalmente, são horríveis. Pessoalmente, são malucas, sempre zangadas, as duas têm sempre razão em tudo. Ambas estão constantemente injuriadas e dando golpes verbais. Mas, pelo que ouço ultimamente, quando minha mãe andava cochichando ao telefone, a vovó andou implorando pra vir nos ajudar. Durante meses, ela vem implorando para estar aqui, ficar conosco durante tudo isso. Mas minha mãe só diz não. Não. Não. Ainda não. Como se ela estivesse apavorada de que quando ligar para a mãe e deixar que ela venha, isso será sinal do fim. Entrega dos pontos. Bandeira branca. O ALECTO ganhou. E, talvez, a vovó se sinta assim, porque ela também ainda não apareceu por conta própria. Eu entendo, de verdade, mas, nesse momento, eu só quero que minha mãe não fique sozinha. Quero alguém pra cuidar dela, uma vez na vida. Porque esse negócio dela ficar sozinha e doente, chorando, eu juro por Deus, vou fugir daqui e cuidar dela, eu mesmo. Vou pegar um táxi. Vou andando.

E é isso que eu digo a ela.

— Mãe, faça isso. Senão, eu vou pra casa. Vou fugir dessa porra e ir pra casa. Estou falando sério. Ninguém pode me impedir, se eu realmente quiser ir. Sabe de uma coisa? Talvez eu simplesmente ligue pro Phil. Tenho certeza de que ele virá me buscar.

Silêncio. Está vendo, essa é outra coisa: ela morre de medo que eu saia do hospital e que os micróbios se amontoem em cima de mim e saiam me carregando. Em parte, por isso que ela está com raiva do Phil. Ele me levou pra fora dessas paredes sagradas. Ela acha — e se induz a pensar — que estar no hospital me mantém em segurança. Talvez até que um hospital, apesar de tudo que ela sabe, seja equivalente à cura. O milagre, logo ali.

— Estou falando sério, mãe. Estou saindo.

Eu arranco os lençóis e começo a bater na grade da cama, alto o suficiente pra que ela ouça.

Finalmente, ouço um sussurro baixinho:

— Está bem — diz ela. — Tudo bem.

Apesar de saber que é o melhor, me mata de medo escutar o tom da sua voz cedendo, como que desistindo.

* * *

Pelo resto do dia, eu fiquei deitado na cama, de lado, olhando o céu cinzento. Fico de costas pra porta. Se alguém passar, vai achar que estou dormindo. Uma vez, eu acho que senti o perfume da Sylvie, vindo da porta, e ouvi uma voz dizer baixinho:

— Ei, Rich-Man — mas nem isso me fez virar.

São três da tarde e o Edward chega. Ele se debruça sobre a cama e diz:

— Ainda está conosco, cara? Ouvi dizer que você teve uma manhã difícil.

Eu meio que só sacudo os ombros, embaixo do lençol.

Ele coloca a mão no meu ombro.

— Está de bico, Richard? Esse não é seu estilo. Eu me viro e encaro seu rosto redondo.

— Eu só queria comer, cara — eu digo. — Eu queria, sabe, ficar mais forte. E isso só me fez pôr as tripas pra fora.

Ele assente.

— Certo, entendo. Você quer comer, que bom. Mas não seja um babaca por causa disso. Pense, cara. Você não pode sair devorando tudo que vê, do nada, depois de tanto tempo. Tem que começar devagar. Com gelatina, sopa, suco de maçã ou mesmo refrigerante.

Eu penso nisso.

— O pai da Sylvie tomou o refrigerante todo. Todas as latas da porra da geladeira. Prego.

O Edward ri.

— Richard, tem um estoque interminável de refrigerante aqui, pode acreditar. Então, sente-se que eu trago pra você.

Eu me apoio nos cotovelos e sento.

— A enfermeira importante disse que eu não posso sair da cama.

Ele arruma os travesseiros atrás das minhas costas.

— A Sra. Jacobs foi pra casa mais cedo — ele diz, baixinho.

Então, ele me dá um peteleco na cabeça. Devagar, mas, ainda assim, foi um bom peteleco.

— Ela é uma boa enfermeira, Richard — diz. — Uma enfermeira muito boa mesmo. E passou por maus momentos, e você a lembrou disso. Todos têm problemas, sabia? O mundo é um lugar universalmente ferrado e triste. Ou você acha que é só com você que as coisas ruins acontecem, cara? Que só você quem sofre, como se você tivesse sido escolhido?

Ele não espera resposta, só sai pela porta. Depois enfia a cabeça de volta.

— Eu me esqueci. Você tem visita. Tá te esperando acordar faz tempo. Está disposto?

Eu ergo os olhos.

— Visita? Quem?

Ele pisca e diz:

— Uma garota interessante, jovem Richard. Ora, ora, ora. Você está virando um astro do rock.

Sento mais ereto e antes que eu possa pensar em como me livrar desse avental ridículo — esse tem desenhos de caubóis, como se tivesse fugido da pediatria — e colocar uma camiseta, a garota interessante enfia a cabeça no quarto. Ela tem cabelo preto, preto — como se tivesse sido mergulhado no piche e espetado pra cima — e usa nos olhos um delineador preto, com um centímetro de largura. Está vestindo calças camufladas e um colete laranja. É como se ela tivesse copiado o traje de uma revista de pesca e caça. Como se só tivesse dado uma passada aqui, a caminho da floresta, e estivesse com seu rifle na

picape, e tivesse mijo de alce borrifado no pescoço. Não faço a menor ideia de quem seja, mas, e daí? Tento fazer uma gracinha, mesmo assim.

— Já pegou seu alce?

Ela pisca os olhos pintados de preto.

— O quê?

Eu aponto o colete.

— Está na temporada de veados. Começou ontem. E você está vestindo...

Vejo que ela não tem ideia do que estou dizendo e está prestes a recuar do quarto, então desisto de bancar o engraçadinho.

— Deixa pra lá.

Ela fica na porta, depois estende os braços, segurando uma sacola.

— Sua capa, majestade, lavadinha.

Ela faz uma reverência meio sem jeito.

Eu finalmente entendo.

— Maria! Você está tão diferente. Ei, entra aí.

Então, ela sorri e caminha até a cama. Sacode a sacola e deixa cair meu cobertor de noite estrelada.

Eu o pego e tento disfarçar o fato de que estou prestes a chorar, só em vê-lo. Seguro junto ao nariz.

— Que cheiro bom — eu digo.

E está cheiroso mesmo, limpo e cheiroso.

— Valeu.

Eu giro e coloco novamente nos ombros, como se fosse uma capa.

— Sente-se.

Eu aceno, num tom de realza, apontando a poltrona ao lado da minha cama.

— Estava todo amassado, no bar — diz ela. — Eu tive que procurá-lo por um bom tempo. Lavei-o e até usei amaciante.

Ela pousa a mão na grade da cama.

— Ouça, eu quero pedir desculpas. Eu meio que pirei, sabe, quando ouvi que você estava doente. Pensei... bem, não importa. Desculpe.

Eu a observo por um minuto. Por baixo daquele cabelo hostil e o delineador agressivo, há um rosto rechonchudo, jovem e tímido. E olhos azuis redondos. Ela tem as unhas roídas até o toco. Eu pouso a mão na dela.

— Você foi ótima — eu digo. — Foi demais.

O rosto dela se acende.

— Mesmo? Você não está, tipo, zangado? Nem nada?

— Nem nada, Maria.

Ela se inclina à frente.

— Meu nome verdadeiro é Kelly — diz. — Maria era só parte da minha fantasia. Maria era, tipo, meu alter ego, sabe? Como se eu pudesse ser bem mais corajosa, ousada, como Maria do que como eu, sabe? Na maior parte eu sou, meio, você sabe, medrosa e não muito

inteligente. Poucas luzes, segundo diz meu irmão. Você entende como uma fantasia pode fazer uma diferença imensa...

Eu gostaria de dizer que estou prestando atenção a essas perguntas profundamente perspicazes, sobre questões de identidade humana e tudo mais — mas, na verdade, estou olhando para seu colete. Sabe, ela nem está de camiseta por baixo. Quer dizer, é só o colete laranja brilhoso, com decote V aberto na frente, e meio aberto de todos os lados, e de todos os ângulos, tem uma megavisão de seus seios, ali por baixo. Seios claros, fartos e redondos, soltinhos. E mesmo com a lembrança nebulosa, eu certamente consigo me lembrar de deslizar entre esses peitos. Tento desviar os olhos pra cima, focar no rosto da garota. Mas, quando faço, vejo que ela está prendendo o lábio inferior entre os dentes. E certamente também me lembro daqueles lábios, e sinto que estou armando uma megabarraca por baixo do lençol.

— É — eu digo, brilhantemente. — Bem, prazer em conhecer você, Kelly-Maria.

Ela dá uma risadinha.

— E você também, Richard Casey.

Ela se inclina ainda mais e os peitos ficam pressionados na grade da cama, e meio que transbordam por cima.

— Está vendo? Também tive que descobrir seu verdadeiro nome. Andei perguntando por aí. Algumas pessoas conheciam seu tio e algumas também conheciam sua mãe, e me contaram sua história, como você já estava doente há muito tempo, e que você estava aqui e, bem, eu te achei, não foi?

Quase não estou resistindo ao ímpeto de agarrá-la e puxá-la pra cama, quando o Edward entra. Ele está com um sorriso imenso e assente para Kelly-Maria.

— Olá — diz. — Achei que vocês talvez quisessem algo pra beber. — Ele está segurando duas latas de Coca-Cola. Não são as latinhas do hospital, são Cocas de verdade.

E eu sei que ele deve ter ido a uma das máquinas lá de baixo, do primeiro andar, perto da emergência, e comprado. Desembolsou três pratas por cada uma. Sabe, às vezes, a gentileza humana simplesmente te deixa estarecido.

— Valeu, cara — digo.

Espero que ele tenha percebido que eu sei o que ele fez e o quanto fico grato.

Ele abana a mão, no típico gesto de não foi nada, puxa a porta e quase a fecha ao sair, para que Kelly-Maria e eu possamos ficar ali, sentados, tomando nossas Cocas, conversando, rindo e paquerando. Como outros adolescentes, em qualquer outro lugar do mundo.

CAPÍTULO 10

O negócio está indo bem. No fim das contas, Kelly-Maria é do primeiro ano do ensino médio da mesma escola que eu e ouviu falar de mim, porque sou do último — quer dizer, seria, se eu estivesse frequentando a escola. E eu sou meio famoso mesmo, mas de um jeito ruim: o garoto que está sempre doente. Ela não diz, então, eu digo:

— Arrã, sou eu mesmo. O Incrível Garoto Moribundo.

E me sinto um babaca, porque seus olhos azuis se entristecem. Eu rio.

— Na verdade, não — eu digo, tentando não parecer tão idiota.

Ela se anima.

— É mesmo? Não?

Olho pra ela e digo o que costumo dizer à minha mãe, quando ela está pra baixo.

— Que nada. Olha, neste exato momento, neste exato minuto, tem um monte de malucos da ciência, quer dizer, esses caras pesquisadores superinteligentes, trabalhando que nem doidos, dia e noite, e dia de novo. Quer dizer, esses caras estão em Harvard, no MIT, em Columbia e essa porra toda. E estão mergulhados em tubos de ensaios e terapias genéticas e todo tipo de coisas secretas. Eles estão em cima, pode crer. Estão achando a cura. Eu confio totalmente nesses caras. Agora, nós estamos esperando uma descoberta a qualquer dia.

Na minha cabeça, eu digo, arrã, claro. Mas ela está engolindo, dá pra ver. Da mesma forma que minha mãe acredita — acho que as pessoas acreditam no que querem acreditar.

Kelly-Maria está concordando, sorrindo. Sinto-me melhor por ter feito com que ela se sentisse melhor. Então, a porta se abre e ali, parada, está a menina magrinha, com penugem na cabeça, olhos castanhos que atende pelo nome de Sylvie. De top preto e uma calça, não sei como chama, *legging*, eu acho, e de pés descalços. Ela está só, tipo, parada ali, toda de preto, como um Fantasma Natalino Ainda Por Vir, sabe? Está com um sorriso assustador no rosto e eu noto como seus dentes são parecidos com os de seu pai.

— É — diz ela, toda metida e irritada. — Esses caras cientistas estão trabalhando nisso, com certeza. Sem dúvida vão descobrir a cura, digamos em mais alguns anos. Talvez seja um pouquinho tarde pra nós, mas, e daí. Tenho certeza de que alguém será curado. Isso que conta. O bom da raça humana. Não alguns indivíduos insignificantes. Certo, Richard?

Sylvie entra no quarto — entra, veja só. E está bem firme. Nem está segurando nada, de tão determinada — e zangada, eu acho — que está. Ela vai direto até Kelly-Maria e olha de cima a baixo, meio como se ela fosse um monte de cocô de cachorro no tapete.

— Oi — diz ela.

Ela estende a mão branca ossuda. É totalmente elegante e parece aquela atriz dos filmes antigos. Audrey Hepburn, eu acho, no filme em que ela é uma princesa tentando ser normal. Só que Sylvie está totalmente no controle, dirigindo a cena toda.

— Eu sou Sylvie — diz ela. — Namorada do Richard.

Kelly-Maria meio que murcha. Subitamente, ela é só a Kelly, uma menina gorda do primeiro ano, com uma roupa estranha, se esforçando demais pra parecer legal. Ela levanta e segura a mão de Sylvie, por um milésimo de segundo.

— Oi — diz ela. — Eu... é... só vim devolver o cobertor do Richard.

Ela gesticula para minha capa estrelada.

— Já estou indo — ela sai do quarto e bate a porta.

Sylvie está de pé, com as mãos nos quadris, primeiro olhando fulminante para a porta, depois, pra mim.

— Então. Como foi que você perdeu seu precioso cobertor, Richard? Importa-se de me explicar?

— Não tenho certeza.

E, realmente não tenho, certo? Quer dizer, há algumas possibilidades, como quando Kelly-Maria estava me tocando ou quando... acho mais prudente não mencionar essas possibilidades.

— Em algum momento, na noite de Halloween.

— Você estava com essa garota, na noite de Halloween? Essa aspirante à gótica burra, gorda, cafona e patética?

Eu deveria defender Kelly-Maria. Realmente deveria. Porque ela é uma garota legal, meiga e generosa. Com peitões. Mas estou murchando sob o calor dos olhos de Sylvie.

— Eu não estava *com* ela. Foi só uma garota que conheci num bar.

Tenho de admitir que isso soa legal, então vou mais adiante.

— Ela estava vestida de Maria Antonieta. Uma fantasia muito criativa. Carregando sua cabeça.

— Arrã. Tenho certeza de que a fantasia era um arraso absoluto.

Sylvie aperta o botão para descer as grades da minha cama e sobe na cama comigo. Ela joga uma perna por cima dos meus quadris e passa uma das mãos em minha barriga. E sussurra em meu ouvido, tocando com os lábios em minha orelha.

— Carregando a cabeça, é? E dando a cabeça, também, eu imagino. Certo?

— É... eu realmente não posso revelar...

— Papo furado — diz ela. Aqueles dedos frescos, finos, chegam à minha virilha e sua língua contorna minha orelha.

— Sabe de uma coisa? Tem algo muito atraente num homem sexualmente experiente, Richard. É muito estimulante. E acontece que minha mãe e os meninos foram pra casa cedo, essa tarde; um dos gêmeos está doente. E o meu pai só vem mais tarde. Então...

Os dedos dela começam a me acariciar lá embaixo.

Acho que eu poderia morrer bem ali, nesse momento, feliz, com a mão dela em mim. Acho que eu talvez vá direto pro céu. A mão mexe mais depressa, e os dentes de Sylvie mordem o lóbulo da minha orelha. Então, ela acelera mais os movimentos da mão e eu vou ao céu, ou algo parecido, bem ali, com meu traje noturno de caubói. lupiii.

Pela primeira vez na minha vida, eu passo pela experiência da glória do depois. A Sylvie

está toda encolhida e eu estou esfregando suas costas, passando a mão por baixo da blusa, e chegando à frente de seu corpo. Seguro seus seios em minhas mãos. A bunda dela está junto a mim. Tenho que confessar que estou tão cansado que é difícil até me mexer, nesse momento, entende? Tipo, eu quero tanto estar aqui, sabendo que estou com minhas mãos nos seios de uma garota, pois isso é algo que preciso assimilar, absorver totalmente, pra que seja uma doce lembrança eterna. Mas estou apagando. Estou indo e vindo. E acho que a Sylvie também, porque ela está muito quieta. Mas sua respiração está ofegante. Sinto cada vez que ela respira, suas costelinhas sob os meus dedos, inflando e murchando. Também sinto todos os ossos em suas costas, junto ao meu peito. Pouso minha cabeça acima da dela e sinto que estou me deixando ir, mergulhando no sono. Mas, de repente, ela vira, e faz com que eu dê um solavanco, acordando. Ela deita de lado, sobe um pouco, no travesseiro, então, ficamos olho no olho. Noto que seus cílios e sobrancelhas estão começando a voltar, uma penugem preta. Seus olhos estão realmente brilhantes.

— Você está com medo, Richard? — Ela pergunta.

Quero desviar o olhar. Sinto meus olhos se afastando dela.

— Do seu pai? Porra, claro.

Ela segura meu rosto com as duas mãos.

— Olhe pra mim — diz ela, com a voz rouca. — E não seja um babaca. Eu fiz uma pergunta real e quero uma resposta real. Você está com medo, Richard?

Eu olho nos olhos dela. Eles estão quentes, como duas pedras de carvão. Talvez ela esteja com febre. Mais provável que ela *seja* a febre.

— Certo. Estou morto de medo.

Tento dar uma risada na última palavra, pra mostrar que é uma piada ruim, mas não consigo. Sinto meus olhos lacrimejando. Se ela quer que eu fale sério, sério será.

— Sim, Sylvie. Estou definitivamente com medo.

Ela concorda e solta o meu rosto.

— Foi o que achei.

Ela chega um pouquinho pra trás e vira de barriga pra cima, colocando as mãos embaixo da cabeça.

— Bem, eu não estou.

Eu me apoio num dos cotovelos e olho pra ela.

— Não? É mesmo? Ora, vamos, você tem que falar sério, Sylvie. Eu falei.

Ela sorri.

— É verdade. Não estou com medo, Richard. Porque não vai acontecer, ainda não. Eu vou melhorar.

Ela fecha os olhos e sua voz fica sonolenta, mas continua falando.

— Não por algum milagre científico. Só porque eu não vou permitir. Isso não é aceitável. Ela dá um longo suspiro, depois adormece profundamente.

Por um tempo, eu só fico ali, olhando seu rosto. De olhos fechados, toda vida de Sylvie some. Toda a sua impetuosidade desaparece e só resta o rostinho mais frágil que já se viu. Dá pra ver o crânio por baixo da pele, o maxilar, a cavidade de suas têmporas, azul

profundo. Sua pele está seca, fina como papel. Ela não tem força, eu acho. É simplesmente pequena demais. Passo meus braços ao seu redor e a envolvo com minhas pernas. Tento fazer uma caverna pra ela, como se, de alguma forma, eu pudesse mantê-la totalmente protegida. Puxo-a pra perto e adormeço.

* * *

Em algum momento, quem sabe quanto tempo depois, a luz do quarto é acesa e me acorda num tranco. Olho, totalmente cego e confuso. E o Irmão entra.

— Richard — ele diz, retumbante, com sua voz mais sincera de Irmão — Tenho algo pra você.

Só pra ficar registrado, eu gostaria de mencionar que Sylvie é tão miúda que ela poderia ter simplesmente permanecido imóvel e silenciosa, embaixo do lençol e provavelmente ficaria imperceptível. Ela realmente poderia. Nós teríamos nos safado totalmente. Mas, a essa altura, você deve saber que a descrição não é um dos pontos fortes de Sylvie. Não, mesmo. Sylvie é o que minha avó chama de danada. Então, a garota senta ereta, joga o lençol pro lado e estica os braços acima da cabeça, deixando os seios nus apontarem para o céu. Entre eles há uma cicatriz que mais parece um trilho de trem, totalmente à mostra, vermelha e brilhosa, sob a luz intensa. E ela parece não dar a mínima. Lentamente, ela arruma a blusa no lugar e depois, bem devagar, muito devagar, ela vira as pernas para a lateral da cama. Ela sorri para o Irmão e diz:

— Boa-noite. Richard e eu só estávamos celebrando a oração vespertina. Nós gostamos de nos unir em prece, toda noite. Realmente nos unimos. O casal que ora junto fica junto.

Ela sai do quarto como uma pequena rainha, rebolando os quadris.

Dizer que o bom Irmão ficou mudo é como dizer que o Grand Canyon é um buraco no solo. O queixo do homem realmente caiu e ele sentou pesadamente na poltrona ao lado da cama.

Eu sento, arrumo meu pijama de caubói, ainda úmido, por baixo do lençol, e puxo meu cobertor em volta dos ombros.

— O que tem pra mim de tão importante pra me acordar no meio da noite?

Seu cabelo ruivo está oleoso e sua camisa preta tem mostarda — ou algo amarelo — respingado na frente. Ele sacode a cabeça.

— Richard, não posso fazer vista grossa para...

Eu me inclino à frente e aperto o botão de chamado em minha cama. Então, eu aponto meu dedo ao seu rosto gordo.

— Quem lhe pediu? Quem lhe pediu para fazer vista grossa para alguma coisa? Quero você fora do meu quarto agora.

Estou gritando e ficando sem fôlego, mas continuo gritando.

— O que aconteceu com a privacidade, cara? Esse é um direito básico do ser humano e você o viola, toda vez que entra aqui e nem bate, e começa a pregar essa porcaria. Eu tenho direitos, cara. Não tenho que ser submetido a essa...

— Richard, o que foi? — Jeannette está na porta.

— É ele — eu grito. — Ele entra aqui sem bater e me força a ouvir sua baboseira. Faça-o sair. Quero que me deixem em paz.

O Irmão Bertrand se levanta. Ele está tremendo e se alguém, algum dia, quis socar um garoto doente, esse alguém é ele. Seu rosto está roxo.

— Você não estava bem sozinho, não é? — Cuspe voa em minha direção. Ele vira, cuspiendo na direção de Jeannette. — Ela estava nua! — diz ele. — Na cama desse menino!

Jeannette entra e coloca a mão no peito do Irmão.

— Apenas vá embora — diz ela. — Está aborrecendo meu paciente.

O homem meio que murcha, depois aponta um envelope grande que ele deixou cair no chão.

— Eu só vim entregar isso — diz ele. — Um pacote do tio do garoto. Só isso. E esse é o agradecimento que recebo.

Ele vira e sai, sua bunda está tão contraída que até a calça está repuxada.

Jeannette coloca as mãos no rosto e esfrega com força.

— Ela estava nua? — Pergunta. — Deixe-me entender isso direito. Você estava com uma garota nua aqui? Agora, eu me pergunto. Quem poderia ser a pequena Lady Godiva?

Ela se aproxima e ergue minha mão, sentindo meu pulso.

— Deus, garoto, você vai ter um ataque do coração. Recoste, agora. Você precisa relaxar, Richard. Agora, acalme-se. Respire.

Eu recosto e respiro um pouco. Estou terrivelmente tonto, é verdade.

Ela espera até que meus batimentos cardíacos desacelerem, depois suspira.

— Certo, agora você quer me contar o que está se passando aqui? E, por favor, meu Deus, diga que não é algo que fará com que eu seja despedida. Da última vez, você chegou bem perto, com seus pequenos truques.

Ela senta na poltrona.

— Estou cansada, filho. Realmente estou. Portanto, pode ir falando.

Eu balanço a cabeça.

— Não sei por que aquele cara me deixa tão zangado, mas ele deixa. Ele tipo, invade, no meio da noite e...

— Richard, são sete e meia da noite, só isso. Eu sei porque estou em meu turno há apenas quatro horas e meia, e ainda me faltam três horas e meia para ir embora.

— Ah! — digo. — Achei que fosse muito mais tarde.

Eu penso: como tudo isso pode ter acontecido, em apenas algumas horas? Kelly-Maria e Sylvie e tudo mais? Como se toda minha vida tivesse mudado num *flash*? Como se o tempo estivesse sendo comprimido, ou algo assim? Como se eu tivesse entrado numa velocidade acelerada? Inteiramente possível. Até faz algum estranho sentido, o tempo alterando seu fluxo, nesse lugar.

— É, bem isso não é importante. Eu repito, *quem* estava nua aqui? O que *ela* estava fazendo aqui?

Fecho os olhos e digo, com dignidade.

— Não posso revelar isso. Minha mãe criou um cavalheiro.

Ela começa a rir e levanta.

— Certo. Mas deixe-me lhe dizer uma coisa, Sr. Príncipe Dentre os Homens. Se você por acaso estiver de sacanagem com aquela menina Sylvie, o pai dela vai arrancar seu couro, como se você fosse um coelho. E colocá-lo no ensopado. Apesar de — ela meio que murmura consigo mesma — qual estrago você pode fazer, em seu estado, bem... — Ela estala a língua. — Apenas não faça isso em meu plantão, está bem? Por favor, por favor, por favor.

Abro meus olhos e seu rosto moreno está suave.

— Sylvie disse que vai melhorar — eu digo bem baixinho. — Ela acredita inteiramente. Acha possível?

Seus lábios ficam imóveis e ela balança a cabeça.

— Ah, meu bem. Eu não sei.

— Quais são as probabilidades?

Ela suspira.

— Probabilidades? Não sigo probabilidades. Não mais. Já vi muita coisa.

Ela se debruça por cima de mim e ajeita os lençóis.

— Jeannette, você alguma vez... Bem, você reza?

— Rezar? Essa é uma boa pergunta. Acho que sim, mas imagino que não chegue aos ouvidos de Deus, sabe, como algumas pessoas conseguem. Quer dizer, olhe onde eu trabalho. Como eu saberia por quem rezar por aqui?

Eu concordo. Esse é um problema, hein? Por quem ela rezaria naquela noite, por exemplo? Pelo cara que escapou de Bataan, trilhões de anos atrás, mas que teve seu número sorteado hoje? Ou pelo seu companheiro de quarto? Pela mulher que está em coma? Ou pela Sra. Elkins? Sylvie? Eu?

Ela pousa a mão em meu peito.

— Agora que estou pensando nisso, sabe por quem eu estaria inclinada a rezar? — Pergunta ela.

Olho pra ela.

— Quem?

— Pelo pai de Sylvie, isso sim. Nunca vi um homem sofrendo tanto.

O pai de Sylvie. Nossa, isso é uma surpresa. Esse é alguém que eu nunca achei digno de uma prece. Sacudo a cabeça.

— Não perca seu tempo. Aquele homem é um demônio.

— Não. Aquele homem está no inferno, só isso. Ele não é encarregado do lugar, só foi jogado lá. Sem ter qualquer escolha, sem opção. Pense nisso. O homem cuidava da família, da filha. Ele os protegia, sabe? E agora... Bem, agora. — Ela vira, toda veloz, em postura de enfermeira. — Agora, mocinho, eu acho que você precisa de um avental limpo e certamente não vou especular o motivo. E talvez você queira um pouco de gelatina. O relatório de Edward diz que você quer comer um pouquinho. Vermelha ou verde?

CAPÍTULO 11

Na manhã seguinte, eu já levantei tomei banho e me vesti, e tomei meu pequeno café da manhã leve, com um caldo e café, bem cedinho, como se eu realmente tivesse algo a fazer, um dia muito movimentado pela frente. O sol está brilhando lá fora e eu estou me sentindo decente. Pego o pacote que o Irmão deixou. A auxiliar que limpou meu quarto o deixou na mesinha de cabeceira.

É um envelope grande, do tipo acolchoado com plástico bolha. Dentro, em cima de tudo, tem um bilhete. Logo fica óbvio que é do tio Phil — a caligrafia é forte e garranchada, e o papel tem o cheiro dele, fumaça de cigarro e cerveja. Começa com *Sua Majestade, Perdoe-me por ter de abandoná-lo. Eu precisei dar o fora logo. Mas fiquei acordado a noite toda, trabalhando nisso aqui. Logo voltarei para vê-lo, prometo.* Ele assinou *Seu fiel laçao, Philip, o Tolo.* Depois tem um p.s.: *Confio que você encontrará as pistas secretas, meu amo.*

Eu puxo as folhas grossas de papel, todas meio rasgadas no alto, como se tivessem sido arrancadas de um daqueles blocos grandes de arte, que se pode comprar. São desenhos, em carvão, eu acho, em princípio. Mas depois percebo que devem ter sido feitos com pena, pois as linhas são bem finas. Preto e branco, sem cores. O primeiro está identificado como *A mulher em coma. 31 de outubro.* Que engraçado, sua escrita aqui está perfeitamente esmerada e legível. Como se ao entrar no modo artístico, Phil fosse um cara diferente. Estou quase com medo de olhar a imagem de muito perto, então levo alguns minutos para espalhar todos eles em cima da minha cama. São cinco ao todo. Todos têm identificações e datas: *Sala de família. 31 de outubro. Os caras velhos, quarto 304. 31 de outubro. Sylvie. 31 de outubro. O mundo de Richie. 31 de outubro.*

Por algum motivo, eu estou com o coração na garganta, só de dar uma olhada nos desenhos. Eles são muito detalhados, muito bem-desenhados, com, tipo, centenas de detalhes em cada um. Não sei por que desenhos deveriam me assustar, mas assustam. É como se, não sei, como se eu visse todas as coisas que não quero saber. Como se, em preto e branco, a realidade desse lugar fosse excessiva. Mas ali estão eles, em cima da minha cama, enfileirados, e eu penso que fracote eu seria em não os estudar, não apreciar o trabalho de Phil. Quer dizer, está claro que o cara tem o dom. E que trabalhou terrivelmente nisso. Mas são difíceis de encarar, todos de uma só vez. Então, eu empilho na ordem que me parece seguir do menos ao mais assustador, com o menos assustador em cima. Sabe, pra que eu possa olhar alguns e deixar o restante, se eu quiser.

Eu me debruço em *A mulher em coma* e tento entender. Todos os ângulos são estranhos, como se tudo no quarto irradiasse pra fora, a partir de um ponto central. Está tudo ali: as janelas, a porta, o teto, as paredes, a mesinha da cama, com o equipamento de sucção, tudo aquilo. Mas é, tipo, tudo circular. E tudo está meio distorcido, como se estivesse sendo puxado pra quem olha o desenho. Como se tudo estivesse sendo sugado. Aqueles

pequenos querubins da faixa do papel de parede estão esticados e estranhos, como gárgulas, ou algo assim. Eu continuo olhando. Então, entendo: tudo no desenho é a partir do ponto de visão *dela*. Como se ela estivesse fora da cena, olhando pra dentro. Sinto um tipo de formigamento na cabeça, quando entendo o que Phil fez: ele nos coloca no lugar dela. Eu sou a mulher em coma e isso é o que vejo. É terrivelmente doido, mas não consigo parar de olhar. Quanto mais eu olho, mais percebo. Há rostinhos espalhados pelo quarto, bem pequenininhos, como moscas. Todas as bocas estão abertas, tagarelando, mas eu não consigo entender o que estão dizendo. Depois de um tempo, eu vejo o que está do lado de fora da janela. É a lua, uma lua cheia. Dentro dela há um rosto maior. E está dando um grande sorriso, como aqueles das luminárias de abóbora, com dois dentes pontudos em cima e um embaixo. Não tenho certeza se é um sorriso feliz ou cruel. Olho os olhos masculinos da lua, por um minuto, e ainda não consigo concluir. Preciso me afastar da cama, de tão tonto que estou. Se há uma pista secreta aqui, cara, eu não peguei.

Volto a subir na cama e pego o que tem os velhos. Esse é feliz: tem dois caras sentados na cama, assistindo à TV, na parede. Cada um está com uma cerveja numa mão e um cigarro na outra. Olho de novo. Esses caras são jovens. Eles têm cabelo e bigodes grossos e não têm rugas. Um deles está com um boné dos Yankee's e o outro está usando um chapéu de pesca surrado, cheio de moscas amarradas. O que está de boné aponta a TV com seu cigarro, rindo. Eu acompanho a direção para onde ele está apontando e vejo o que está passando: caras de shorts brancos e outros de shorts pretos, todos vendo a bola de futebol entrando no gol. Quando olho de volta para os velhos, vejo o que não vi da primeira vez: eles não estão em camas. Estão em poltronas reclináveis. Espalhadas ao redor das poltronas há edições da *Playboy* e da *Sports Illustrated*. E as paredes também não são paredes de hospital. Tem papel de parede e fotos emolduradas, além de estantes de livros cheias de troféus esportivos, e fotos escolares de garotos. Balanço a cabeça e sorrio. Esses caras estão em casa, numa sala de recreação, ou algo assim. Apenas caras comuns, assistindo à TV, juntos.

Esse não é tão ruim. Estou pegando o da sala de família, quando a voz de Sylvie preenche o quarto.

— Oi, bom-dia, Rich-Man — diz.

Eu viro e aceno pra ela, na porta. Ela parece cansada, mas ainda está andando sozinha. Está com uma saia xadrez e *legging* preta, blusa branca e uma sapatilha preta. Totalmente garota pré-universitária.

— Oi. Você parece pronta pra escola.

Ela passa a mão na saia.

— Arrã. Agora, pode ser qualquer dia. — Ela entra. — O que são esses papéis?

Fico meio orgulhoso dos desenhos, porque eles mostram que alguém da minha família tem algum talento.

— Desenhos que meu tio Phil fez. São incríveis. Eu só mostrei esse lugar pra ele uma única vez e ele, tipo, sacou tudo. Venha ver.

Ela vem e fica em pé ao meu lado, debruçada no encosto da minha cadeira. Ela olha o desenho dos caras do quarto 304.

— Nossa! Muito legal.

De repente, ela aponta uma foto emoldurada na parede do quarto em que os caras estão sentados.

— Olhe o que diz ali.

Chego meu rosto quase grudado no papel, mas não consigo ler as letrinhas que ela está apontando. Quer dizer, eu consigo ver que talvez tenha palavras ali, mas é uma tinta meio invisível, ou algo assim, embaçada.

Ela fica impaciente.

— Ora, vamos, Richard, você é cego? Olhe, é um pequeno dizer bordado.

Ela bate o dedinho no papel.

— Olhe. Diz *Eternamente Jovem*. E tem uma borda florida em volta.

Eu sento e sacudo os ombros.

— Se você está dizendo.

Incomoda um pouco o fato de que os olhos de Sylvie ainda estejam bem. Que ela seja bem mais forte que eu. Quer dizer, eu sei que ela ainda manda mensagens de texto para os amigos, o tempo todo. Não deixa que venham visitá-la, mas passa mensagens engraçadas, pra todos eles. Na verdade, é um jeito legal de mentir. O que os olhos não veem, o coração não sente, certo? Eles só veem telinhas. E o que ela quiser que eles saibam.

— Está bem ali — diz ela. — E é tão terno, não acha?

— É — eu digo.

Mas, na verdade, não sei quanto a isso. Se você pensar, o único meio de ser eternamente jovem é morrer antes de envelhecer, certo? Mas eu não falo. Em vez disso, eu peço que ela olhe a mulher em coma. Talvez ela também descubra a pista.

Ela não leva nem um segundo.

— Epa — diz ela. — Esse é psicodélico, cara.

Ela aponta o homem sorridente na lua.

— Tem uma palavra em cada um de seus dentes, está vendo? Letrinhas maiúsculas: *HÁ MUITO SE FOI*.

Ela sacode a cabeça.

— Não é que é verdade. Aquela mulher não está nem um pouco aqui. Há muito se foi é correto. Vamos ver outra.

Nós dois ficamos olhando a sala da família. É como na vida real, as flores empoeiradas e tudo. Mas tem um casal de meia-idade sentado no sofá, olhando a tela da TV. Ela está com um traje todo meticuloso, uma blusa florida e saia lisa, os pés cruzados no tornozelo; ele está de terno e gravata, sapatos pretos sociais lustrosos. A única coisa estranha que eu vejo é um punhadinho dos anjos querubins — sabe, os bebês gordinhos com asas brancas emplumadas — pairando acima dos ombros deles. E, num canto, a harpista, curvada sobre a harpa, se esbaldando no dedilhar. E ela também tem asas emplumadas. Isso me parece terno.

Mas a Sylvie está segurando a barriga, de tanto rir. Ela aponta a TV. Não consigo ver do que ela está rindo, até que ela diz.

— Olhe a que eles estão assistindo. Pornografia!

Ainda não consigo ver — é apenas um monte de linhas meio que entrelaçadas — mas eu rio, mesmo assim.

— Não brinca!

Ela aponta a caixa do vídeo, no chão, aos pés do casal. Até ela tem que pôr o nariz no papel, pra ler o que está escrito.

— E olhe o nome do filme: *O Manual Hospitalar de Como Transar e se Curar*.

— E, olhe...

O dedo dela está tocando a calça do terno do homem.

— Ele está de pau duro — está vendo?

Dá pra ver perfeitamente, por baixo da calça, a barraca armada. E a mão dela, aqui, está tipo, entrando por baixo da própria saia. Ela está se tocando! Sylvie balança a cabeça.

— Seu tio é demais.

— Certamente é — eu digo.

Eu gostaria de poder ver, mas, tudo bem, ouvir a Sylvie falando essas sacanagens é quase melhor.

— Quer ver a próxima? — Eu me esqueço qual é e pego.

Sylvie fica bem quieta, quando vê que é ela: *Sylvie, 31 de outubro*.

Eu vejo a maior parte, antes que ela pegue e segure junto ao peito. São todas aquelas fotos de Sylvie, quando bebê e como atleta, ganhando um prêmio, tudo aquilo numa moldura ao redor de uma cama. A menina na cama está dormindo, encolhida de lado, nua. Ela é deslumbrante: cabelos pretos compridos e cacheados, seios fartos, um traseiro lindo e arredondado. Eu olho de novo: acho que vejo um bebê junto a um dos seios. Mas depois, Sylvie esconde completamente o desenho. Olho seu rosto e lágrimas escorrem por ele.

— Ei — eu digo e toco seu ombro. — Ele tem uma pista?

Ela olha pra mim, como se eu fosse a pessoa mais imbecil que ela já conheceu.

— Isso é a pista, Richard, a coisa toda.

Ela estende e segura pra mim, por um minuto.

— Você não está vendo? Sou eu, adulta. Com um bebê. É, tipo, o meu futuro. Está vendo, Richard? Eu cresço. Eu consigo.

Ela aponta o rodapé do papel.

— Aqui diz: *Linda Mulher*.

Ela segura o desenho junto ao peito, ao sair do quarto. Ela acalenta o desenho, como se fosse o bebê que terá, um dia.

Passo alguns minutos zangado com o tio Phil. Quer dizer, que direito ele tem de imaginá-la nua? Ou, até pior, lhe dar falsa esperança? Ora, eu detesto isso, de verdade. Claro, eu declamo a baboseira do milagre-da-ciência-mágica-dos-malucos-pesquisadores, quando preciso — mas eu não acredito nisso. E eu também não quero ter esperança. Ora, eu quero saber. Quero saber, enfrentar e lidar com isso. Está bem?

Então, por que meu coração está disparado, quando pego o último desenho, *O mundo de Richie*? Quer dizer, o que espero? Uma bola de cristal? Um vislumbre do futuro? Merda,

eu conheço o Phil. Ele não é nenhum adivinhador, acredite. Se fosse, não viveria bagunçando a própria vida, certo? Ora, ele veria todos esses desastres chegando e evitaria. É o que eu acho. Mas o que eu sinto? Não sei, isso é diferente. Eu me debruço sobre o desenho e vejo que esse é muito mais simples que o restante. Sou eu, em minha cadeira de rodas, visto de trás. Estou grande, no centro da página. Todo o restante que está à minha volta é minúsculo, como se eu estivesse pairando. Mas ainda dá pra ver o corredor e os quartos, e até o posto de enfermagem. É esse lugar, mas está bem abaixo. E além disso, há algo que parece um mapa: o Rio Hudson serpenteando pra longe, seguindo a uma distância tão grande que nem consigo ver. Olho novamente pra mim: estou com minha roupa do Halloween, a coroa na cabeça e a capa nos ombros. Mas a capa é muito mais comprida, meio que revoando atrás de mim, as estrelas do tecido meio que se fundindo às estrelas que estão espalhadas pela página toda. Estou com os dois braços estendidos à minha frente, como o Super-Homem fazia, naqueles programas de TV. As letras na minha capa são grandes o suficiente para que até eu consiga ler: *Richard Casey: O Incrível Menino Voador*.

Fico olhando por um bom tempo. É engraçado, quanto mais tempo eu fico olhando, mais me sinto como se realmente estivesse voando, como se estivesse decolando. Até que essa situação é divertida e supermega-assusta-dora. Meio reconfortante e totalmente aterrorizante, ver tudo aqui ficando cada vez menor. Houston, nós decolamos. Câmbio, desligo.

Quando fico tonto demais, preciso desviar o olhar e passo algum tempo só olhando pela janela, vendo o céu azul radiante. Merda, eu penso, puta merda. Pego *O mundo de Richie* e coloco de volta no envelope. Encontro uma caneta e escrevo na frente: *Para Sisco (também conhecida como mãe de Richie), com amor, de seu irmão, Phil*. Depois rolo a cadeira até o pequeno armário ao lado da porta e guardo o envelope, embaixo da minha bolsa da academia, e outras coisas que eu trouxe. Imagino que a minha mãe irá encontrar depois. Talvez ela vá odiar, talvez não.

E os outros desenhos, maliciosos e engraçados? Esses ficam pendurados em meu quadro de avisos, para que todos possam ver. Então, vou até o quarto de Sylvie e olho lá dentro. Ela está sentada na beirada da cama, ainda vestida para a escola. Só que agora ela acrescentou um chapéu, uma boina preta na cabeça, e uma jaqueta da mesma cor. Não tem ninguém com ela; sua mãe e irmãos devem estar tirando outro dia de folga. Ela parece estar esperando por alguma coisa, ou alguém. Simplesmente não consigo suportar que ela fique ali sentada, toda arrumada, sem nenhum lugar pra ir. Isso simplesmente não está certo. Então, entro no quarto e digo:

— E aí, Linda Mulher. Quer dar o fora dessa espelunca?

E antes de um piscar de olhos, ela está de pé, empurrando a minha cadeira até a recepção e o elevador. Tento ajudá-la, girando as rodas, mas ela dá um tapa, afastando minhas mãos. Sei que o Edward está nos vendo, porque ele está bem ali, no posto de enfermagem, escrevendo nos prontuários, e é meio difícil não sermos vistos. Mas ele não olha diretamente e também não diz nada.

Na recepção, a harpista olha, mas não para de dedilhar as cordas. Ela sorri.

— Olá, crianças — diz ela. — Tenham um dia abençoado.

A resposta de Sylvie ecoa até o elevador. Não vou repetir aqui, porque é realmente chocante e totalmente nojenta.

CAPÍTULO 12

Tenho de admitir que surgem vários olhares engraçados, quando passamos pelos corredores do primeiro andar, rumo à recepção. Ali é onde os cidadãos comuns do mundo entram e saem, para exames de sangue, de raios X, ou outros. A cabeça com penugem de Sylvie está coberta com seu chapeuzinho preto, mas a minha está exposta, para que todos olhem boquiabertos. Porém, a maioria das pessoas é naturalmente educada. Elas dão uma boa olhada, depois desviam os olhos para o chão, como se realmente estivessem seguindo a linha azul, laranja ou vermelha, que indicam os lugares para onde devem ir. Crianças são mais diretas. Elas apontam. Mas tudo bem, porque Sylvie aponta de volta, com a mão em formato de revólver e diz PÔU!, para cada criança. Ela usa o polegar como gatilho e as crianças riem, ou franzem o rosto.

Claro, ela também quer parar na loja de presentes do hospital. É ridículo. Sério, o que nós poderíamos precisar? Eu pergunto à ela.

— Ora, vamos. Você quer comprar cartões de desejo de melhoras?

Sylvie balança a cabeça.

— Você é tão *menino*, Richard. Estou aqui para fazer compras, não para comprar. Isso é a coisa mais parecida que eu tenho com um *shopping*.

Então, ela empurra minha cadeira lá pra dentro e me estaciona num canto distante e eu fico ali sentado pelo que parece três ou quatro dias, enquanto ela perambula olhando, pegando e soltando cada objeto do lugar, *juropordeus*. Ela está cantarolando, enquanto isso. Pega cada pacote de chiclete, cada revista, cada vaso de planta, cada bicho de pelúcia, cada um dos cartões. A velhinha voluntária de avental rosa, atrás do balcão, sorri pra Sylvie — por um tempo. Depois ela começa a tamborilar os dedos no caixa.

— Posso ajudá-la, querida? — diz. — Está procurando algo especial?

Sylvie me dá um sorriso com seus dentinhos afiados à mostra. Mas para a mulher no balcão ela assente ligeiramente a cabeça.

— Ah, obrigada, senhora. Sim, estou. Eu gostaria de algo para minha irmã. Ela acabou de ter um bebê.

A mulher estreita os olhos.

— Sua irmã?

— Ah, sim. Minha irmã mais velha. — Ela se debruça no balcão e sorri como um anjo. — Ela se casou com o filho de nosso pastor, ano passado, e agora o Senhor os abençoou com uma filha. Tem alguma foca de pelúcia bonitinha? Minha irmã adora focas.

A mulher sorri e afaga a mão de Sylvie.

— Que meiga você é. Deixe-me checar. Eu me lembro de que uma vez nós tivemos uma foquinha. Era branca, de olhos azuis. Talvez esteja lá no fundo.

E ela some por trás da cortina.

Em quinze segundos, aquela voluntária some e Sylvie pega, tipo, oito pacotes de chicletes e me empurra pra fora. Nós sentamos na sala de espera da emergência, por um tempo, mastigando. Bem, ela está mastigando. Eu meio que só chupo meu chiclete; eu não diria a ela, mas meus dentes estão todos meio soltos e ultimamente chiclete não é muito a minha. Quando ela não está olhando, eu tiro o chiclete da boca e jogo num cinzeiro. Depois ela cospe seu grude numa planta plástica e diz:

— Certo, chega de enrolação. Precisamos ir até lá fora, pegar um ar. Está pronto?

Estou muito pronto.

O sol está brilhando e o céu está azul. Mas o vento, que obviamente não poderíamos ver lá de dentro, está uma merda. Está frio e forte, e cheio de poeira. Sylvie não consegue me empurrar mais de um metro de cada vez, de tão forte que o vento está. Chegamos até um pequeno abrigo envidraçado para fumantes, do lado de fora da emergência. E eu tenho que girar as rodas da cadeira, pelos dez últimos metros, porque Sylvie está muito ofegante e suas pernas estão tremendo.

Mas quando entramos ali, não é tão ruim. Não tem ninguém lá dentro — quem seria maluco o suficiente pra enfrentar ventos de tufão só por um cigarro? Mas, lá dentro, nós ficamos fora do vento e é suportável. Sylvie está tremendo inteira. Ela sobe no meu colo e eu passo o cobertor ao seu redor. Ela pousa a cabeça em meu ombro e nós dois ficamos olhando lá pra fora, pelo vidro sujo. Pelo menos podemos ver algo diferente dali. Claro, grande parte da vista é só o estacionamento da emergência, e três casas do outro lado da rua e, se nos inclinarmos, um pedacinho do rio, lá embaixo, no fim da colina. Fede a fumaça e guimbas molhadas empilhadas no cinzeiro metálico. Tudo bem, também, quer dizer, esses são cheiros que você nunca sente no hospital. Até o fedor nos faz saber que estamos em outro lugar, que nós saímos.

— Lembre-se que eu só te levei aos melhores lugares — eu digo, com os lábios junto ao seu pescoço.

Ela ri.

— Sim, é mesmo.

Ela se remexe em meu colo, pra ficar mais confortável. Seu quadril ossudo meio que me machuca, e eu aperto os braços em volta dela. Ela aponta uma das casas do outro lado da rua. É só uma casa típica de Hudson, três andares, meio antiga, feita de tijolinhos pintados de branco e com persianas pretas. A tinta está descascando e a aparência geral é decadente. Mas tem uma varanda imensa na frente e as pessoas ainda não recolheram as cadeiras de verão. Ainda resta um pouquinho de verde no gramado da frente e algumas folhas marrons no carvalho ao lado.

— Vamos viver ali, Richard — diz ela —, quando nos casarmos. Está bem? Quer dizer, é uma casa só para o começo. Antes da gente se mudar para um lugar bem mais legal, fora da cidade.

Minha garganta fica meio apertada, só de imaginar.

— Claro — eu digo. — Feito.

Ela concorda com a cabeça.

— A sala de estar tem uma lareira. Lá está a chaminé. Está vendo? Então, num dia frio, como hoje, você vai acender o fogo, certo? Bem, só à noite, quando nós dois já estivermos em casa, de volta dos nossos empregos, e pudermos sentar no sofá, colocar os pés pra cima e tomar nosso vinho, falando do nosso dia. E você vai manter o fogo aceso até bem tarde quando estivermos sonolentos e aquecidos, prontos pra ir pra cama. Está bem?

— Sim, senhora — eu digo. — Mantereí o fogo aceso pelo tempo que você quiser. Mas sobre a hora de ir pra cama... Fale sobre isso.

Ela dá um peteleco no meu peito.

— Ah, claro. Vocês, homens, só pensam nisso. Ir pra cama.

Ela remexe o quadril um pouco mais e ri quando sente o Bingo levantando, junto ao seu traseiro. Seu tom de voz passa a um sussurro sexy.

— Bem, Richard. Deixe-me começar dizendo que nossa cama é bem grande, tipo *king size*. Tem quatro mastros, com uma daquelas coberturas de renda, passando de um mastro ao outro. E tem toneladas de travesseiros — tudo do melhor —, lençóis de algodão de seiscentos fios, um edredom fofo e...

— Seiscentos o quê? E que diabos é edredom?

Ela me dá outro peteleco.

— Macho ignorante. É uma coberta. E os lençóis são muito macios. Cale a boca. Deixe-me falar. — Ela se pressiona junto a mim. — Então, nós tiramos a roupa e isso nos faz tremer um pouquinho, porque lá em cima está frio, certo? Então, corremos pra debaixo das cobertas e nós dois ficamos no meio da nossa cama enorme e antiga. Na verdade, tem uma parte um pouquinho afundada, no meio do colchão, porque é onde nós sempre nos encontramos, sabe? Onde ficamos nus, em nossa cama. E, bem, digamos apenas que as molas dali estão um pouco gastas de tanto balanço, e...

— Nós balançamos? — Eu me pressiono junto a ela e fecho os olhos.

— Ah, sim, balançamos. Às vezes, moço, você balança com tanta força que eu acho que vou voar até a cobertura de renda, e tenho que me segurar com muita força, apertar minhas pernas em volta de você e...

— Você está em cima?

Ela quase ronrona.

— Claro que estou em cima, Richard. Eu que mando.

Ela vira em meu colo, montada em mim. Puxa a saia pra cima e põe um joelho de cada lado do meu quadril. Depois, ela põe a mão ali no meio e abaixa minha calça de moletom. E quando ela se acomoda, eu encontro o ponto quente e úmido, pelo qual eu estava morrendo, do outro lado da calcinha. Passo o cobertor à nossa volta, segurando firme, então ela fica invisível ali embaixo, com a cabeça colada em meu peito.

— Então — diz ela, agora com a voz meio rouca. — Então, lá estamos nós. Eu provoco você, um pouquinho, me afastando.

Ela afasta o quadril por um segundo, depois abaixa novamente em cima de mim, firme. Ela está mais aquecida e a calcinha está escorregando para o lado.

— Depois eu volto — diz ela.

Estou bem perto. Bem perto de estar dentro dela. Há círculos de luz em minhas pálpebras e cada músculo do meu corpo está retesado.

O ar dentro do vidro muda e eu noto que alguém entrou, mesmo antes de ouvir a voz dizer:

— Richie. Meu Deus, Richie. O que você está fazendo aqui fora?

Sylvie fica imóvel, depois recua. Ela abaixa as mãos e arruma a calcinha. Pega meu moletom e puxa pra cima. Depois tira as mãos e ergue a cabeça, pela abertura no cobertor.

— Oi — diz ela. — Você não está vendo que nós gostaríamos de ter um pouquinho de privacidade, aqui? Quem é você?

Mas eu já sei quem é: reconheci a voz e abri os olhos, no instante em que ouvi. Olho a mulher alta, de cabelos ruivos e um cigarro pendurado nos lábios vermelhos.

— Oi, vó.

E Sylvie diz:

— Jesus Cristófilo — e sai do meu colo.

Há um longo silêncio, depois a vovó se abaixa e pega a boina de Sylvie do chão do fumódromo.

— Você deixou cair isso, benzinho — diz ela. — Desculpe interromper.

Sylvie põe o chapeuzinho nas penugens da sua cabeça. Ela acena como a Rainha Elizabeth dispensando um criado desajeitado.

— Sem problema — diz ela. — Pode me dar um cigarro?

Estou quase engasgado com esse “sem problema”, já que, fraquinho ou não, ainda estou pegando fogo. Mas ninguém está me dando a menor atenção. Essas garotas estão se entrosando e eu estou vendo que não sou ninguém.

A vovó pega o maço de Marlboro e dá um pra Sylvie, até acende pra ela, com um isqueiro de plástico verde.

Sylvie puxa a fumaça, num longo trago. Vejo seus olhos se fecharem e a garganta se mexer. Ela claramente não é uma fumante novata; é uma viciada barra pesada, caso eu já tivesse visto uma. Ao abrir os olhos, ela sorri.

— Deus, isso é melhor que sexo.

Ela afaga minha cabeça, como se eu tivesse três anos de idade.

— Ah, não fique tão triste, Richard. Sexo de adolescente é assim mesmo, certo? Noventa e cinco por cento de frustração. Totalmente normal, incompleto e insatisfatório. Você vai sobreviver.

A vovó dá uma fungada e se curva pra beijar minha cabeça.

— É tão bom vê-lo, meu querido — diz ela. — E sua namorada está certa. Ninguém jamais morreu de frustração.

Ela dá uma longa tragada no cigarro e sorri pra Sylvie.

Elas estão se amotinando contra mim, totalmente. Garotas contra garoto. Fumantes versus não fumante. Eu reviro os olhos.

— Talvez, não. Mas tem gente que talvez morra *antes* de transar.

— Eu coloco as mãos nas rodas. — Está frio. Vou entrar. Com licença, por favor.

Passo entre elas e saio no vento. Dá pra ouvir quando elas estão gargalhando, enquanto reluto pelo caminho de volta até o prédio, lentamente. Quando passo as portas automáticas de vidro, a vovó está atrás de mim.

Ela pega os manetes da cadeira e começa a empurrar. E vira pra trás, pra Sylvie.

— Sobe aí, querida — diz ela. — Você parece exausta.

Sylvie sobe, mas não é como antes. Agora, ela está sentada nos meus joelhos ossudos, virada pra frente, como se fosse uma escultura feminina na proa de um navio. Como se fosse de madeira rija. Ela olha fixamente as pessoas, conforme passamos. Totalmente contra as regras do hospital, ela ainda está com o cigarro na boca e está baforando fumaça pelo caminho. E ninguém se atreve a dizer uma palavra.

Até chegarmos ao andar dos pacientes terminais. A vovó dá um belo gritinho, ao avistar a harpista e nos leva direto pelo andar. A Sra. Lee, recepcionista, aquela que comeu as jujubas no Halloween, pula de trás da mesa e arranca o cigarro da boca de Sylvie.

— O que você está *pensando*? — Ela resfolega, pegando a guimba ainda acesa e joga no chão, onde pisoteia até apagar. — Meu bom Deus, menina, aqui tem gente no oxigênio. Você quer mandar todo mundo pelos ares?

Essa é uma pergunta que receio que Sylvie talvez responda. Ela está segurando nos meus joelhos com as duas mãos e eu sinto seu tremor. Eu sorrio agradavelmente para a Sra. Lee.

— Desculpe — eu digo. — Foi tolice nossa. Essas crianças de hoje! O que se vai fazer?

Ela não retribui o sorriso. Olha fixamente para a vovó.

— Você, presumivelmente, é uma adulta, senhora. Embora não pareça. Tem permissão para estar nesse andar? Posso ver seu crachá de visitante?

Eu começo a dizer:

— Ei, essa é minha avó — mas a vovó já está com tudo em cima.

— Richard Casey é meu neto — diz, tamborilando as unhas vermelhas na mesa da Sra. Lee. — E essa moça adorável é amiga dele. Estamos retornando ao quarto, são e salvos, sem dano algum. Você certamente pode me dar um crachá. Avós sempre têm permissão. Certo, meu bem?

Ela pisca pra mim.

Os olhos da Sra. Lee lançam punhais, mas ela entrega um crachá laranja de visitante à vovó e lá vamos nós. Levamos Sylvie até seu quarto e a vovó tem que ajudá-la a subir na cama. Agora Sylvie parece caída, como uma boneca de pano vestida com o uniforme escolar. A vovó puxa as cortinas e eu ouço o cochicho com Sylvie, e o som da roupa sendo tirada e o lençol sendo puxado. Só fico ali sentado, me sentindo bem desnecessário.

— Ei, moças — digo, depois de um tempo. — Vou nessa. A gente se vê.

E volto ao meu quarto, onde também não tenho certeza se consigo subir na cama. Mas eu aprendi alguns truques e consigo me erguer da cadeira segurando na lateral da cama e usando a grade como degrau pra subir. Estou tão sonolento que menos de três segundos depois de subir no lençol já apaguei.

Quando acordo, a vovó está sentada na poltrona ao lado da minha cama, com as mãos sobre os olhos. Tiro um minuto pra olhar pra ela, quando ela não está olhando pra mim. Imagino com que idade ela está: minha mãe tinha dezessete anos, quando eu nasci e a vovó tinha dezesseis, quando minha mãe nasceu. E agora eu tenho dezessete. Faço essa continha de cabeça: a vovó deve ter cinquenta! Mas ela ainda tem uma tonelada de cabelo vermelho alaranjado e ainda é magra e ainda usa salto alto e calça preta apertada. Sua camisa brilhosa é verde vivo e está com três botões abertos, e tem um bocado à mostra no decote sardento e enrugado. Ela tem um monte de correntes com penduricalhos no pescoço, e mais outros tantos em cada punho. Quinze anéis nos dedos ossudos. A vovó trabalha como recepcionista numa boate de Scotch Plains, Nova Jersey, há uma eternidade, e ela se veste do mesmo jeito para trabalhar ou quando não está na boate. Eu tenho que rir: a diferença entre a minha mãe e a mãe dela é impressionante. Minha mãe tem cabelo louro reto, batendo nos ombros. Nunca a vi de maquiagem, nem de saltos. Ela usa saias longas de algodão pra trabalhar, com camisas bem--passadas de botão, e cardigãs. Uma vez, eu ouvi uma de suas amigas dizendo como ela ficaria bonita se fizesse um pequeno esforço. Também ouvi minha mãe lhe dizer para não encher a paciência dela. A vovó também sempre diz pra que ela se enfeite.

— Você parece ter feito voto de castidade, querida — uma vez eu a ouvi dizer. — Como se tivesse de malas prontas para o convento.

Então minha mãe só sorriu.

— Eu fiz — disse ela. — No dia em que o Richie nasceu eu fiz esse voto. Sou ocupada demais pra essa bobagem. Portanto, me deixe em paz.

A vovó abaixa as mãos e eu vejo que sua maquiagem dos olhos está borrada e que ela estava chorando. Quando me vê acordado, ela rapidamente pega uma porção de lenços de papel do bolso e assoa o nariz. Ela passa o lenço embaixo dos olhos e ele sai preto. Levanta e beija minha cabeça.

— Então, Riquinho? — Ela se debruça e abraça minha cabeça junto ao peito. Sinto o cheiro de perfume e laquê, cigarro e um pouquinho de suor.

Riquinho. Ela sempre me chamou assim. É um personagem dos quadrinhos. Um garoto muito rico. Ela sempre disse que eu teria milhões, algum dia, inteligente do jeito que eu sou. Um dia, isso pareceu bonitinho. Agora, parece uma piada imbecil. Eu afasto a cabeça de seu abraço.

— Ei. Como vai a mamãe?

Ela senta de novo e sacode a cabeça.

— Febril. Tossindo. Ranzinza. Louca pra vir aqui. Quase morta de preocupação com você. Um pé no saco. Fora isso, ela está bem.

— Ah. — Percebo que, na verdade, não quero saber como está minha mãe. É triste demais. — Então, — digo — quando você chegou?

— Ontem à noite. Já estava de malas prontas há semanas, esperando que ela ligasse.

Peguei o ônibus de Plainfield até a cidade, depois o trem pra cá. Cheguei aqui, peguei um táxi direto até sua casa. Ela ficou só um pouquinho contente em me ver, eu acho. — Ela sorri, mostrando os dentes tortos amarelados. — Mas ficou mais feliz porque eu viria vê-lo, mocinho. Ela acha que você pode aprontar alguma, enquanto ela não está aqui. Se envolver em problemas. Que bobagem, não?

Ela espeta a unha vermelha em minha perna. Eu sacudo os ombros.

— Phil foi pra casa? — pergunto.

— Não. Não faço a menor ideia de onde seu tio está, neste momento. Como sempre. — Ela senta ereta e olha ao redor do quarto. — Então, o que você faz pra se divertir, por aqui? Além de tentar pegar aquela menininha bonitinha, claro?

— Não tem muita coisa — digo. — É bem quieto por aqui.

— Sei. Eu ficaria doida. Bem, vamos ver o que está passando na TV?

Ela liga o aparelho e deixa na Oprah. Indicação perfeita pra que o Riquinho volte a dormir — e é o que eu faço.

* * *

Quando acordo de novo, o céu do lado de fora da minha janela está escuro. E ainda está ventando, dá pra ouvir o “uivo”, mesmo através do vidro e, de vez em quando, algo toca na janela, folhas ou um saco plástico. Noite agitada. Eu sento. A TV agora está falando de noivas e a vovó está dormindo profundamente, toda encolhida na poltrona. Preciso fazer xixi e tento sair da cama sem acordá-la, mas ela senta na hora em que meu pé pisa no chão.

Ela geme, segurando as costas e tentando se esticar.

— Jesus — diz ela. — Estou velha demais para dormir desse jeito. Ei, garoto, precisa de ajuda?

Detesto pensar que cheguei ao ponto de pedir que minha avó me ajude a fazer xixi.

— Não, obrigada — eu digo. E paro a caminho do banheiro, segurando no encosto da poltrona, pra me equilibrar. — Por que não vai pra casa, vó? E vai ver como a mamãe está indo? Estou preocupado com ela.

Ela balança a cabeça.

— Negativo. Tenho ordens. Ela me disse pra colar meu traseiro aqui e ficar vigiando você como um falcão. Não deixá-lo sozinho nem cinco segundos. Ela disse que ia arrancar meu couro viva, se você se envolvesse em mais problemas durante o meu “turno”. — Ela levanta e põe as mãos nas costas, gemendo. — Desculpe, eu sei que você gosta de privacidade, Richard. Realmente entendo e me solidarizo. Mas estou simplesmente cumprindo ordens aqui, filho. Cumprindo ordens.

Eu bato continência, sarcástico.

— Sim, senhora. Pode me dar permissão para mijar, senhora?

Ela ri, depois começa com sua tosse de fumante.

— Permissão concedida — diz com a voz esganiçada. — Vai fundo.

Quando eu volto e sento na beirada da cama, ela está com cartas de baralho espalhadas

na mesinha da cama, arrumadas para jogar paciência. Ela vira as cartas tão depressa que eu fico tonto de olhar. Suas mãos voam e ela dá pequenos gemidos quando surge a carta que ela está esperando.

Fico ali sentado, quieto, por um tempo, depois digo o que ando pensando. É engraçado, porque nem sei que estava pensando nisso, até que as palavras saem de minha boca.

— Ei, vó — eu digo. — Você acha que o meu pai talvez possa querer saber de mim?

Os olhos dela se erguem tão rápido, e tão arregalados, que tenho que me apressar em continuar falando, pois subitamente sei o que dizer.

— Bem, talvez? Nem sei quem é o cara; você sabe, a mamãe não diz uma palavra a respeito, mas eu imagino que você talvez saiba. Eu ia perguntar ao Phil, mas nós nos envolvemos em outras coisas e eu nem sei se ele sabe. Mas sempre tive a impressão de que você sabe e achei que...

Fico sem ar.

A vovó volta a virar as cartas, mas, agora, bem mais devagar, e eu quase consigo ouvir o que ela está pensando. Ela mantém os olhos nas cartas. Colocou uma porção de cartas vermelhas sobre pretas, quando finalmente diz:

— É estranho você dizer isso. Eu vinha pensando muito, na mesma coisa, Richard. Sua mãe me mataria, eu sei disso. Mas eu... bem, eu tenho pensado.

Meu coração para em meu peito.

— Então, você sabe?

Ela coloca outra carta: um quatro preto, em cima de um cinco vermelho.

— Sei. Sempre soube.

Ela ergue os olhos pra mim e seus olhos borrados de preto estão, não sei dizer exatamente, mas parecem repletos de tristeza e raiva.

— Sua mãe não sabe que eu sei. Ah, ela desconfia e, mais de uma vez, eu disse que ela era maluca por não pedir a pensão alimentícia à qual você tem direito, por não tirar o couro do cara e obter alguma ajuda, pelo amor de Cristo. Mas, ela, não. Ela lutou para cuidar de você e dela, e juro que, às vezes, vocês dois quase passaram fome. Mas ela nunca perturbou a vidinha aconchegante e feliz daquele homem.

Eu enlaço as mãos no colo, para que elas parem de tremer.

— Então, ele tem uma vida feliz?

Ela sacode os ombros e volta a tirar as cartas. Três vermelho, no quatro preto.

— Como eu vou saber? Quem sabe alguma coisa da vida de alguém?

Ela bate no ás de copas acima da fileira de cartas.

— Tudo bem. Admito que pesquisei a vida do cara na internet algumas vezes e nas fotografias que encontrei ele parecia feliz. Mas quem não parece?

— Então, ele ainda vive por aqui?

Ela acrescenta o dois de copas ao ás e depois pega o três vermelho e põe sobre o quatro preto também. O jogo está indo muito bem.

— Não. Não mora mais. Ele se mudou pra longe, no verão antes de você nascer. Conveniente, não?

Isso meio que dá a sensação de uma flecha em meu peito.

— Ele sabia? Que eu estava chegando? Por isso que ele foi embora?

Ela sacode a cabeça.

— Arrá... eu te peguei, às de paus!

Ela põe a carta em cima das outras. É ruim dela não ganhar esse jogo.

— Eu duvido muito. Uma garota tão calada como a sua mãe, o que você acha?

Acho que nem em um milhão de anos minha mãe teria contado ao cara, se achasse que ele não a queria, nem ao bebê, se não tinha espaço pra nós na vida dele. Nunca, nem em um bilhão de anos.

— É. Ele não sabia. Certo. Acho que não é culpa dele.

Ela bate a palma da mão na mesa.

— Não é culpa dele? Conversa fiada. Ela tinha dezesseis anos, Richard, quando engravidou. Dezesseis anos de idade, quieta, tímida, meiga como um carneirinho. E ele era um dos professores da Hudson High School. Um homem casado. Professor de inglês. Lia poemas pra ela, a fazia sonhar. Eu me lembro de como ela ficou, o inverno inteiro. Ela parecia flutuar nas nuvens. Todo dia tinha livros novos em sua mochila. Dia e noite, sua mãe só falava de poesia... “ela caminha na beleza da noite” e aquela baboseira toda. Ah, sim, aquele homem era um professor e tanto. Ele certamente educou aquela criança, não foi? E, ops, encheu a barriga dela, gratuitamente. E não é culpa dele? Encantar a garota com poesias depois dar um pé da bunda dela? Meu Deus, puta merda. — Ela levanta e as cartas voam pra todo lado, em cima da cama, algumas caem no chão. Ela está tremendo.

— E agora, ele é um figurão, lá em Westchester. Superintendente escolar, uma merda dessas. Cretino.

Ela vira e sai do quarto.

Eu recosto nos travesseiros e penso. Quer dizer, não sinto nada, na verdade, mas minha cabeça está superlúcida e eu consigo pensar. Penso com afinco. Fico imaginando que minha mãe vai ficar muito sozinha, em breve. E ela vai precisar de todo tipo de ajuda. Dinheiro sempre ajuda. Quer dizer, não é tudo, nem metade do que ela merece. Mas ajuda. Quando a vovó volta, trazendo a bandeja do jantar, eu sento e digo:

— Ouça, vó. Você pode fazer uma coisa. Pode arranjar um advogado e simplesmente perguntar: você pode achar esse cara e fazê-lo pagar? Um testezinho de DNA, sei lá. E se for ele, pronto. Ora, dezoito anos retroativos de pensão alimentícia de um cara que tem um bom emprego é um bocado, certo? Isso deixaria a mamãe coberta, pelo resto da vida. Poderia fazer isso?

Ela pousa a bandeja.

— Ah, Richard, eu não sei. Ela ficaria muito zangada.

Eu estendo a mão e pego a mão dela.

— Ela talvez fique injuriada por um tempo, sim. Mas eu estou lhe dando permissão, está bem? Eu tenho direito de dar minha opinião nisso tudo. E quero pensar que ela vai ficar bem. Está certo? Quer dizer, isso é muito, muito importante pra mim. Eu preciso pensar que ela vai ficar bem.

Sinto que minha voz está ficando oscilante e dá pra ver que ela também está prestes a começar a chorar.

— Apenas faça isso, tá bem?

Ela tira a tampa de inox da bandeja.

— Deus, isso que eles chamam de comida?

Ela pega um garfo e experimenta a carne.

— Ai, Senhor.

Ela dá outra garfada, então, pausa o garfo, devagarzinho e aperta minha mão.

— Vou pensar a respeito, Richie. Mas não prometo nada. Vou pensar sozinha. Não que ela goste muito de mim agora, não é? E não me perturbe mais. Não diga mais uma palavra sobre isso.

Ela joga o cabelo pra trás e dá uma risada. Dá pra ver que isso está sendo difícil pra ela, essa risada, mas ela é uma senhora durona. Justiça seja feita às mulheres da minha família: elas são ambas muito duronas, mas de formas inteiramente diferentes. Talvez, no fim das contas, não sejam tão diferentes assim.

— Fechado — digo. — Valeu.

Ela abana a mão descartando o assunto, me dá uma xícara de café e começa a comer as batatas.

— O quê? Não faça essa cara — diz ela. — Claro que a comida é uma droga, mas é grátis. Não recuso comida grátis, sem chance.

Passamos alguns minutos em silêncio, enquanto eu dou alguns goles e ela mastiga. Então, ela olha pra mim e seus olhos estão brilhando, e dá pra ver que tem algo no ar.

— E, Richard, andei pensando em algo muito mais divertido. Tive um monte de ideias. Bem, na verdade, a ideia veio da Srta. Sylvie. Algo que ela veio dizendo, quando eu a colocava de volta na cama. Ela é danada, aquela ali. Você quer saber?

Eu sorrio.

— Claro. Qual é a ideia de Sylvie?

A vovó sorri como uma criança.

— Bem, Sylvie achou que eu talvez pudesse, digamos, distrair o pai dela, por um tempo, essa noite. Ela disse que ele precisa de um drinque, que sai quase toda noite, durante um tempinho, enquanto ela está dormindo. Disse que eu poderia perguntar se posso acompanhar o homem, segurá-lo lá fora, por mais tempo que o habitual. Para que vocês dois possam ter, digamos, algum tempo livre, juntos. E um pouco de privacidade — ela pisca. — O que acha?

Eu fecho os olhos.

— O que eu acho é que tenho a melhor avó do mundo.

— E eu não sei disso? Vamos apenas considerar isso um presente de aniversário adiantado, garotão.

CAPÍTULO 13

Resolvo tomar um banho. Quer dizer, higiene pessoal está sempre em alta com as mulheres, em termos de garanhão, certo? Não quero desagradar. As mulheres gostam que seus parceiros — essa é a palavra que as professoras de saúde usam, parceiros — sejam cheirosos, segundo ouvi dizer. Portanto, um banho é de bom-tom. No entanto, isso é mais fácil de decidir do que fazer. Edward não está de plantão e realmente não tem mais ninguém a quem eu possa pedir ajuda. Ninguém toma banho à noite e qualquer enfermeiro a quem eu pedir ajuda vai ficar desconfiado por que estou tão a fim de ficar limpinho, neste exato momento. Que dilema. Vou recorrer à vovó e, de qualquer forma, ela está no fim do corredor, papeando com o pai da Sylvie, fazendo amizade, eu imagino. Provavelmente paquerando descaradamente, é o que me ocorre. Ela não é muito mais velha que ele e até que é bonita — quer dizer, para uma avó. Isso é tão estranho e perturbador que eu volto a maquinar em como conseguir tomar um banho.

Que diabo, eu penso. Eu consigo fazer isso sozinho. Ora, um homem tem que fazer o que tem que fazer, certo? Eu perambulo com a cadeira pelo quarto, juntando toalha, uma camiseta e calça de moletom limpas, um sabonete. Empilho tudo no meu colo e sigo na cadeira, pelo corredor, até o banheiro. Na porta, encontro meu primeiro problema: a porta não é automática. Ou seja, você tem que puxar pra abrir. Isso não tem problema, quando um enfermeiro como Edward está no comando. Mas agora parece um truque bizarro de física. Matéria do ensino médio que passei com um D, arduamente conseguido, exclusivamente por conta do professor particular que tive no hospital em Nova York. Por sorte, o corredor está em silêncio, as pessoas estão acomodadas, o jantar já passou faz tempo, a maioria dos visitantes já foi embora.

Da cadeira, eu consigo puxar a maçaneta e abrir parcialmente a porta, mas, depois, não consigo entrar com a cadeira. Se eu levantar e ficar atrás da cadeira, posso segurar nas manetes e empurrar, mas não vou alcançar a maçaneta da porta. Que maluquice, isso ser tão difícil. Eu sei que existe um meio fácil. Tem de haver um meio. Então, decido fazer o seguinte: fico de pé, na frente da cadeira, e abro parcialmente a porta. Então, tento puxar a cadeira atrás de mim, encaixando-a na passagem da porta. Isso não vai muito bem. Que se dane, eu penso. Empurro a cadeira, deixando a porta fechar atrás de mim. Pego minhas coisas na cadeira, que abandono, e vou andando devagar, carregando tudo nos braços, em direção à porta. Tenho que dizer que agora eu absolutamente odeio essa porta. Eu a abomino até seu âmago de madeira. Como se essa porta imbecil fosse a barreira que me impede de perder minha virgindade e de comprovar minha masculinidade. Como se fosse um desafio lançado pelo rei da história, algo impossível que o herói tem de fazer para que a bela donzela caia em seus braços. Está bem. Eu sou a porcaria do herói, tem de haver um jeito e eu não tenho a noite inteira. Certo. Eu meio que falo comigo mesmo, calmamente:

apenas puxe e abra a porta, Richard, e entre. Quando você estiver na privacidade relativa do banheiro, não importa se tiver que rastejar. Vai, cara.

Mas não é fácil. Toda hora eu deixo cair alguma coisa e abaixar me deixa tonto, e o sabonetezinho na embalagem de papel desliza pelo corredor. Dá vontade de chorar. Mas que herói.

— Precisa de ajuda, Richard? — Diz a voz atrás de mim.

Fecho os olhos e descanso, recostando no portal. É o Irmão Bertrand.

— Não, obrigado — eu digo. — Eu consigo.

A mão do homem cutuca meu braço.

Abro os olhos e ele está segurando o sabonete. Se eu soltar o portal pra pegar o sabonete, vou escorregar e cair no chão. Sei que vou. Então, eu meio que fico encarando o sabonete, em sua pequena embalagem branca. Ora, é uma porcaria de um sabonete, cara, só isso. No entanto, pegá-lo passou a ser uma meta inatingível. Eu suspiro.

— Bem, na verdade. Se pudesse apenas abrir a porta e empurrar a cadeira pra dentro, seria ótimo. Apenas jogue o sabonete no assento da cadeira.

Ele funga.

— Sente-se, Richard. Na cadeira. Vou levar você e suas coisas até lá dentro.

Ele pousa os dedos gordos em meu cotovelo e me segura, enquanto eu sento. Depois que estou sentado, ele empilha minha roupa e o sabonete em meu colo, gira a cadeira, puxa a porta para abri-la, segura com o quadril e me puxa até o outro lado. Parece que ele não é nenhum estranho às manobras de uma cadeira de rodas.

— Embora — ele está murmurando — eu não consiga entender por que você precisa tomar banho às oito da noite.

Estamos dentro do banheiro, todo de ladrilhos brancos, cheirando a cloro. Eu abano a mão.

— Tenho um encontro amoroso, Irmão.

Seu rosto rosa fica mais rosado ainda.

Dou meu sorriso mais doce.

— Não, que nada, cara. Sério. — Eu me inclino à frente e digo, num sussurro — Tive um acidente. Um pequeno, é... vazamento. Sabe, essas merdas acontecem. Preciso limpar.

Ele recua e suas narinas se movem, como se ele realmente sentisse o cheiro do vazamento.

— Certamente, um dos enfermeiros...

— Eles estão muito ocupados. Não quero incomodá-los. Você entende... a independência é algo importante para os adolescentes. Tenho certeza de que você leu sobre isso em seus livros de aconselhamento, certo?

Ele cerra os dentes e seu cabelo alaranjado parece eriçar.

— Tudo bem. Vamos dar uma folga aos enfermeiros. Será um prazer ajudar.

Ele pega a roupa limpa e a toalha no meu colo e coloca numa cadeira plástica. Pega o sabonete, abre a embalagem, entra no boxe grande e abre a torneira do chuveiro.

— Agora, eu devo ajudá-lo a tirar essa roupa?

Agora, o seu rosto está vermelho como um pimentão. Não posso, simplesmente não posso suportar a ideia de ter os dedos de salsicha daquele homem na minha pele.

— Não, tudo bem — eu digo. E tiro minha camiseta. — Quer dizer, pense nisso, *bro*. Vocês — eu aceno apontando o colarinho de padre — já estão com muitos problemas, pelo que eu sei, com, você sabe, meninos.

Olho de esguelha e dou uma piscada.

— Pela sua reputação, é melhor que não seja encontrado aqui, você sabe, esfregando um sabonete num adolescente de dezessete anos. — Eu começo a tirar minha calça de moletom. — Nossa, está ficando quente, aqui dentro, não está?

O homem fica sem cor e todo suado. Ou, talvez, realmente seja o vapor do chuveiro. Ele diz:

— Tenho que auxiliar outros pacientes, Richard. Tem um botão de chamada, se você precisar de ajuda.

E sai pela porta.

E eu fico rindo tanto que, de alguma forma, tenho uma onda de energia e consigo ficar de pé no chuveiro, me apoiando na parede, sem problemas. Eu ensaboo minhas partes íntimas, e, ao fazer isso, penso em Sylvie e tenho que me enxaguar bem depressa, pra não estragar a festa. E quando estou me enxugando, fico muito, muito nervoso e trêmulo, e tenho que sentar na cadeira, para vestir minha roupa limpa. Então, tenho que encarar aquela porra daquela porta de novo, mas, dessa vez, vai ser mais fácil, porque ela abre pra fora. Então, eu estou segurando nas manetes da cadeira de rodas e andando pra trás, empurrando a porta com meu traseiro, quando ela é escancarada tão rápido que eu quase caio pra trás. E acabo ficando bunda com bunda com a Jeannette, que está entrando com outra cadeira de rodas. E naquela cadeira, como uma princesinha, está Sylvie, com sua roupa e um sabonete, xampu e uma porção de coisas de garotas, empilhadas em seu colo.

E acontece um daqueles momentos interessantes e sem jeito — uma vez, ouvi um dos meus professores particulares dizer que é um momento “expressivo” — quando Sylvie e eu meio que desviamos um do outro, sem nos olharmos diretamente.

Jeannette revira os olhos, me dá uma rápida olhada de cima a baixo e diz:

— Que curioso encontrá-lo aqui, Richard. — Ela estreita os olhos tanto pra Sylvie, quanto pra mim. — Por que vocês dois estão tão interessados em limpeza, essa noite?

E Sylvie, claro, se recupera antes de mim e sorri como o mais meigo dos anjos da terra.

— Porque isso é o mais próximo da pureza, claro.

Jeannette bufa e balança a cabeça.

— Eu não sei nada de nada, isso sim. Só trabalho aqui. Venha, garota.

— Quer saber de uma coisa, Richie? — Diz Sylvie, enquanto Jeannette a puxa pela porta. — A coisa mais lindinha do mundo? Sua avó e meu pai saíram juntos. Como se fossem melhores amigos. Tão bonitinho!

Ouçó Jeannette gemer.

— Sim, adorável.

Então, a porta fecha atrás delas. Viro minha cadeira e sigo de volta ao meu quarto.

Escovo os dentes na pia e faço um bochecho com o antisséptico bucal que tem ali. Pra dizer a verdade, eu estou bem orgulhoso de mim. Consegui. Estou limpo — aliás, estou com cheiro de um bebê de dois anos, todo fresquinho, perfumado de sabonete. Estou pronto.

Então, fico ali sentado por, tipo, uma eternidade, sem saber quando devo ir ao quarto de Sylvie, ficando cada vez mais amedrontado. Finalmente, o telefone toca e eu pego.

— Oi, meu bem — diz minha mãe. — Você está suportando bem a vovó?

Eu engulo com força.

— Ei — eu digo. — Você parece um pouquinho melhor, mãe, e sim, a vovó tem sido ótima.

A voz dela parece ligeiramente incrédula.

— Tenho certeza que sim. Então, o que vocês estão fazendo essa noite?

Penso em tudo que eu poderia dizer a ela. Mas, na verdade, não há nada que eu possa dizer, certo? Ou seja, nada que uma mãe precise saber. E eu fico pensando que a Sylvie está ligando, tentando falar comigo e ficando injuriada por não conseguir, e deve estar prestes a desistir do negócio todo. Então, não consigo conversar direito.

— Nada. O mesmo de sempre.

— Sei. O que a vovó está fazendo?

— O mesmo, nada. Sentada, assistindo à TV. Jogando cartas.

Meu olho começa a tremer, como sempre acontece — sempre — quando minto pra minha mãe. Fique calmo, eu digo a mim mesmo, ela não pode vê-lo, Richard. Você está indo bem.

Há um silêncio longo o suficiente para me fazer desconfiar que, por algum sentido telepático maternal, ela pode ver meu olho tremendo. Então, ela diz:

— Certo. Posso falar com minha mãe, Richard? Coloque-a no telefone?

— É... Ela não está aqui. Ela desceu pra pegar um refrigerante. E um pouco de sorvete. Nós vamos fazer vaca preta. Resolvi voltar a comer um pouquinho.

Talvez isso a distraia. É bom que distraia, porque minha pálpebra está prestes a ficar permanentemente em espasmos.

Outro silêncio.

— É mesmo? Você está comendo? Ah, meu benzinho. Isso é ótimo.

A voz dela está tão feliz que eu me sinto o pior ser humano da Terra. Então, eu percebo que é a verdade absoluta e continuo tagarelando.

— É. Comecei a ficar com um pouquinho de fome e, ora, vamos dar um gás no velho motor.

Isso soa tão imbecil que agora eu me sinto o ser humano mais idiota da Terra.

— Com fome? Você está, mesmo, com fome? Ah, Richie, isso é maravilhoso.

Ela está, tipo, começando a chorar, de tão contente. Antes que eu tenha que cair de joelhos e confessar tudo, eu digo:

— Olha, mãe, eu vou pedir pra vovó te ligar, assim que chegar. Está bem?

— Claro, tudo bem. Eu te amo, meu bem.

— Também te amo.

Eu vou pôr o fone no lugar e ele escorrega da minha mão, de tão suada que está. E cai da cama, no chão, e eu preciso pescá-lo, puxando pelo fio. Ainda bem que os telefones de hospital não são sem fio, ou eu estaria rastejando embaixo da minha cama, como o réptil que sou. Dois segundos depois que boto o negócio no gancho, o telefone toca outra vez. Estou receoso em pegar, mas tenho que fazê-lo.

— Já fui dispensada? — Diz Sylvie. — Aquela galinha da Hudson High ligou e fez uma oferta melhor?

— Não, não. Eu só...

Ela ri, uma risada endiabrada.

— Apenas venha pra cá agora, Richard. Estou dizendo já.

* * *

Então, acontece. Antes do meu aniversário de dezoito anos, até eu, Richard Casey, me torno um homem. E eu vou lhe dizer agora mesmo — não darei detalhes. Nem das coisas físicas. Isso não é nenhum concurso de histórias de vestiários. Isso é uma história de *amor*.

E eu vou jurar por todas as estrelas do céu, e todos os peixes do rio, que esse foi o acontecimento mais legal da minha vida.

Alguns pontos de destaque: o quarto de Sylvie estava escuro, exceto pela lua imensa do lado de fora de sua janela e — isso eu não sei como ela conseguiu — duas pequenas velas na mesinha de cabeceira. Assim que eu entro no quarto, só sinto um cheiro perfumado, de rosas e madressilva, no ar e na pele dela. Fecho a porta e empurro minha cadeira de rodas contra ela, para deixá-la travada e ninguém nos pegar de surpresa — não sem ao menos fazer um megabarulho. E, pela primeira vez, não tenho dificuldade em andar. É como se meus pés tivessem asas (sei que essa parte ficou meio tola, mas aguento). Fecho as cortinas ao redor da cama e nós ficamos ali dentro, em nossa caverninha. E eu não tenho a menor dificuldade em tirar a roupa e subir na cama de Sylvie.

Ela me segura em seus braços e diz “E chega o herói” e me puxa. Sinto pontinhos úmidos espalhados pelo lençol, colando na pele das minhas coxas e braços. Ela ri e joga mais em minhas costas.

— Pétales de rosas. Tirei daquele buquê que meu amigo mandou.

Ela segura meu rosto com as duas mãos e olha em meus olhos.

— Nosso abrigo particular, Richard. — Ela puxa minha cabeça e me beija.

Ela está nua e tudo está — bem, eu disse que não contaria e não vou contar. Só que no último minuto, quando estou latejando e morrendo pra mergulhar nela, e ela está pronta — toda aberta e macia — eu me preocupo.

— Não quero machucar você — eu sussurro.

Ela sacode a cabeça.

— Ora, vamos, Richard — ela diz. — Com que está preocupado? Acha que tem que usar uma camisinha, pra gente não pegar uma doença horrível?

E isso me faz rir, e ela começa a rir também, e rindo é tudo mais fácil. Quando ela enlaça

as duas pernas em volta do meu quadril e me puxa pra dentro dela, eu me esqueço de dor, de doença e de tudo, e foco apenas em seu calor e maciez à minha volta. Ela dá um gemido — mais de surpresa do que de dor, estou bem certo — e, então, só acompanha minha respiração. Como se fôssemos uma só criatura, pura e simples.

* * *

Depois, eu abro a cortina só um pouquinho, pra ver as velas tremulando e a lua subindo, até ficar acima da janela e sumir de vista. Ouço o vento cantando lá fora, no mundo, e, pela primeira vez, eu me sinto feliz pra cacete em estar aqui, em vez de lá fora. Sylvie se encolhe de lado, com a cabeça em meu peito, e uma perna por cima da minha coxa.

— Valeu, cara — diz.

Depois pega no sono. Fico só inalando sua loção e o xampu que ela usou na penugem em sua cabeça. No lugar em que ela está pressionada em minha coxa, nós estamos pegajosos, misturados. Adoro isso. Simplesmente adoro. Sem chance que eu vou me deixar adormecer. Sei que tenho que dar o fora de seu quarto, antes que seu pai volte. Quer dizer, imagino que agora eu sou, tipo, responsável por ela pra sempre. Tenho que cuidar dela sempre. Mas fico adiando o negócio de ir embora. E acho que eu talvez pegue no sono.

De repente, as cortinas são abertas e tem uma sombra enorme recaindo sobre a cama e um cheiro muito forte de conhaque no ar. As velas apagaram, mas tem luz vinda da porta aberta.

A porta *aberta*. Eu me afundo por baixo do lençol e a sombra acima da cama ruga como um urso ferido e então, não sei exatamente, mas começa a chorar. Não um choro calmo, mas soluçando de dor e fúria e algo que você nem quer saber. Então, outra sombra entra no quarto, cheirando a Jack Daniel's, com uma cabeleira ruiva rebelde, e essa passa os braços ao redor do homem em prantos, e a voz da minha avó diz:

— Shh. Calma. Está tudo bem. Está tudo bem.

E quando a sombra grande ajoelha, ao lado da cama, ainda chorando, a vovó diz, com uma voz bem suave.

— Saia, Richard.

E então, ela também se ajoelha, e os dois adultos — cara, isso é perturbador — ficam se balançando e chorando, juntos.

E Sylvie sussurra em meu ouvido:

— Vai, Richard. Acho que ele nem viu você.

E eu vou. Quer dizer, estou indo. Pego a minha calça de moletom no chão e minha camiseta, sento o traseiro na cadeira e saio girando as rodas. O corredor está vazio — é tarde — e eu consigo chegar de volta ao meu quarto sem ser visto. Subo na cama e deito ali, tremendo. Em algum momento, bem tarde, a vovó volta ao meu quarto e se encolhe na poltrona.

Eu me inclino e pergunto:

— Ela está bem?

Ela meio que suspira, depois sussurra, com a voz rouca:

— Bem? Não. Ele não está. Mas eu o levei até lá embaixo, naquela sala. Está dormindo no sofá.

— Não... eu não me importo com ele. *Ela* está bem? A Sylvie?

A vovó tosse, uma tosse molhada.

— Acho que sim. Ela não disse nada. Só se encolheu e fingiu dormir.

Detesto pensar nela sozinha desse jeito. Mas imagino que ela esteja bem. Pego o cobertor de noite estrelada e um dos meus travesseiros da minha cama e entrego à vovó.

— Aqui — eu digo. — Agora, vá dormir. E... é... obrigado.

Ela puxa o cobertor sobre os ombros.

— Eu devia fazer um exame na cabeça — ela murmura.

* * *

O céu está começando a clarear, quando ouço correria e uma porção de vozes no corredor. Sento e sei, simplesmente sei. Sabe, ninguém corre na ala de pacientes terminais. Ninguém tem pressa, ninguém tenta reanimar ninguém. Nunca há motivo para pressa. Nem códigos, nem equipes de ressuscitação, nada disso. A menos, eu penso, com a cabeça nebulosa e ainda meio dormindo, a menos que alguém bem jovem ainda tenha alguma chance. E só tem dois jovens aqui. E não sou eu. Portanto, é a Sylvie.

Vou descer da cama e percebo que minha calça de moletom está grudada em minhas coxas. Puxo para baixo, o que quase me mata de medo. Não está só meio grudento. Está tudo ensanguentado. Minhas calças estão ásperas com sangue seco.

Nem sei como vou parar lá, mas estou do lado de fora do quarto dela, quando os médicos chegam correndo. A porta do quarto está fechada, mas eles abrem e entram. Vejo, por um segundo, que o quarto está cheio de gente. Sua cama está cercada e eu nem consigo vê-la.

Encosto na parede e fico ali, tremendo. Depois de um tempo, a enfermeira com o chapeuzinho branco, a Sra. Jacobs, sai, carregando um monte de toalhas ensanguentadas. Seu rosto está quase cinza. Ela me vê ali em pé e contrai o maxilar. Ela solta a pilha de toalhas no chão e agarra meu braço, me afastando do quarto de Sylvie. Está segurando com tanta força que dói.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

Ela não para, mas sacode meu braço.

— Ela está tendo uma hemorragia — diz ela. — Sangrando, Richard. Muito.

Sinto minhas pernas dobrarem e nem a superenfermeira consegue impedir que eu desmorone. Fico sentado no chão e ela agacha à minha frente, com os olhos ferozes. Subitamente, ela ergue a mão e me dá um tapa no rosto, com força.

— Suas crianças imbecis — ela diz, com a voz chiando. — Essa menina quase não tem plaquetas. Está entendendo? O sangue dela não coagula. Ela pode sangrar até morrer, de um corte de papel. Seu garoto imbecil.

Então, ela põe as duas mãos sobre os olhos e começa a chorar feito um bebê, e eu também.

Mas você não tem chance nem de chorar por aqui, por mais de um segundo. Pois nesse momento, surge um rugido, como um trem vindo pelo corredor. É o pai dela. Ele está cambaleando e correndo. A enfermeira pula e fica na frente da porta de Sylvie.

— Não — Ela põe as duas mãos no peito dele, para detê-lo. — Não entre aí.

Era de se pensar que o cara fosse brigar com ela, começar a bater, empurrá-la, para tirá-la do caminho. Afastá-la, como se fosse uma mosca. Mas, eu não sei, talvez seja algo no rosto daquela enfermeira que o assusta tanto, que ele começa a murchar. Pelo menos, isso que eu acho, do meu canto, no chão, quando vejo seus ombros caírem e suas mãos soltas nas laterais — acho que ele vai cair no chão e nunca mais vai se levantar. Mas ele gira, bem devagar, meio agachado. E me vê ali sentado. Ele fecha os punhos.

O resto fica embaçado. Instintivamente, eu me encolho e cubro a cabeça. Mas é como se cobrir de um dragão. Isso que eu penso, quando o calor de seu hálito e cuspe me atingem: é tudo fumaça, olhos vermelhos ferozes e dedos em garras. Ele me puxa e suas mãos encontram meu rosto. Não ergo um dedo para impedi-lo. Rolo pro lado, ficando de barriga pra cima e facilito pra ele, pra fazer o que quiser. Eu mereço, seja qual for o estrago que ele possa fazer, nos poucos segundos antes que as enfermeiras e a segurança venham correndo. Eu mereço cada porra de soco que o homem puder me dar. Mereço o chute que ele dá nas minhas costelas. Mereço tudo.

TERCEIRA PARTE

4 - 8 de novembro

CAPÍTULO 14

Por um bom tempo, eu flutuo. E, às vezes, estou voando. Minha capa de noite estrelada revoa atrás de mim, e tem uma porção de pontinhos brilhantes de luz se movendo na escuridão. Não sei onde estou, mas não estou com medo. Estou aquecido, tem um vento suave e um barulho, tipo, eu não sei, como um zunido baixinho. O ar tem o cheiro das flores da minha parede — aquele cheiro de violetas que preenche o ar em maio. Algumas vezes, dentro do zumbido, tem algo como meu nome: “Richie. Richie”. Entendo que tem alguém me chamando, mas estou ocupado demais para responder. Quer dizer, estou me deslocando à frente, seguindo a algum lugar. Não faço a menor ideia do destino, mas estou a caminho. Cavalheiros, nós decolamos.

* * *

Quando acordo, tem um fantasma sentado ao lado da minha cama. Seu rosto é todo branco. A luz ao seu redor é realmente radiante e dói em meus olhos. O fantasma é, tipo, feito de luz. Doloroso, agudo, branco. Eu deveria estar surpreso, chocado, amedrontado. Não estou. É exatamente o que eu espero. Quer dizer, é uma honra, de um jeito meio engraçado, não é? Ser assombrado. Estreito os olhos e observo esse ser-espírito mais atentamente. No meio de toda essa luminosidade, há dois olhos escuros. Contornados em vermelho, minando lágrimas. Quero pedir desculpas. Dizer que lamento muito. Mas pego novamente no sono, antes que eu consiga dizer as palavras.

* * *

Da próxima vez que eu acordo, o fantasma se transformou em minha mãe, usando uma máscara sobre o nariz e a boca. Ela está com um avental esterilizado de algodão amarelo, por cima de sua roupa. Está com cheiro de lençol tirado do varal, do jeito que ela cheirava. Também não me surpreendo com isso.

— Oi, mãe — eu digo. Minha voz está tão rouca e baixa que nem tenho certeza se ela consegue me ouvir. Ela está segurando a minha mão e eu dou um apertãozinho. — Desculpe.

Ela começa a chorar de verdade.

— Oh, meu benzinho, não é culpa sua. — Ela puxa a máscara pra baixo, deixando-a sobre o queixo, pra assoar o nariz e limpar as lágrimas do rosto. Depois puxa pra cima outra vez. — Bem, não é totalmente culpa sua.

Essa é a minha mãe, novamente. Ela não me perdoa. Nunca perdoou, jamais perdoará.

Ela simplesmente me ama. Continuo segurando sua mão.

— Sylvie? — Eu digo.

Ela debruça e fala claramente, bem alto, como se eu tivesse ficado surdo.

— Richard, a Sylvie está estável. Inconsciente, mas estável. Eles pararam a hemorragia. Está me ouvindo?

Estou, eu estou ouvindo. Tento sorrir, mas meu rosto não se mexe. Ponho a mão e sinto as ataduras. Como uma múmia, eu penso. Bom. Ninguém consegue ver meu rosto. Bom.

* * *

Da terceira vez, eu acordo assustado, com sonhos de dragões fumegando em minha cabeça.

— O pai de Sylvie? — Eu digo, num grasnado.

Minha mãe se debruça novamente e diz, com a mesma voz estranha e clara.

— A segurança o levou ontem e ele está banido do andar. Não fique assustado.

Minha cabeça está girando.

— Ontem? Que dia é hoje?

— Hoje é dia cinco de novembro — diz minha mãe. — Você dormiu um dia inteiro, querido.

A máscara sobre sua boca bufa, toda vez que ela fala. Isso deve deixá-la louca.

Penso em tudo isso.

— Eles vão deixá-lo voltar — eu digo. — A Sylvie pode querê-lo, talvez pergunte por ele. Quando ela acordar. Ele é pai dela.

— Quietinho, meu bem. Ele pode ter permissão pra voltar amanhã, mas só escoltado. Estão providenciando. Isso não é problema seu.

Ela passa a mão na minha testa, como fazia quando eu tinha cabelo, me acalmando.

— De qualquer jeito, tem um policial de plantão do lado de fora da sua porta.

Ora, isso é interessante o suficiente para me animar.

— Um policial? Nossa.

Vou me sentar, mas não consigo. Minhas costelas estão enfaixadas, agora que eu noto, estão doendo terrivelmente. E tem um soro preso em meu braço. Isso também é interessante — geralmente não há agulhas, nem tubos, nada disso, na ala terminal. Eu balanço meu braço.

— E o que é isso?

Ela me afaga.

— Era só até você acordar. Pra você não ficar desidratado. E para lhe dar morfina extra. Eu fui providenciar o policial pra nós. Insisti. Aquele homem é um doido. Simplesmente exigi. Só isso.

Eu me afundo de novo.

— A vovó deve estar adorando todo esse drama.

Minha mãe quase arranca a máscara.

— Sua avó também foi banida, Richard. Agora simplesmente descanse. Pare de se preocupar. Está tudo arranjado. Não é problema seu. Agora fique quietinho.

Eu calo a boca. O que mais posso dizer? Eles chamaram a cavalaria. Os adultos estão novamente no comando. Mas estão errados, todos eles. É, sim, problema meu. É um problema-confusão criado por Richard. E bem no meio de tudo isso: Sylvie. Ainda sinto um pouquinho de seu cheiro de rosas em minha pele. Estive dentro dela. Ela é minha.

* * *

Da próxima vez que volto, estou realmente consciente. Sei onde estou, que dia — bem, agora, que noite — e tudo mais. Sinto que estou de volta. Minha cabeça está lúcida. Olho pra dizer à minha mãe que quero beber alguma coisa, mas não é ela que está sentada ali. É o Edward, escrevendo numa prancheta em seu colo.

— Oi, cara — eu disse.

Ele ergue os olhos. Está com uma barba de dois dias por fazer e seus olhos estão vermelhos.

— Ah. Richard. Bem-vindo de volta. — Ele passa a mão nos olhos. — Como está se sentindo?

Ele levanta e põe a mão em meu punho, medindo meus batimentos.

— Estou bem.

— Rá! Mas você não está *nada* bem. — Ele solta minha mão e escreve alguma coisa na prancheta. — Na verdade, você é o paciente mais pé no saco que eu já tive.

Sua voz fica meio aguda e alta, e ele está inclinado por cima da minha cama, bem junto ao meu rosto.

— Você também é a pessoa mais imbecil que eu já conheci. Como não sabia que aquela menina não estava em condições de... fazer o que vocês fizeram?

Tento olhá-lo no rosto, de homem pra homem. Também estou tentando não chorar, portanto esse negócio de homem pra homem não é muito eficaz.

— Eu não sabia, eu juro. Ela queria que eu fizesse, ela me *pediu*. Foi tudo ideia dela. Como eu poderia saber? Desculpe. Desculpe. — Minha voz falha e as lágrimas começam a minar, encharcando as ataduras em meu rosto. — Eu a amo. Não a machucaria por nada. Eu a amo.

Edward franze o rosto e pega os lenços de papel e começa a secar meus olhos.

— Ah, Richard, desculpe. Olhe pra mim, gritando com um paciente. Estou ficando totalmente maluco.

Ele joga o papel molhado no cesto de lixo. Recua e senta de novo na poltrona.

— Ouça. Esse lugar inteiro enlouqueceu. Nunca vi nada assim. Quer dizer, tem um policial uniformizado do lado de fora da sua porta. Um policial, numa unidade terminal. Todos deste andar estão ensandecidos. Tem uma porção de advogados circulando, ações, ameaças de processos. Richard, a sua avó deu alguns socos.

Isso me faz parar de fungar.

— A vovó?

Ele dá uma risada trêmula.

— Ah, sim, a vovó. Ela foi pra cima do pai de Sylvie, gritando feito uma maluca. Acertou alguns bons socos. Mas, na verdade, você sabe, todos nós somos responsáveis. Eu, eu me envolvi no romance, tenho de admitir, nesse negócio todo de pombinhos. Era tão bonitinho, você e a Sylvie, agindo como, como uns garotos pé no saco. Não temos muito disso por aqui. Mas isso não é desculpa. Somos adultos. Somos enfermeiros. Deveríamos saber. Acho que só imaginamos que fosse inofensivo.

Eu sento. Minhas costelas doem, mas eu consigo.

— Certo. Vocês só pensaram, e daí, o que é que tem? Eles estão fraquinhos demais, doentes demais e fracos pra fazerem qualquer coisa. Todos vocês estavam dizendo “Ei, aquele Richie, ele é tão babaca, nunca vai fazer o negócio levantar. E não é bonitinho, o jeito como eles agem? Oras. Vamos ser legais com os garotos moribundos. Vamos agradá-los. Vamos levá-los à Disneylândia, como se fôssemos uma porra de uma fundação de Faça um Pedido”. Seus babacas. Vocês são uns babacas absolutos. — Minha voz está falhando, mas eu continuo. — Estou surpreso que, agora, não estejam todos dizendo “Bem, que se dane. A Sylvie está morrendo, mesmo. Que diferença faz ser alguns dias mais cedo?”. Mas a Sylvie não pensa isso. Ela quer cada porra de segundo da sua vida. Ela acha que vai melhorar. Ela quer continuar vivendo. Ela é mais forte do que qualquer um de nós. Ela é tipo, eu não sei, qualquer coisa, menos bonitinha. Ela é *feroz*.

Não consigo mais respirar.

O Edward fica de pé e segura a prancheta junto ao peito.

— Sim, ela é. Você está certo. Ela está lá, neste momento, lutando. Inconsciente, mal respirando. Mas, sabe, quando você entra naquele quarto, dá pra senti-la... como se houvesse um campo de força ao redor de sua cama. Você está certo. Aquela garota é demais.

Ele dá um sorrisinho.

— Sabe de uma coisa? Pela sua primeira vez fazendo amor, meu chapa, você certamente achou uma preciosidade. Uma garota apropriada para um rei. Fique tranquilo, meu soberano. Eu vou tirar esse soro e lhe trazer uma Coca, está bem?

Sinto a raiva indo embora. Uma preciosidade — ele está totalmente certo quanto a isso. Eu arranjei uma preciosidade. Deito de novo.

— Certo. Obrigada. Ei, onde está minha mãe? Ele aponta o corredor.

— Nós finalmente a convencemos a tirar um cochilo, lá embaixo, na sala. Sabe de uma coisa? Ela também é feroz. E a sua avó. Nossa, benzinho. Você tem mulheres interessantes na sua vida.

No instante em que Edward sai, o policial enfia a cabeça na porta. Cheguei a dizer, né? Nunca se tem dois minutos de privacidade por aqui. O cara tem um rosto redondo e é meio rechonchudo, com seu uniforme azul e um cassetete no cinto.

— Oi, Richard. Ouvi que você estava acordado. Só pensei em me apresentar. Policial Glen Jeffers. Ao seu dispor.

Ele faz uma pequena saudação engraçada.

— Oi. Obrigado. Saber que você está aqui faz com que minha mãe se sinta melhor.

Ele acena.

— Trabalho fácil. Lugar interessante. — Ele gesticula pro corredor. — Eu nunca tinha trabalhado numa unidade terminal. Geralmente nos colocam na unidade trancada, lá em cima. Sabe, para vigiar os doentes malvados.

— É mesmo? Eu não sabia que tinha uma ala dessas neste hospital.

— Ah, sim. Unidade prisional. Só quatro quartos, mas, mesmo assim... Alguns desses caras ficam algemados às camas — uns caras ruins mesmo. Metade deles está descaradamente inventando, torcendo pra arranjar drogas. Mas, às vezes, eles estão realmente doentes e ainda ficam algemados. É uma coisa meio maluca. Esse andar é bem mais agradável. Calmo. E eu gosto da música da harpa.

Eu balanço a cabeça.

— Gosta? Nossa, me dá calafrios, cara.

Ele parece um pouco intrigado.

— É? Eu acho legal, relaxante, sabe? E você quase foi transferido para a unidade prisional, quando foi... é, você sabe, ferido. Só para sua própria segurança, é claro.

Penso nisso. Até que teria sido legal. Acordar ao lado de um criminoso cruel. Ficar papeando sobre nossas maldades de fodões.

— É mesmo?

— Ah, sim. Mas sua mãe disse absolutamente não. Foi ela que fez com que nosso sargento alocasse gente aqui. Ela é uma garota e tanto, a sua mãe. — O rosto dele fica todo sonhador. — Eu a conheci tempos atrás, no ensino médio. Há muito tempo que não a via. Ah, desculpe, Christine.

Ele recua e minha mãe aparece, bocejando por baixo da máscara. Ela nem olha pro policial, mas eu vejo, por um segundo, o jeito como ele olha pra ela. Meio do jeito como olho pra Sylvie. E isso também é interessante...

Tem um monte de coisa rolando. Cara, esse lugar está bombando. Lamento que a Sylvie esteja dormindo e perdendo isso. Mas espero que talvez ela não esteja dormindo totalmente. Talvez possa ouvir, dentro daquela linda cabecinha coberta de penugem, e esteja morrendo de rir, sabendo que ela começou tudo.

CAPÍTULO 15

Na manhã seguinte, dois médicos vêm me ver. Eles tiram as ataduras do meu rosto e estalam a língua diante do que veem. Eu passo o dedo e sinto o estrago — tem uma fileira de pontos embaixo do meu olho esquerdo e meu nariz parece uma bola de *softbol* inchada. Estou sentado, com os pés pendurados na lateral da cama, e dá pra sentir que regredi: minhas pernas parecem macarrão cozido. E minha visão está totalmente embaçada e tem um ponto escuro acima, à esquerda. Como um buraco de minhoca no espaço, ou algo assim — só um ponto vazio, onde, de vez em quando, passa uma corrente de pontos luminosos verdes. Não comento nada sobre isso com os médicos. Pra que me dar ao trabalho? De qualquer forma, o que eles vão fazer? E, pra falar a verdade, até que é legal, esse meu show particular de luzes. Mas eles notam que minha audição do ouvido esquerdo está abalada. Exceto por um zunido constante, com um ruído agudo ocasionalmente mais alto. São sons como um borbulhar maluco, como a trilha sonora do buraco da minhoca. Eu sorrio para os médicos.

— Ei, isso é legal — eu digo. — É como uma viagem de ácido. Estou curtindo. — Faço um sinal de paz com a mão.

Só um dos médicos sorri. Ele é um cara mais velho e entende a referência, eu imagino. O outro, um homenzinho asiático, só balança a cabeça.

— Richard, você rompeu o tímpano esquerdo. Sem mencionar a costela quebrada. Não acho isso muito legal.

— Opa.

Eu coloco a mão sobre o ouvido. Tenho de admitir que estou meio chocado de ter rompido o tímpano. Mas, novamente, e aí? Dou um sorriso pro cara.

— Ei, eu estou ouvindo o mar, cara.

O mais velho ri e dá um tapinha em meu ombro.

— Agora, nós vamos te deixar sem atadura. Seu rosto vai ficar bom. Ah, e um detetive da polícia logo virá aqui, pra perguntar se você quer prestar queixa. Fica totalmente a seu critério. Está disposto a isso? Sente-se bem em falar sobre o que aconteceu?

Esse me surpreende. Balanço a cabeça, tentando afastar os ruídos engraçados e o show de luzes.

— Sem sacanagem? Um detetive de verdade?

— Sem sacanagem, filho. Mas se você não estiver se sentindo bem, nós diremos que ele o deixe em paz e volte amanhã. O que acha?

Acho que eu gostaria de algum tempo pra pensar. Mesmo. Isso é muita coisa pra ser assimilada por um cara com um ouvido só e um olho meio cegueta. Mas eles estão esperando e, você sabe, uma vida de treinamento hospitalar me diz pra nunca deixar médicos esperando. Eles estão sempre, sempre com pressa, e você tem que pegá-los de

passagem. E ficar esperando até amanhã, aqui? Isso é correr um risco, não? O amanhã é algo que não temos muito, certo?

— Tudo bem. Vou falar com o cara. Mas eu quero levantar, me vestir e sentar numa cadeira. Não vou lidar com isso nesse avental ridículo. Eu puxo o tecido ofensivo — esse é todo estampado de rosinhas. Onde será que arranjam esses troços? Deve ter sobrado do andar da maternidade.

Ele concorda.

— Boa. Se eu fosse você, tacava fogo nesse negócio. Diremos ao detetive para lhe dar meia hora, está bem? E vamos mandar sua mãe vir, para ajudá-lo a se vestir.

Eu faço uma careta.

— Ah, cara, minha mãe, não. Mande o Edward, está bem? Ou aquela enfermeira com o chapeuzinho branco, a Sra. Jacobs. Ela também é legal.

* * *

A Sra. Jacob faz sua tarefa, rápida e eficiente. E o tempo todo de cara feia, então eu não digo uma palavra. Mas, depois, quando terminou toda a arrumação, ela passa a mão na minha cabeça careca, se inclina à frente e dá um beijinho ali.

— Você é um pé no saco, Richard — diz. Então, ela sai marchando do quarto, ereta como uma flecha.

Bem, estou de dentes escovados, com minha própria camiseta e calça de moletom, quando os detetives — não um, mas dois, olha como eu estou importante — entram. Estou sentado em minha cadeira de rodas e me sentindo um pouco humano. O detetive principal é uma mulher alta, de cabelos grisalhos, mas de olhos azuis radiantes. Ela não está de uniforme, só uma saia preta simples e uma blusa vermelha de gola alta. Seu parceiro é um jovem de jaqueta esporte e calça cáqui. Ainda bem que eu me vesti. Não dá pra ficar segurando o avental. Atrás dos dois está minha mãe. Eu percebo que ela também se arrumou. Está usando o que costuma vestir para o trabalho — saia, blusa e suéter. E a máscara branca. Mas nada de avental amarelo, ou luvas. Ela está fazendo suas próprias regras, quando se trata de traje, tenho de admitir.

Minha mãe senta na beirada da cama, e os detetives, nas cadeiras plásticas. A mulher alta diz que seu nome é Detetive Richter e o cara é o Detetive Johnson.

— Oi. Meu nome é não detetive Casey.

Minha mãe suspira.

— Richard, leve isso a sério, por favor.

A Detetive Richter sorri.

— Certo, Richard. Nós só temos algumas perguntas pra você. Poderia nos dizer o que aconteceu, na noite de três de novembro?

Fecho os olhos, por um minuto. Um filete de luzes verdes passa pela minha visão, à esquerda. Tenho vontade de dizer *A noite de 3 de novembro foi a melhor e mais gloriosa noite da minha vida*. Mas não posso falar nada disso, tipo, manchar isso com palavras. Então,

apenas digo:

— Não me lembro.

Ela ergue a sobrancelha escura.

— Você não se lembra de quê?

Essa é uma pergunta capciosa. Detetive inteligente.

— Não me lembro de nada. Quer dizer, claro, eu me lembro que, naquela tarde, eu comi uma gelatina deliciosa, mas, depois disso, nada.

— Não se lembra de ter tomado um banho? — Ela bate com a caneta no caderno.

Tento abrir bem os meus olhos.

— Eu tomei banho? É mesmo? Deixe-me pensar. — Pressiono os dedos na testa: pensando, pensando. — Nada. Desculpe.

Minha mãe interrompe.

— Richie, você não se lembra de falar comigo? E de me dizer que você e a vovó iam fazer vacas pretas? Vamos, querido, tente.

Eu sacudo a cabeça.

— Desculpe, mãe. Apagou tudo. Só me lembro de acordar em meu quarto e que você estava lá, com aquela máscara. Isso é tudo.

Meu olho treme um pouco e isso faz as luzes verdes pularem.

O Detetive Johnson fala a seguir. Ele tem um sorriso bajulador e é todo íntimo, como se nós fôssemos melhores amigos.

— Ei, cara. Você não se lembra de ter estado *com* a Sylvie, naquela noite? Nada disso?

Por um minuto, me dá vontade de dar um soco no cara, só pelo *com* pejorativo. Meus punhos chegam a se fechar. Olho diretamente pra ele e digo:

— Cara, se eu me lembrasse de algo assim, acha que eu seria um babaca pra ficar falando?

A Detetive Richter o encara fulminante, depois olha pra mim.

— Richard, você está nos dizendo que não se lembra de absolutamente nada sobre ter sido atacado e surrado no corredor?

Por um minuto, tudo volta. O calor e o cheiro do dragão. Seus olhos vermelhos. O quanto eu mereci.

— Nada. Eu compreendo que traumatismo na cabeça pode causar isso. — Eu me inclino à frente e digo, palavra por palavra: — Eu não me lembro de coisa alguma sobre ataque algum. E nunca vou me lembrar.

A Detetive Richter levanta. Ela mostra um sorriso triste.

— Certo. Eu compreendo. Entendi. Tudo bem. Mas houve testemunhas. Uma enfermeira, o pessoal da segurança. Um monte de gente que viu um homem adulto e grande batendo num garoto. Um garoto doente. Não acha isso uma coisa terrível de se fazer? Não acha que esse homem — esse adulto — deveria ser obrigado a prestar contas de seus atos? Obrigado a assumir a responsabilidade?

Eu me endireito na cadeira.

— Acho que se todos nós fôssemos assumir a responsabilidade de todas as besteiras

que fazemos, detetive, muita gente iria direto pro inferno. Não ultrapasse o SIGA. Não pegue duzentos dólares. Faça uma fila. Escolha os parceiros, deem as mãos.

Eu olho pra ela até que seus olhos azuis desviam. Mantenho a postura ereta até que os dois detetives deixem meu quarto. Mas quando minha mãe pousa a mão no meu ombro, eu desmorono. Eu meio que me dobro, passando os braços em volta das minhas costelas doloridas.

Ela também passa os braços ao meu redor e me abraça. Encosta a cabeça na minha e diz:

— Sabe de uma coisa, meu bem? O pai da Sylvie queria prestar queixa de estupro, contra você. Estupro! Tem certeza de que não quer dar queixa? Tem certeza de que não vai se lembrar?

Por algum motivo, isso me faz começar a rir. Estupro! Eu me lembro das pétalas de rosa de Sylvie, de sua nudez. Sento ereto de novo.

— É, sou eu. O homem selvagem Casey. Uma ameaça a todas as mulheres da ala terminal. Sra. Elkins, aqui vou eu! Moça em coma, cuidado! Merda, é melhor que eles me tranquem, agora mesmo. Me coloquem numa cela e joguem a chave fora.

Ela levanta.

— Não seja tão espertinho. Por sorte, você só tem dezessete anos. Se tivesse dezoito, ele talvez pudesse fazê-lo. Quer dizer, apenas uma semana depois, você já teria dezoito anos. Isso não é piada, Richard.

Nós ficamos em silêncio depois disso. Talvez a gente esteja pensando, só mais uma semana. Aqui, isso é um tempo bem comprido. E, sabe de uma coisa, eu perdi um dia inteiro ao ser apagado. Pensando bem, isso me aborrece. Isso é uma coisa que me deixa sinceramente injuriado. Quer dizer, tímpano rompido, visão ferrada, quem liga? Mas um dia inteiro perdido? Puf! Isso é realmente uma tragédia.

* * *

Eu durmo a tarde toda. Por volta das quatro, ouço uma batidinha de leve em minha porta. Abro os olhos. Minha mãe está dormindo profundamente numa poltrona que ela puxou pro canto do quarto, completamente coberta por um cobertor branco, cabeça e tudo, roncando. Não consigo ver direito quem está na porta, as coisas estão muito embaçadas. Mas quando ouço a voz, eu sei que é Kelly-Maria.

— Oi, Richie — ela sussurra. — Posso entrar?

Aceno pra que ela entre no quarto e ponho o indicador nos lábios.

— Ei — eu digo. — Temos que falar baixinho. Minha mãe está dormindo.

Ela está ali de pé, olhando meu rosto, com as mãos sobre a boca.

— Nossa. O que houve com você?

Também estou olhando pra ela. Seus olhos estão uma lambança de maquiagem preta e sua cabeça está completamente careca. Totalmente raspada. E tem algum tipo de desenho. Não é uma tatuagem de verdade — só uma marca, um desenho todo feito em preto. Quer

dizer eu sou uma beldade, comparado a ela.

— Shhh. Venha até aqui.

Encolho minhas pernas e aponto o pé da cama. Ela sobe e recosta na grade, sentada com as pernas cruzadas, como um índio. Hoje ela está com um jeans comum, mas com um suéter verde berrante bem decotado. Ela parece um duende careca e peitudo.

Eu não deveria estar tão interessado no decote. Quer dizer, estou apaixonado pela Sylvie, certo? Estou mesmo. Mas ali está Kelly-Maria com seus peitos transbordando no pé da minha cama e é espetacular. Quem deixaria de olhar? Nenhum cara que eu conheça.

— O que aconteceu? — Ela sussurra.

Eu penso no herói que eu seria, se contasse a ela que tomei uma surra. E como. E por quem. E por quê. Principalmente, por quê. Que história e tanto eu poderia contar: sexo e violência, a combinação perfeita. Eu penso em como, depois de ouvir uma história tão empolgante, ela talvez subisse aqui pra me consolar, carinhosamente enlaçando meu rosto ferido com seus braços, junto ao seu peito. Seu peito farto e macio. Quem dera.

Não. Eu penso nos seios pequeninos de Sylvie, nas palmas das minhas mãos. Como dois pequenos passarinhos, aninhados ali. Penso na história desmemoriada que contei aos detetives. Eu acredito que uma vez que você inventa uma história, tem que mantê-la. Nada de recuar. Eu suspiro.

— Nada empolgante. Eu caí no chuveiro, segundo me disseram. Não me lembro de nada. Nada demais. O que você fez na cabeça?

Ela dá uma risadinha e passa a mão no crânio.

— Raspei, depois que vi sua namorada. Como é mesmo o nome dela? Sylvie, né? Ela parecia tão, tipo, elegante, e eu pensei, nossa, talvez esse visual combine comigo. O que acha?

Acho que uma garota saudável raspar a cabeça pra ficar parecida com uma garota doente uma das coisas mais imbecis que eu já ouvi. Muito errado, em vários níveis. Começo a concordar com a análise de Sylvie sobre Kelly-Maria: essa garota não é exatamente brilhante. Mas não quero ser indelicado — não quero ferrar meu carma a essa altura, certo? Então, eu meio que sorrio pra ela e digo:

— Está bonitinho. O que é o desenho?

Ela abaixa a cabeça pra que eu possa ver em cima. Não consigo identificar o que está ali. Está tudo embaçado pra mim. Ela dá outra risadinha.

— São asas. Está vendo? Tipo, asas de morcego?

— Ah, sim. — Asas de morcego. Na cabeça. Novamente, eu tenho que pensar qual é o Q.I. dentro dessa cabeça. — Muito legal.

Ela se inclina à frente e isso já vale qualquer meia verdade que eu possa dizer.

— Comprei uma coisa pra você.

Ela enfia a mão no bolso traseiro e cria outra vista panorâmica, eu tenho que admitir — e abre a mão cheia de pirulitos.

E juro que só estamos fazendo isso, quando minha mãe surge de seu casulo e olha pra nós. Estamos apenas sentados na minha cama, os dois chupando os pirulitos. Chupando

alegremente. E se eu estiver só um pouquinho excitado, em ver os lábios de Kelly-Maria se mexendo e seus seios balançando, o que é que tem? Não tem nada de mais.

Minha mãe dá uma boa olhada em nós dois, depois diz: “Ei, garotos. Vou dar uma voltinha”. E ela sai graciosamente. Legal, da parte dela, sair.

Kelly-Maria termina seu pirulito, um roxo, que deixa seus lábios azulados. Ela passa a mão na boca.

— Então, onde está sua namorada, hoje?

Não sei o que dizer. Mas, depois, penso que posso usá-la — ninguém me diz nada além de “estável”, quando pergunto sobre Sylvie, e eu certamente sei que não posso simplesmente ir até lá, na minha cadeira de rodas, e perguntar. Então, eu digo:

— Ela está no quarto 302. Por que você não vai lá e pergunta se ela não quer vir ficar conosco? Convide-a para um pirulito.

Ela faz bico e fica meio emburrada, mas desce da cama.

— Está bem... Onde fica o quarto 302?

Não podemos contar com essa garota pra descobrir o esquema da numeração, podemos?

— Do outro lado do corredor. Última porta à sua esquerda. É rosa. Impossível errar.

Ela vai e eu espero. Alguns minutos depois, ela volta e está meio emudecida. Tipo, até eu estou vendo seu rosto todo sério. Ela não senta de volta na cama. Só fica ali em pé. Meu coração dispara.

— O que foi? O que está havendo lá?

Ela me olha.

— Nada. Ela está só dormindo. Eu acho. Deitada na cama. Bem quieta. Mas tem uma mulher lá, com ela, sabe? A mãe, talvez? E ela está lá sentada numa cadeira, tipo, chorando. Chorando muito, mesmo.

Eu sinto que o que ingeri do pirulito me sobe à garganta. Apenas viro a cabeça e olho pela janela. Não vejo Kelly-Maria ir embora, mas ela dever ter ido, porque quando finalmente tenho forças pra virar de volta, ela não está mais ali.

CAPÍTULO 16

Já está escuro. Minha mãe está em pé no quarto, estalando a língua para os desenhos de Phil, que eu pendurei. Ela diz que tudo bem, o que tem a mulher em coma, exceto pelas palavras desnecessárias nos dentes da lua e aquelas coisinhas, anjos/ demônios arrepiantes que estão voando em volta. Ela diz que aquele é até terno, pela forma que ele coloca tudo na perspectiva da mulher. E ela adora os dois caras eternamente jovens. Mas não gosta nada do pornô, no desenho da sala da família.

— Babaca imaturo — ela murmura.

Estou bem certo de que ela está se referindo a Phil, não a mim, então deixo passar.

Então, ela se vira. Seus olhos, acima da máscara, estão mais que cansados, cheios de olheiras. Sua pele está quase cinza, exceto por dois círculos vermelhos, um em cada bochecha. Eu li, em algum lugar, num livro antigo, que essas manchas vermelhas são exibidas por pessoas com tuberculose e outras doenças — há muito tempo, eles chamavam de “tísica”. É isso que minha mãe está parecendo, como se estivesse prestes a desmaiar pela situação caótica em nosso pequeno albergue hospitalar. Quer dizer, o lugar inteiro parece febril, nesse momento.

— Por que você não vai pra casa, mãe? Durma na sua cama, essa noite. Descanse um pouco, de verdade. Eu vou ficar bem. Tenho meu policial pra fazer companhia.

Ela senta na beirada da cama e balança a cabeça.

— Depois das sete da noite, você não tem. Bem, talvez. Vamos ver. Isso é algo que eu não lhe disse. Haverá uma grande reunião na sala de família, às sete — alguns advogados, os pais de Sylvie, eu, a supervisora da enfermagem, o administrador do hospital. Devemos fazer um acordo civilizado. Conforme a carta que recebi dadas as “circunstâncias extraordinárias” das duas famílias com filhos na unidade, e o “estresse imenso” que todos estamos passando, nós precisamos chegar a “uma acomodação justa e humana que atenda às necessidades de todos os envolvidos”. — Ela afaga minha mão. — E, de verdade, acho que precisamos. Estamos todos juntos nisso, Deus nos ajude.

Eu afasto a minha mão. Que baboseira, ninguém me diz nada do que se passa por aqui. Claramente, tem uma enorme conspiração adulta à minha volta. Eles falam de mim e tramam pelas minhas costas, depois dão esse tipo de notícia, como se não fosse nada de mais. É tão irritante e frustrante, que estou pronto pra cuspir.

— É, estamos *todos* juntos, sim, até eu, posso frisar, eu. Você se esqueceu de mim. — Eu aponto o meu peito e estou consciente de que meu tom de voz está bem alto. — Grande personagem, aqui. Você não pode me deixar de fora. Não acredito que você acharia que vocês devem ter essa merda de reunião sem mim. O que você está pensando?

Ela respira tão ofegante que a máscara parece inflar. Depois, ela meio que suga. Depois sopra outra vez. Ela está pensando com tanta intensidade que nem precisa gritar comigo,

por conta do meu vocabulário.

— Eu não sei, Richard. Ora, você quer realmente ver o pai da Sylvie? Fica à vontade em estar na mesma sala que aquele homem?

Eu sacudo os braços.

— Não tenho nada contra o cara. Como eu disse aos detetives, até onde eu sei, eu caí no chuveiro. E acho que quem armou esse negócio está absolutamente certo, nessas circunstâncias extraordinárias todos têm de se endireitar e tomar prumo. Portanto, eu quero estar lá. Eu sou, tipo, o homem dessa família. Tenho que estar lá.

O que estou pensando, em meio à névoa confusa, é que tem de haver um jeito pra que eu possa ver Sylvie. Temos que achar uma maneira pra que eu vá até lá, na minha cadeira de rodas, e me debruce sobre sua cama e fale com ela, baixinho, sozinho, em seu ouvido, assim que eu puder. Tenho certeza de que ela consegue ouvir. E se ela me ouvir, ela vai acordar. Ora, o amor faz milagres, certo? Você ouve falar isso o tempo todo. A Oprah tem certeza disso. Eu tenho certeza disso, mais ou menos. Quase. Certo, tenho 60% de certeza.

Passo as horas seguintes tentando me blindar para encarar o dragão. É preparação pra ação, como dizem. Vou preparar meu esqueleto magrinho.

* * *

A sala de família está tão empoeirada e triste como sempre, porém nunca vi tão cheia de gente. Estamos organizados num formato engraçado de quadrado, com os outros sentados no sofá e uma porção de cadeiras dobráveis que eles trouxeram para a ocasião, e eu, em minha cadeira de rodas. Empurraram a TV pro canto, para que as famílias possam se encarar, tipo um duelo. Eu, minha mãe e um advogado que eu nunca vi estamos perfilados de um lado. A mãe e o pai de Sylvie estão do outro lado, sentados na beirada do sofá. Entre as famílias, como juízes, um cara de terno e a Sra. Jacobs, que me dá um sorrisinho bem leve, estão sentados em suas cadeiras.

O pai de Sylvie está de cabeça baixa, portanto não consigo ver seu rosto. Eu até que gostaria que ele erguesse os olhos, pra ver meus pontos e hematomas. Talvez ele se sentisse melhor — tipo, por ter acertado alguns, antes de o tirarem de cima de mim. Pena que ele não pode ver as luzes verdes, nem ouvir os zumbidos no meu ouvido. Acho que ele ficaria satisfeito com esse tipo de estrago interno — é bem invisível, mas está me enlouquecendo.

O cara de terno é o primeiro a falar.

— Obrigado por todos terem vindo. Em meu escritório, nós estamos chamando esse encontro de reunião dos Capuleto e dos Montecchio, é nossa piadinha.

Ele dá uma risada sem jeito e, quando vê que ninguém ri, tosse e prossegue.

— No entanto, achei que as duas famílias estariam representadas por advogados. — Ele olha para os pais de Sylvie. — Sr. e Sra. Calderone? Trouxeram seu advogado?

A cabeça do pai de Sylvie se ergue. Ele ainda não olha pra mim. Fala baixinho, perfeitamente civilizado e em controle.

— Sou advogado, Sr. Ellis. Está tudo certo.

O advogado do nosso lado, aparentemente algum cara que a minha mãe encontrou na

internet, um cara que parece ter se formado há cinco minutos, que claramente não pode comprar um terno decente, a julgar pela calça azul brilhosa que está vestindo, começa a tagarelar, então todos começam a falar ao mesmo tempo. Eu recosto e tento me manter focado, mas é impossível. Percebo que não consigo acompanhar nada nessa conversa, porque o zunido em minha cabeça é tão alto e as luzes verdes flutuaram para a direita, bem no meio da minha visão. Na frente e no centro, está tudo verde, e tudo está saltando. Há pequenas luzes piscando por todo lado e isso está me deixando tonto. Quer dizer, dá pra notar que há muita discussão e todos estão falando em tons calmos e amistosos. Consigo ouvir um terço disso. Mas não é isso que importa. As vozes das pessoas podem mentir. Então, eu foco no homem-dragão e fico ouvindo atentamente, e depois que a maioria se calou, eu o ouço dizer:

— Certo, então, esse é o acordo. Eu manifestei minhas profundas desculpas à família Casey. A Sra. Casey aceitou e, em retribuição, se desculpou à minha família por seu filho. Nós acordamos que, devido ao estresse que todos estamos vivendo, é fácil demais para que as emoções se descontrolam e todos prometemos nos esforçar para controlar nossos atos, independentemente da forma como nos sentimos. E, mais importante, chegamos à uma solução amigável: nossa família ficará no nosso lado do corredor. Sua família, Sra. Casey, ficará do seu. A sala é território neutro; no entanto, nós tomaremos cuidado para não a usar ao mesmo tempo. Obrigado a todos.

As pessoas começam a levantar e conversar, como se estivessem pensando em apertar as mãos, mas sem ter certeza se é apropriado.

Eu fico olhando para o pai de Sylvie. É como se no meio desse tumulto perfeitamente civilizado não houvesse mais ninguém na sala, exceto ele e eu. Todo o restante desaparece em sombras cinzentas, com as bocas se mexendo sem sair nada. Mantenho os olhos nele. E seus olhos desviam pra mim. E estão, tipo, perfurando buracos em minha pele. Dá pra sentir o cheiro da fumaça. Não é fumaça de cigarro, é algo que ele está emanando. Eu consigo ver, se olhar atentamente, espirais de fumaça preta se erguendo do paletó de seu terno e circulando em volta de sua cabeça. No meio de tudo, ele ergue uma das mãos, faz o formato de um revólver e aponta para o meu coração. Ele abre um sorriso horrendo e diz *Bum*. E tudo fica escuro. Como se meu olhos tivessem explodido, *Pôu*. Quer dizer, eu estou consciente e tudo mais. Mas não exatamente. Eu ouço todo tipo de voz, mas estão bem distantes. Estou bem certo de que tem uma bala em meu peito, de tanto que dói. Então, a Sra. Jacobs está debruçada acima de mim, me dando goles de água e afagando meu ombro.

— Richard? — Ela fica dizendo. — Richard, você está bem?

Eu aceno.

— Estou bem. Está tudo bem.

Mas ninguém me ouve e, de repente, estou em minha cama, com minha mãe circulando em volta, com a pele tão branca quanto a sua máscara.

O policial, Glen, fica enfiando a cabeça na porta, embora tenham cancelado sua vigilância e ele esteja de folga. Ele fica perguntando se tem algo que ele possa fazer pra ajudar e quando pensa que estou dormindo, minha mãe finalmente o deixa entrar, e eles

assistem à TV juntos, por um tempo. Ela até ri, uma ou duas vezes, de alguma coisa que ele diz, ou algo na televisão. Gosto que ele esteja aqui, fazendo companhia pra ela. Ele me parece ser um cara legal.

Glen acaba indo pra casa e ficamos apenas eu e minha mãe, e ela fica sentada por um bom tempo, segurando minha mão, muito quieta. Eu murmuro pra ela, dizendo que estou bem, e que ela precisa dormir um pouco. Trouxeram uma caminha de armar pra ela, com travesseiros e cobertores, então, talvez ela esteja relativamente confortável em seu cantinho, quando acaba cedendo e vai deitar. Os corredores ficam silenciosos. Mas tenho quase certeza de que não conseguirei dormir. Tem um ruído constante em minha cabeça e meu peito parece oco. Acho que sei o que é — é o lugar onde a Sylvie deveria estar, encostada ao meu peito. Está vazio e frio demais.

Olho pela janela e o céu está completamente preto, sem estrelas, sem lua, sem nada. Pra mim, parece certo, e eu só fico olhando o vazio, por um bom tempo, desejando que existisse algo que eu pudesse fazer. Algo que eu pudesse mudar.

* * *

As coisas devem melhorar pela manhã, é o que todo mundo sempre diz, certo? Errado. Elas não melhoram. A única coisa mais radiante é a sensação de muito mais luzes verdes piscando ao redor de tudo que eu olho. Não consigo tomar café; queima minha garganta e tem gosto de metal. Pra agradar minha mãe, eu dou uns goles de seu chá. Uma coisa boa — a única coisa boa — é que minha mãe tem permissão pra tirar a máscara hoje. Algum infectologista disse a ela que depois de passar quarenta e oito horas sem febre, ela poderia tirar. E, de alguma maneira, ela os convenceu de que há dois dias inteiros estava com uma temperatura perfeita, embora seu rosto ainda me pareça febril. Imagino que minha mãe tenha seus truques. É bom voltar a ver seu rosto inteiro e ela beija minha testa cerca de um milhão de vezes, antes que eu a faça parar. Depois, ela me ajuda a sentar em minha cadeira e eu fico ali sentado, fazendo um monte de planos idiotas pra ir até o lado de Sylvie, do corredor. Mas isso é uma loucura, não? Ter que tramar pra atravessar o corredor? Ora, vamos. É só um corredorzinho, cara, não é o Saara.

Mas Sylvie está tão distante quanto se a tivessem levado para o outro lado do mundo, e a trancado numa torre. Penso nisso, por um tempo. Em todas as histórias, a donzela é trancada numa torre ou seu castelo é cercado de arbustos espinhosos. Tem um fosso profundo, cheio de serpentes e cães de três cabeças, ou algo bem terrível para protegê-la. E, na maior parte do tempo, ela também está dormindo profundamente, sob um feitiço. Mas o príncipe consegue chegar até ela, certo? O tal do cara que é o príncipe consegue, todas as vezes. Ele escala muros altos, ou abre caminho entre os espinhos, fazendo o que for preciso. Independente de qualquer coisa, ele chega lá. Ele a desperta com um beijo e pronto, lá vão eles, rumo ao mundo dos felizes para sempre. Claro que às vezes o príncipe também tem que lutar contra um ou dois dragões. Quer dizer, isso é um procedimento padrão. Então, na verdade, qual é o problema? Eu amo a garota; ela está em perigo; eu preciso chegar lá e

acordá-la. Corredores, advogados, dragões — nada disso importa. É como álgebra, só isso. Eu só preciso calcular, passo a passo. Preciso focar, só isso.

Quando o Edward vem perguntar se eu quero tomar um banho, essa manhã, eu digo “Claro” embora eu quase não consiga suportar a ideia da água quente em minha pele. Mas o negócio é o seguinte: chuveiro = passo um. Ir para o chuveiro me leva até o corredor e, embora o banheiro esteja do lado da minha família, talvez eu consiga convencer Edward a dar uma passada pelo quarto de Sylvie. Talvez, pelo menos dar uma espiada lá dentro, certo? Talvez ela esteja acordada e eu possa pelo menos acenar.

Então, Edward pega os negócios do banho e me leva ao corredor, onde minha mãe caminha em direção ao refeitório, imaginando que estou bem protegido. Nos minutos em que ela está fora, eu digo:

— Ora, vamos, cara. Tenha coração. Não quero tomar banho, quero vê-la. Só uma olhadinha, só isso.

O Edward continua seguindo direto para o banheiro e ele vai tão grudado em nosso lado do corredor que estou quase raspando a porcaria do cotovelo na parede. Ele se inclina à frente e fala em meu ouvido. Pelo menos, ele está falando no ouvido em que eu consigo ouvir; afinal, o homem é enfermeiro.

— Não. Você precisa parar de envolver os outros em seus delitos, Richard. Nós podemos perder nossos empregos, brincando com você.

— Delitos? — A palavra em si, parece estranha em minha boca. — Dá um tempo, cara. Eu e a Sylvie estamos apaixonados. Fizemos o que as pessoas fazem, quando estão apaixonadas. Isso é um *delito*?

Ele nem desacelera a cadeira. Dá ré entrando no banheiro, com um movimento suave. Uma vez que estamos lá dentro, ele senta na cadeira de banho. Sua bunda larga sobra dos lados, e ele parece um gigante sentado num triciclo. Ele enlaça as mãos e as deixa penduradas, à sua frente, com os nós dos dedos quase tocando o chão.

— Ouça. Eu me solidarizo, de verdade. Um amor jovem. É muito comovente. Mas não posso me envolver em mais problemas. Eu, Jeannette, todos nós — estamos tipo, sob um juramento sagrado de não deixar que você se aproxime de Sylvie novamente. E de manter o pai dela longe de você. Temos que lembrar que a nossa responsabilidade prioritária é a segurança de nossos pacientes. Me disseram pra não bancar o cupido para um par de garotos. Segurança, Richard. Todo aquele mantra médico, se lembra? *Primeiro, não cause nenhum estrago*.

— É, está certo. Vá contar essa pro pessoal da químio, que despeja, tipo, cianeto e arsênico nas suas veias. Diga isso ao pessoal que radiou nossas bundas até nossos peidos acenderem. Ora, vamos, todos sabem que a radiação é mortal, certo? Não cause danos, merda.

Ele ergue a mão.

— No entanto. É meu mantra pessoal. E agora, eu ouvi dizer que há um acordo formal entre as duas famílias. Um limite que não se pode ultrapassar. E é isso que eu vou fazer, honrar esse acordo. Não brinque comigo, jovem Richard. Não posso ajudá-lo.

Eu gostaria de poder encará-lo, mas não posso. E, pra dizer a verdade, eu entendo. Não posso mais envolver essa gente boa em confusão. O que eu pensar em fazer, tenho que fazer sozinho. Afinal, sou um garoto crescido. Quase um adulto, porra. Então, eu simplesmente concordo.

— Está certo, já entendi. Mas, de verdade, também não quero tomar banho. Minha pele dá a sensação de que vai descascar, quando a água cai.

Ele sacode a cabeça.

— Tudo bem. Vamos apenas ficar aqui sentados, um tempinho, pra que eles pensem que estou fazendo meu trabalho. Está bem?

— Tudo bem.

E é o que fazemos. Está aquecido e tem um pouco de vapor, e Edward empurra a banqueta de banho até a parede e recosta, fechando os olhos. Eu fico em minha cadeira, tentando pensar. Mas, em vez disso, fico cochilando, batendo a cabeça em meu peito.

* * *

Pelo resto do dia, eu só fico largado na cama. No fim da tarde, até minha mãe parece estar farta de ficar sentada ao meu lado. Ela fica agitada e inquieta. Sai pra dar muitas caminhadas, ficando, claro, no lado Casey do corredor. Em algum momento perto do anoitecer, quando ela está lá fora andando, o telefone toca. Eu pego e tenho que me lembrar de trocar pra orelha direita, que é meio esquisito.

— É o Richard — eu digo e depois sorrio: é o Phil.

— Então, meu amo soberano, devo matar o arrombado por você? Porque eu posso. Porque certamente o farei, com minhas próprias mãos. Qualquer filho da puta que bater num garoto doente...

Eu rio.

— Não, que nada. Deixe-o viver. Ele já tem bastante problema. Sou um déspota magnânimo, posso demonstrar piedade.

— Merda. Eu estava contando com isso. Mas seu desejo é uma ordem. — Ele suspira, depois sua voz se anima. — Ei, cara, olhe pela janela, em uns três minutos, está bem? Espere aí. — Ele se afasta e volta. — Sua vó quer dar um oi.

— Meu benzinho, eu quero que você saiba que eu fiz.

— O que você fez? — Minha cabeça está meio lenta e eu realmente não sei do que ela está falando.

Ela parece surpresa por eu não entender, mas depois que começa a explicar, eu noto sua empolgação, elevando o tom de voz.

— Seu pai, Richard. Encontrei um advogado que diz que será moleza achar o cara, entrar em contato e pegar o infeliz. O advogado diz que talvez a gente nem precise levar o caso ao tribunal, que poderemos processá-lo pela paternidade de um menino concebido por uma de suas alunas. Como ele é um figurão no sistema escolar, isso já pode ser o suficiente pra fazer um belo acordo fora dos tribunais. Para sua mãe, Richard. Para, você sabe... depois.

Com essa palavra, a voz dela para de repente. Eu penso a respeito.

— Então, é como chantagem, certo?

Ela bufa.

— Não, não. Segundo o cara que eu encontrei, é perfeitamente legal. E o Phil também está junto.

— Ótimo. Isso é um consolo. O Phil provavelmente vai aparecer na casa do cara e roubar o faqueiro, antes de lhe dar uma surra.

— Não, não. Vamos fazer isso direito, Richard. Espere um minuto...

Phil volta ao telefone.

— Eu juro, meu soberano. Por você, pela Sisco, vamos fazer tudo legal. Nada de gracinhas. Tudo legítimo.

Eu penso outra vez.

— Mesmo assim. Ela vai ficar muito, mas muito injuriada com você. E com a vovó. Vocês sabem disso.

Ouçõ algumas fungadas, depois os dois dizem:

— Ela já está. — Depois, os dois riem, meio que uma risada triste, na verdade. Então, Phil diz:

— Ela não fala com a gente. Não nos deixa ver você. Não recebe recados. Então, que diabo.

Eu recosto na cama, pensando no futuro da minha mãe “depois”. Se eles conseguirem fazer isso, ela terá algum dinheiro. E talvez um cara legal como Glen, o policial, possa estar por perto. Dá pra ver que ele gostaria. Isso é bom, tudo isso é bom. Ou, talvez fosse, se eu tivesse um pinga de fé de que de fato daria certo. Mas qual é a diferença? Com ou sem fé, as coisas sempre acontecerão com as pessoas que amamos, “depois”. Não tem porcaria nenhuma que possamos fazer sobre isso. Acho que tudo o que podemos fazer é tentar conduzir as coisas para a direção certa, enquanto ainda temos tempo pra isso. Eu me dou conta, um pouco tarde, que a minha atitude de falar com a vovó sobre a questão de quem foi meu pai, acabou colocando a bola em jogo, e que, se eu não tivesse feito isso, não havia a menor possibilidade dela e do tio Phil o fazerem. Sem chance. Mais uma vez, talvez eu não tenha refletido sobre isso e não pensei direito nas consequências, mas, cara, tudo o que você pode fazer é rolar a bola, certo?

— Claro. Vão fundo.

— Legal! Agora, vai lá, olha pela janela. Mas não desligue. Temos uma decolagem, olhe!

Então, fico sentado na cama, segurando o telefone, olhando pela janela, vendo o céu escurecer. Em alguns segundos, um imenso balão de gás vem subindo, e para diante da janela, por uns três segundos, antes de seguir com o vento. Mas dá tempo de ver: um imenso círculo prateado escrito FELIZ ANIVERSÁRIO!, em letras vermelhas.

— Legal — Eu digo, ao telefone. — Muito legal. Valeu, gente.

Não quero ouvir o que eles têm a dizer, quanto a ser um pouco cedo, e certamente não quero me despedir, então só digo:

— Ops, preciso ir. Os médicos estão aqui — e desligo.

E fico olhando, enquanto o rabo do balão, uma fita bem comprida e prateada, vai subindo atrás dele. Subindo e se afastando.

CAPÍTULO 17

Depois de tudo isso, eu fico exausto. E inquieto também. Todo agitado. Pensando no destino ao rolarem a bola — e fico cada vez mais zangado por não poder ver a Sylvie. E ficar zangado me dá energia, então eu me esforço para sentar na cadeira de rodas e ir até o corredor, onde fico sentado. Fico pensando que haverá alguns segundos, quando poderei fazer. Posso ir até lá, bem depressa. As bandejas do jantar estão chegando e é uma hora movimentada. Todos têm de estar distraídos, por alguns segundos, em algum momento. Só preciso ser paciente e atento. Terei minha chance.

Não consigo ver dentro do quarto da Sylvie, da minha porta. Só consigo ver os quartos diretamente em frente, do outro lado do corredor: a mulher em coma, e os dois velhinhos, quer dizer, agora um só. Isso é muita estupidez, sério, o corredor tem só três metros de largura e parece o rio Rubicão ou o Mar Vermelho. Ou, qual é aquele que atravessa o inferno... o Estige? Sinto que, se tivesse que tentar uma travessia, os alarmes iriam disparar.

Mas se eu for só um pouquinho adiante, até o posto de enfermagem, talvez consiga me inclinar — do meu lado, claro — e pelo menos dar uma espiada. Então, saio pra esse pequeno passeio, muito cauteloso para ficar do lado designado. E logo sinto o quanto estou deslizando. Mal consigo girar as rodas da cadeira, meus braços estão muito fracos. E quando me inclino à frente, meu peito dói bem no lugar onde o pai de Sylvie disparou aquela bala invisível. Tenho que apertar os olhos até pra ver meus pés, de tão turvos que estão. E quando meio que consigo focar os pés, eles estão estranhamente inchados, dentro das meias brancas limpas que minha mãe me faz usar. Estão parecendo linguças. Eu compreendo — já faz tempo demais que estou em hospitais, pra não entender: acrescente os pés inchados ao fato de que eu raramente preciso fazer xixi e você acaba com o que eles gostam de chamar de insuficiência renal. Até nós, caipiras, entendemos essa equação: pés gordos = fígado falido. E quando você tem falência do fígado... bem, digamos apenas que não tem muito tempo pra ser herói. E o tempo todo, em que você está tentando, sua mente também nubla e volta, com o veneno acumulado em seu sangue. Mas, que droga, não é tão pior que fossos e óleo fervendo, certo? Ninguém disse que ser príncipe era fácil. Eu continuo girando as rodas, lento como uma lesma. Pra dizer a verdade, nem sei se estou me deslocando para frente.

Mas eu acho que estou, pois chego perto do posto de enfermagem pra ver o que acontece em seguida: minha mãe e a mãe de Sylvie seguem para o mesmo lugar. As duas vão pedir alguma coisa às enfermeiras — as famílias estão sempre ali, pedindo outro cobertor, um jarro de água gelada, analgésicos, essas coisas. Tudo que eu vejo está embaçado e tingido de verde, mas está claro o suficiente. As duas mães estão em pé, próximas do grande quadrado onde os enfermeiros ficam, só que cada mãe em seu lado do corredor. Então, como se uma força magnética fosse ligada, elas continuam seguindo em

direção uma à outra. Como um tipo de atração planetária. Gravidade vezes dez. Minha mãe e a mãe de Sylvie se esquecem do que precisavam e se olham, dá pra ver o momento em que os olhos delas, tipo, se fixam.

É como assistir a um balé. Elas são como dançarinas gêmeas, aquelas mães. A minha é alta e loura; a da Sylvie é baixa e morena. Mas isso não tem importância nenhuma. Elas contornam o posto de enfermagem, chegando à parte dos fundos do quadrado. Então, cada uma dá três passos adiante e se encontram no meio — tenho certeza de que é exatamente o meio — do corredor. Onde fica a linha, a linha divisória. Por um segundo, cada mãe fica em seu lado. E é como se tudo no andar paralisasse. Os auxiliares param de carregar as bandejas, enfermeiras erguem os olhos dos prontuários, e suas mãos ficam imóveis. Os visitantes estão grudados em seus lugares, os Irmãos já não estão apressados. Todos observam. Não há nenhum som, exceto as notas baixinhas da harpa ecoando na recepção.

Então, minha mãe e a mãe de Sylvie estendem os braços e dão mais um passo. Elas se abraçam, no abraço mais apertado que já se viu. E surge um som que você nunca vai querer ouvir na sua vida. As duas mães simplesmente começam a chorar gemendo. O barulho irrompe pelo ar, em nosso corredor. Ele rasga nosso ar. É insuportável. E simplesmente não para. É tão horrível que é de se pensar que até Alguém Lá Em Cima cobriria os ouvidos de vergonha.

Em meio à paralisação que esse ruído cria, eu arranco. E não vou para o quarto de Sylvie, como eu tinha planejado. Não estou pensando; estou fugindo.

Não sei como acontece, mas estou na recepção. A harpista baixou as mãos da harpa, ouvindo o choro. Ela está meio de pé, com a mão sobre a boca. Quando me vê, ela se endireita. Fica ereta. E assume o comando.

— Richard, vamos tirar você daqui.

O elevador está vazio e nós descemos depressa. Acho que ela não está falando, mas não tenho certeza se eu conseguiria ouvir, mesmo que estivesse. No térreo, ela me empurra tão rápido que já estamos perto da emergência, quando ela para. Estamos diante da salinha de espera da emergência, e ali dentro tem uma porção de gente fazendo o mesmo tipo de barulho que minha mãe e a mãe de Sylvie faziam. Tem um monte de gente abraçada, umas às outras, só chorando. A harpista rapidamente vira à esquerda, seguindo em direção oposta à cena. Dá pra ver que ela não está fazendo escolhas, está só seguindo pra qualquer direção que seja pra longe desses lugares de barulhos horrendos.

Eu ergo a mão.

— Por favor. Me leve lá pra fora, está bem? Eu quero ir lá fora.

Ela gira a cadeira e a empurra pelas portas de vidro automáticas, e, quando elas se fecham atrás de mim, o barulho para. Faz frio do lado de fora e o ar faz doer meu nariz, minha garganta e meu peito. Mas eu continuo respirando, engolindo — o ar frio, fresco, doloroso, o ar do lado de fora. E é uma sensação boa em minha pele, que agora está sempre esticada e seca. A harpista leva minha cadeira pelo estacionamento, até um pequeno gramado congelado, no alto da colina do hospital. Ela prende o freio e vira a cadeira, para

que eu possa olhar a vista colina abaixo, em direção ao rio. Ela tira o xale branco que está usando e o embrulha em volta dos meus ombros. Ao se abaixar, ela fala diretamente em meu ouvido bom:

— Tenha todo o tempo que precisar, Richard. Eu vou esperar.

Então, ela recua e eu fico ali, sozinho.

Isso que me parece tão estranho: quanto tempo eu fiquei sozinho? Sem ninguém circulando, nem pulando no meu pescoço? Um bom tempo, com certeza. Me enrolo no xale e deixo que o vento encha meus ouvidos. Ele encobre o zunido. Olho para a colina abaixo, para a cidade de Hudson — uma porção de luzes penduradas numa corda solta até o rio. Lá embaixo, um trem está deixando a estação, seguindo ao sul da cidade. Ele soa o apito, longo e profundo. Fecho os olhos e penso em todas as pessoas naquele trem, partindo. Talvez elas estejam indo fazer compras de Natal — minha mãe me levou, uma vez, quando eu era pequeno, e eu ainda me lembro daquelas vitrines decoradas com todo tipo de brinquedo articulado. Eu e minha mãe paramos na frente de todo mundo e ficamos ali um tempão. Minha vitrine predileta estava cheia de robôs prateados, marchando, preenchendo meias. Um Papai Noel robô estava sentado numa cadeira de metal, constantemente tomando uns goles de um cantil de metal. Em outra, não me lembro muito da ordem; era só um monte de papel de embrulho e caixas rasgadas e abertas, cada uma com um novo brinquedo pra fora. A visão do céu, para um garotinho. Mas talvez os passageiros do trem estejam apenas indo visitar alguém. Talvez eles estejam indo pro trabalho. Não importa. Fico feliz em pensar neles — apenas gente comum, vivendo vidas comuns. E logo além dos trilhos do trem, o rio segue seu curso, como faz desde sempre. Os peixes nadando na água fria, fazendo o que os peixes fazem, quando o inverno está chegando. Isso também é legal.

Inclino minha cabeça pra trás e abro meus olhos. Estou olhando o céu, torcendo pra ver estrelas. Mas está fazendo uma noite de nuvens pesadas — eu acho, porque não há uma estrela sequer. O céu está mais negro do que nunca. Mesmo assim, se você olhar pro alto bastante tempo, com ou sem estrelas, sempre dá a impressão de que você está caindo pra dentro do céu, certo? Sabe, é como a antigravidade, ou algo assim. Fico com o rosto virado pra cima, esperando que isso aconteça, e sinto algo fresco e molhado tocar meu rosto. Espero que eu não esteja chorando. Quer dizer, não sinto que estou, mas talvez eu já não consiga distinguir. Talvez eu esteja sempre chorando. Então, vem outro beijo molhado, e outro. Depois, uma porção deles, e eu entendo. Está nevando. Primeira neve do ano. Abro meus olhos o máximo que posso e abro a boca também. Os floquinhos caem cada vez mais depressa e, olhando pra cima, é incrível. Eles estão vindo em minha direção, eu entendo isso, eles estão caindo. Mas depois parece que eu estou subindo na direção deles. Como se eu que estivesse em movimento. Estendo meus braços à frente. É como voar.

* * *

Não sei como ela sabe, mas bem na hora em que estou tão cansado e com tanto frio que volto desmoronando à Terra, a harpista vem. Ela pega nos manetes da minha cadeira e me

leva de volta pra dentro. No elevador, ela bate a neve dos meus ombros e do alto da minha cabeça. Ela pega seu xale de volta e sacode. O montinho de neve que aterrissa no chão do elevador só dura um segundo.

Na recepção, a primeira coisa que eu vejo é minha mãe e a mãe de Sylvie, sentadas no sofá, de mãos-dadas. Elas estão com os ombros recostados, uma na outra, e estão dormindo profundamente.

No corredor, a harpista desobedece ao acordo. E me ocorre que essa é uma mulher sem paciência para regras e, por mim, está legal. Ela apenas empurra minha cadeira direto para o quarto de Sylvie. Não tem ninguém lá dentro — nenhum guardião. Está somente uma menina silenciosa na cama, coberta com uma colcha de retalhos.

A harpista me leva até a cama e diz:

— Pode levar o tempo que quiser, Richard. Se o pai dela aparecer, eu cuido disso. Não vou deixar aquele filho da puta te incomodar.

Ela vai até a porta e eu a vejo ali em pé, de braços cruzados. Como uma sentinela. Estou começando a gostar dessa mulher.

Fico ali por um bom tempo e tendo dizer tudo que preciso. É bastante coisa, mas eu acho que consigo dizer quase tudo. Demora um pouco.

Mas você não precisa ouvir tudo isso e eu não quero entrar em detalhes de como chamo a Sylvie. Como falo com ela e digo que a amo, e tudo isso. Digo a ela que está nevando lá fora. Conto sobre o trem e as pessoas indo pra cidade, descrevo as vitrines das lojas, todas acesas para o Natal. Falo como é a sensação de voar. É pessoal demais. E gigantesco demais para dizer em palavras.

Vou com minha cadeira bem perto e dou um beijo em seu rosto.

Seria legal dizer que ela acordou, que ela abriu os olhos e disse:

— Oi, Rich-Man.

Que meu beijo de príncipe a trouxe de volta à vida.

Mas eu não vou começar a mentir. Agora, não.

Ela não se mexeu e não falou. Essa é a verdade.

Mas, como o Edward disse, tem alguma coisa acontecendo naquele quarto. Como se houvesse um campo de força ao redor dela. Algo pulsando e batendo, e eu sei que está ali. Ainda está ali. Como se ela só estivesse ganhando tempo. Como se estivesse esperando pra romper o feitiço que se abateu sobre ela. Como se estivesse esperando para nascer. E quando acontecer, ela virá chutando e gritando pra qualquer um — qualquer um — que cruzar seu caminho.

Quando a harpista vem, pra me levar do quarto, nós paramos, por um segundo, na frente do desenho de Phil, o que ele desenhou da Sylvie adulta, deitada numa cama, com seu bebê. A harpista lê as palavras que eu não consegui ver e Sylvie nunca me mostrou. Ela aponta para a camisetinha do bebê e diz:

— Pequeno Richard.

E quem sou eu, pra dizer que isso é impossível?

Acho que vejo a luz no céu, do lado de fora da minha janela, mas isso não ajuda muito, pra me acordar. O dia todo, eu meio que deslizo entre sonhos e a vida real, seja o que for — quer dizer, não tem muita diferença. De qualquer forma, tem muita luz verde girando e muita escuridão circundando a minha visão, como cortinas sendo fechadas. Ouço alguém dizer “pneumonia” e sinto panos frescos sendo passados em meu rosto. Minha cabeça é erguida e alguém pinga água em minha boca.

Viro a cabeça porque comecei a ter um sonho muito legal, e quero ficar ali dentro. Sou eu e a Sylvie esperando na fila de um grande shopping, esperando pra ver o Papai Noel. Tem bolas vermelhas e verdes penduradas e neve falsa ao redor dos nossos pés. Tem um milhão de criancinhas correndo em volta, gritando e rindo. Mas Sylvie e eu não somos criancinhas. Somos nós mesmos, adolescentes. O cabelo de Sylvie cresceu de novo — não está comprido, mas é lindo, com uma porção de cachos escuros emoldurando seu rosto. Ela está sorrindo e nós estamos de mãos-dadas. Nós nos beijamos a cada três segundos. Beijos longos, ternos, sorridentes. Ela está com gosto de Cherry Coke. Estou tão envolvido com ela que nem noto que a fila está andando, mas, de repente, estamos ali, aos pés de uma imensa cadeira vermelha, e Papai Noel está apontando pra gente. E o Papai Noel é aquele robô da vitrine da loja. Ele é todo metálico e tem um grande sorriso de aço em seu rosto. Ele diz “Ho-ho--ho”, mas, pra mim, sua voz é a de Darth Vader — ele sai daquela máscara de aço sorrindo e me dá calafrios. Eu pego a mão da Sylvie e digo “Vamos dar o fora daqui”. Mas, ela, não — ah, não, ela não está com medo. Fico olhando e ela sobe no joelho do Papai Noel, e fica ali sentada, toda sedutora e linda, acenando pra mim. Ela sorri e um robozinho elfo tira sua foto — um *flash* forte dispara em meu rosto e, por um minuto, não consigo ver nada. Mas consigo ouvir. A voz ruidosa e falsa do robô do Papai Noel, perguntando à Sylvie o que ela quer de Natal. Eu ouço quando ela diz:

— Quero estar lá, meu caro. De Natal, eu quero *existir*.

Mas não consigo manter a voz dela. Nem seu rosto, nem nada. O sonho vai flutuando pra longe e eu vou sendo puxado de volta pra essa sala quente e seca.

Rostos flutuam na minha visão também: Jeannette, Edward, Kelly-Maria, o Irmão Bertrand, a Sra. Jacobs. Deve estar bem cheio aqui. Mas é impossível saber se eles estão realmente aqui ou não. Todos os rostos se movimentam em volta, indo e vindo, como balões oscilantes. Menos a minha mãe; seu rosto está sempre ali e é sempre real, até quando estou dormindo. Alguém fica dizendo “Por favor, Richard. Tente. Tente”. Eu quero dizer *Desculpe, mas quero que você cale a boca agora. Eu tentei e tentei e estou acabado, está bem? Portanto, não sou um herói. Pode me processar.*

Sabe, você pode pensar isso. Pode estar pronto e tudo mais — e *Alguém* ainda tem uma ou duas gargalhadas planejadas pra você. Fala sério. Ainda pode haver algumas surpresas.

Está escuro lá fora, quando eu acordo. Estou totalmente acordado. Minha mãe sempre diz que todos os adolescentes são criaturas da noite, como se nós todos fôssemos vampiros, sei lá. Acho que é verdade. Estou cheio de energia, como se pudesse correr uma maratona.

Agora está bem quieto no meu quarto: todos que andaram circulando o dia todo devem ter ido pra casa. Minha mãe está dormindo em sua caminha. O único rosto que eu vejo é o de Edward e, mais uma vez, acho que não é seu turno. Mas ele está sentado ali, mesmo assim, roncando na poltrona. As cortinas se abriram em meus olhos; tem muito verde, mas não tem mais escuridão.

— Oi — falo bem baixinho, porque não quero acordar minha mãe.

Eu me debruço na lateral da cama.

— Esse quarto é, ou não, o mais chato do mundo? Por que todo mundo está dormindo? Vamos, cara. A noite é uma criança.

Edward senta e parece totalmente confuso.

— O quê? — Ele olha pra mim, de olhos arregalados. — Richard? Oi, cara, que bom te ver acordado.

Ele levanta e põe a mão na minha testa.

— Opa. Mas ainda está bem quente.

Ele pega um termômetro.

— Guarda isso. Eu estou bem.

E é verdade. Eu me sinto bem, mesmo. Quer dizer, relativamente. Estou meio tonto e, não sei como descrever, mas sinto um peso no peito. Mas, sério, nada mal. E me ocorre que isso deve ser o que as mulheres de peitões sentem, na maior parte do tempo.

Ele abaixa o termômetro.

— É mesmo? Está se sentindo bem?

— Arrã. — Fico ali sentado, um minuto. Depois, eu digo — Ei, Edward, você já sentiu que tinha alguma coisa pra acontecer? Como se houvesse algo que você devesse fazer? Algo que tinha esquecido, mas é importante?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Acho que sim.

— Bem, eu tenho algo a fazer. Só que ainda não sei o que é.

— Arrã. Bem, tem alguma coisa que eu possa fazer pra ajudá-lo?

Eu penso.

— Acho melhor eu ter mobilidade, sabe? Melhor ficar na minha cadeira. Tenho que estar pronto.

Edward bufa um pouquinho, mas eu já estou virando as pernas — minhas pernas gordas, inchadas, que nem parecem minhas — pra lateral da cama. Então, ele estala a língua e bufa, mas pega a cadeira de rodas, me levanta e me coloca nela. E ergue, mesmo: não preciso mover um músculo e, só por um minuto, deixo minha cabeça encostar em seu ombro.

— Valeu, cara.

Eu vou até o corredor. Não sei por quê. Quer dizer, eu sei que não posso chegar até Sylvie e sei que meu beijo não vai acordá-la. Mas também sei que tenho que ficar aqui fora, pra encontrar o que aparecer.

E no fim das contas, quem acaba aparecendo é o pai da Sylvie. Ele está andando de um

lado pro outro, no corredor, se mantendo em seu lado, quando avista Edward e a mim. Ele está em pé, do outro lado do corredor, me olhando fixamente. Mesmo daqui, dá pra sentir o cheiro de fumaça e álcool nele. Ao redor de sua cabeça, lampeja um tipo de luz alaranjada. Eu balanço a cabeça e esfrego meus olhos, mas a luz não passa. Então, eu imagino que seja real o bafo de dragão contido. Talvez eu seja o único a ver, mas, pra mim, é claro como o dia. Ele não está baforando fogo, mas está lá, o fogo latente.

CAPÍTULO 18

O pai da Sylvie começa a caminhar atravessando o corredor. Ele pisa na linha invisível e continua vindo. Eu sinto que Edward está quase mostrando os dentes, ele está meio que rosnando. Como se fosse um urso pai e eu fosse seu filhote ursinho. Eu digo:

— Está tranquilo, cara. Sem crise.

Então, Edward não se mexe, nem me empurra pra longe. Apenas fica com as mãos na cadeira de rodas, pronto.

O pai de Sylvie para bem na frente da minha cadeira. Seu terno parece uma pele cinza enrugada, grande demais. O tecido tem um desenho listrado, como eu nunca vi, num terno. Daí eu subitamente vejo que essa pele que ele está vestindo é escamosa. Pele de réptil, eu penso. Como se esse negócio cinza fosse a pele velha desprendendo; concluo que, por baixo, ele é dourado com listras pretas. Como sempre imaginei um dragão do Tolkien. Sacudo a cabeça, espantando as bolhas verdes dos meus olhos.

— Boa-noite, senhor.

— Richard — Ele sorri e se curva pra mim, uma pequena inclinação. Seus dentes são manchados e seu hálito fede. — Ouvi dizer que você... digamos... não esteve muito bem hoje. Mas, aqui está você, com uma aparência bem vigorosa e saudável, fico contente em te ver.

Edward começa a falar, mas o pai de Sylvie interrompe.

— Talvez você queira passar essas primeiras horas da madrugada, quem sabe, num jogo de cartas, Richard? — Ele olha para Edward. — Na sala de família que, claro, é um território neutro? Está disposto a um jogo de azar?

Pode apostar que estou. É tudo que tenho, certo? Mas o Edward está argumentando:

— Lamento, Sr. Calderone, mas esse jovem não está em condições para...

— Que tal você deixar o jovem falar por si mesmo? Que tal calar a porra da boca?

Acho que o Edward talvez pule por cima da cadeira de rodas e estrangule o pai da Sylvie, com as próprias mãos. Então, tenho que intervir.

— Ei. Não há necessidade disso. Estou em perfeitas condições para um jogo de cartas. Vamos jogar. Vamos nessa.

Eu começo a empurrar as rodas da minha cadeira. Isso é só um blefe, porque estou fraco demais pra me impulsionar, mas isso tira o Edward de seu estado paralisado.

Ele respira fundo, bem fundo, e diz:

— Richard, você não vai a lugar nenhum com esse homem.

O pai de Sylvie balança a cabeça. Agora, ele sorri, todo amistoso e sensato.

— Eu peço desculpas — diz. Ele esfrega os olhos. — Todo esse estresse me deixa maluco. Perdoe-me.

Ele até parece meio arrependido. Sério, o cara é um mutante.

— Só estou propondo um jogo de pôquer amistoso. Com outros, é claro. Apenas para passar as longas horas.

Ele olha atrás de mim e diz:

— O senhor. Talvez queira nos acompanhar?

Eu viro e ali está o filho da Sra. Elkins. Ele assente.

— Com certeza. Sim, claro.

— Maravilha. Eu vou arrumar a mesa.

O pai da Sylvie quase sai trotando pelo corredor, de tão contente.

— Ora, vamos, cara — eu sussurro para Edward. — Me deixa jogar. Eu quero dar uma lavada nesse cara. Quero esmigalhá-lo. Por favor. Me dá essa última chance, vai?

Edward geme. Mas ele também quer ver o homem derrotado, eu sei. Então, ele vai deixar que esse jogo aconteça. Na verdade, ele não tem escolha, tem? Você vai recusar os últimos desejos de um garoto moribundo? Acho que não.

* * *

Pra mim, é confuso como todo mundo chega lá. Até que eu tenha acalmado Edward e chegamos à sala, o lugar está apinhado de gente, todo mundo sentado em volta de uma mesa de armar. Lá estão o filho da Sra. Elkins e o pai da Sylvie, e, para minha profunda e total surpresa, a harpista. Seu cabelo branco é uma imensa nuvem arrepiada em volta de seu rosto, e ela está vestindo algo parecido com uma camisola branca comprida. Ela sorri pra mim.

— Olá, Richard — diz. Ela está embaralhando as cartas e suas mãos se movem na velocidade de um raio.

Fico boquiaberto.

— Por que está aqui, até tão tarde?

Ela balança a cabeça.

— Estou aqui com a minha irmã. Frequentemente, eu durmo aqui.

O Edward se abaixa e cochicha em meu ouvido.

— A mulher em coma. Quarto 306. Você não sabia disso? Elas são *gêmeas*, Richard. Por que você acha que ela fica aqui, o dia todo, tocando aquela música?

Certo, então, meu queixo cai. A harpista e a mulher em coma são gêmeas. Uma está morrendo, uma dedilhando a harpa sem parar, todo dia. Minha mente pira. Não consigo dizer uma palavra. Mas tento encobrir minha ignorância abismal com palavras.

— Legal — eu digo à harpista. — Que bom ter sua companhia. E quanto ao velhinho, do quarto 304? Vocês sabem, aquele com quem jogamos, na outra noite? Vamos convidá-lo.

Todos ficam quietos e olham pra mim.

— Ah, Richard — diz a harpista.

Fecho meus olhos, por um minuto. Tantas coisas que eu não sei. E me acho tão esperto. Mas tem um monte de coisas por aqui que não noto. Puxo minha cadeira até a mesa.

O Edward diz:

— Não vou participar desse jogo. Só estou aqui para tomar conta do Richard.

O pai de Sylvie sorri.

— Ah, o Rei Richard trouxe seu serviçal. O que mais terá, um provador de comida? Não importa. Que comece o jogo.

É o velho jogo de pôquer, nada sofisticado. Não temos fichas, então o pai de Sylvie vem com substitutos, uns troços que ele aparentemente afanou no almoxarifado. À sua frente, tem uma pilha de copinhos de comprimidos e quadrados de gaze. Grandes e pequenos. Todos nós olhamos pra ele, arrumando as pilhas. A harpista pousa o baralho e pergunta:

— Então, quanto valem esses itens? Quer dizer, pelo que estamos jogando? Eu quero saber o que está em jogo.

O pai de Sylvie ergue as sobrancelhas.

— Ah, eu não deixei claro? Estamos jogando por dias.

Todos nós ficamos olhando pra ele.

— Vamos, pessoal, é muito fácil de entender. Um copinho de comprimidos equivale a um dia. Um quadradinho de gaze, dois dias. A gaze grande, três. Entenderam?

O filho da Sra. Elkins limpa a garganta.

— Sim. Mas. Dias de quê?

— Dias de vida, é claro. Para os nossos entes amados. Ou para nós.

Ele me encara. Está tão cansado e arrasado que seu rosto parece um crânio. Um crânio sorridente e falante.

— Pelo paciente desse andar que representamos.

Os olhos da harpista cintilam.

— Tudo bem. Está valendo.

Eu penso, um minuto. Um dia, dois dias, três. Multiplico isso pela quantidade que entrar na aposta. Vezes as rodadas que eu posso ganhar. Isso é bastante, eu penso. Tempo suficiente pra esses malucos cientistas arranjam as coisas. Pra virem correndo pelo hall, com canecas cheias de veneno mágico de cobra. Pra entrarem correndo com a cura. Eu também quero *existir*, no Natal, no meu próximo aniversário. Como todo mundo, eu quero *existir*.

Então, isso é muito legal. Mas o que não mencionei foi o seguinte: exceto aquela noite, jogando buraco com o velhinho, eu sempre fui supersortudo nas cartas. Quer dizer, desde que eu era pequenininho — um campeão. Eu ganhava da minha mãe toda vez que jogávamos Mico Preto, quando eu tinha quatro anos, sem brincadeira. Nas noites de pôquer semanais com meus amigos, na escola, eu ganhava quase toda semana. Eles acabaram não jogando mais comigo. Jogos, tarde da noite, com colegas de quarto, em qualquer hospital onde eu estivesse, eu ganhava. Eu sempre ganho. E estamos jogando por dias de vida. Estou pronto. Vou ganhar um monte de dias. Sem brincadeira.

— Vamos jogar — digo.

E a harpista dá as cartas, batendo na mesa como se trabalhasse em Las Vegas.

Não se preocupe, não vou entediar ninguém, contando cada jogada. Não vou ficar anunciando as jogadas. É pôquer comum e, no começo, todo mundo ganha e perde

algumas. Só estamos jogando, só isso. Bem relaxados, pra começar. Mas aquela harpista, eu tenho de dizer, ela é durona. Não dá pra interpretar uma ruga naquele rosto; ela está seríssima. Estou vendo que ela quer ganhar mais tempo para a irmã, muito tempo, mas não imagino o motivo. Quer dizer, sério, *há muito se foi*. Mas não há como argumentar com as pessoas em relação a isso, não é? Vida é vida, até deixar de ser, certo?

O filho da Sra. Elkins está meio desanimado. Bocejando e remexendo nas cartas. Aposto que ele está pronto pra que a mãe deixe a casa — ela provavelmente também está — e ele só está aqui de sacanagem. Faz sentido pra mim.

Mas, o pai da Sylvie? Ele está mais sério e assustador do que nunca. Não está jogando cartas; está numa guerra. Sua pele vai ficando mais cinzenta a cada minuto, ele está com a barba por fazer, fede como se alguém tivesse urinado uísque por cima dele e tem um brilho esquisito em volta da sua boca. O cara está pegando fogo. Eu gostaria de poder tirar uma foto em infravermelho, pra que todos pudessem ver as pequenas chamas saindo das orelhas do homem. Dá pra ver, isso é certo. Então, com isso, e tentando afastar as luzes verdes da minha visão, tentando focar nos naipes de copas, espadas, paus e ouros que ficam pulando diante dos meus olhos, admito que mergulho num estado mental bem esquisito. Começo a acreditar que o pai da Sylvie realmente é a essência do mal e que, de alguma maneira, nós não estamos jogando só por dias. Estamos jogando pela minha alma. Não por dias, mas pela eternidade. E isso é o suficiente para abalar a confiança de um cara, esteja ele blefando ou não.

Até, digamos, cinco da manhã, o filho da Sra. Elkins parou. Ele está dormindo em sua cadeira, com a cabeça pra trás, roncando como uma serra. A harpista? Ela começou a xingar, na última mão, quando pegou cartas ruins, depois jogou as cartas na mesa e saiu marchando da sala, com a camisola revoando atrás. O Edward despencou no sofá, encolhido como um bebê, dormindo profundamente.

Claro. Era pra ser assim. Agora é o Richie versus o Dragão. Dane-se Capuleto versus Montecchio. Isso aqui que é pra valer. São as maiores apostas do mundo. O dia está finalmente amanhecendo lá fora. Há pilhas de dias na mesa entre nós, e ambos estamos dispostos a tudo pra levar a bolada. É a hora. O momento em que tudo está ali, só esperando pra virar em uma direção ou outra. Esperando apenas aquela pequena cutucada.

E eu estou olhando pra três valetes, em minha mão: três jovens camaradas. Todos meus. Que lindo. E ele está com o quê? Quem pode saber? Bem, ele está olhando pra mim. Está esperando — ele vai cair e eu vou derrubá-lo. Ele não tem nada, eu sei. Dá pra ver. Aqui vai um pequeno truque que vou passar: não são os olhos, como alguns dizem, que entregam o blefe. São os lábios. Os lábios tremem, sabia? Quando você realmente, certamente, positivamente, sem sacanagem, *tem que ganhar*, os lábios sempre traem. E, com o pai da Sylvie, seus lábios parecem um par de asas de morcego, tremulando.

Olho fixamente para a pilha de apostas. Calculo que tenha quatro, cinco semanas de vida ali. Talvez mais. Mais que tempo suficiente para que os caras cientistas consigam, certo? Mais que suficiente pra que todo tipo de coisa aconteça.

E eu tenho a mão vencedora, sem dúvida. Estou prestes a mostrar as cartas e pegar

meus dias — meus dias — quando o homem faz o truque mais terrível que eu já vi. Primeiro, ele pousa suas cartas viradas pra cima. Ele tem um par de damas. Paus e espadas. Ambas com cabelos escuros, olhos escuros — lindas, as duas. Depois, ele debruça na mesa e olha dentro dos meus olhos. Bem baixinho, ele diz:

— Ela tem quinze anos, Richard. Quinze.

Em outras palavras, eu já ganhei dois anos a mais. Isso é como um tabefe na minha cara. Eu já vivi algo em torno de setecentos e trinta dias a mais que a Sylvie. Olho minha trinca: valete de espadas, valete de ouros e valete de copas. Dois deles são aqueles caras com um olho só, bigodinhos finos, cabelo preto lustroso, parecem gigolôs. O terceiro, o valete de paus, ele me olha de frente; é um cara bom. Sólido. Eu penso nos pequenos seios de Sylvie, macios como passarinhos, em minhas mãos, em como ela confiou em mim, me deixou entrar.

Levei um bom tempo pra entender, não? Pelo que realmente estávamos jogando, aqui? Corações e almas.

Junto minhas cartas e ponho na mesa, viradas pra baixo, deixando os três caras invisíveis. Não importa, o pai da Sylvie não vai olhar. Não suporta olhar. Não quer saber.

— O senhor me pegou — eu digo. — Parabéns.

O pai de Sylvie raspa a mesa, juntando tudo em seus braços. Ele está rindo como uma hiena. As lágrimas escorrem por seu rosto. Ele pega os dias e sai correndo pelo corredor, em direção ao quarto da filha.

Eu recosto em minha cadeira. Naquele minuto, agarrando os quadrados de gaze e os copinhos, o pai de Sylvie era igualzinho a ela. Ela também agarra suas chances. Naquele minuto, eu sinto que poderia amá-lo também. Ora, pense. Não é assim que um pai deve ser? O que você faria, se a Sylvie fosse sua filha?

* * *

Na manhã seguinte, estou em meu quarto, preso à cama, com tubos de oxigênio no nariz. Mas, mesmo assim, fico de orelha em pé e a fofoca do andar chega até mim. Ouço que, durante a noite, a irmã da harpista morreu. Assim como a Sra. Elkins. “Noite dura”. As pessoas estão sussurrando. Noite dura. Eu não acho, realmente não acho, que haja algo sobrenatural no fato de que essas duas se foram. Imagino que ambas provavelmente tinham pressa em partir, enquanto seus acompanhantes estavam fora do quarto, jogando. Ouvi dizer que as pessoas sempre fazem isso — esperam até ficarem sozinhas. Isso faz sentido pra mim. Quando você está sozinho, finalmente tem um pouco de privacidade, é quando as amarras que o prendem à Terra arrebitam e você pode se soltar. Mas não sei se algum dia vou conseguir me soltar da minha mãe. Resumindo, ela é tão feroz quanto a Sylvie. E está tudo bem. Na verdade, gosto que ela esteja aqui, agora. Fico contente. E é engraçado — a harpista ainda está tocando, eu posso ouvi-la. Ela ainda está aqui.

E também tem outra novidade — e essa é incrível. No fim das contas, durante a noite, mesmo com tantas cordas arrebitando ao redor, a Sylvie se recupera. A Sra. Jacobs vem

me dizer que a Sylvie está acordada. A Sylvie está sentada na cama, tomando café. Foi isso que ela pediu. Não pediu água, nem refrigerante — café. Quente e preto, cheio de cafeína. Ela disse que era hora de acordar. Essa é a minha garota.

Tenho certeza de que ela vai agarrar as quatro ou cinco semanas que eu ganhei pra ela. Aquela garota é mesmo uma fera. Ora, ela tem sangue de dragão correndo nas veias. Ela vai agarrar cada um daqueles dias e sair correndo. Vai sair daqui andando, eu sei. Ela tem coisas a fazer.

Eu também. Mais uma coisa a fazer. Mas está legal. Eu tenho exemplos. Vou esperar pelo meu momento e fazer as coisas direito.

Quer dizer, não faz sentido ficar esperando seu aniversário, se você já é crescido, certo?

Não se preocupe comigo. Está tudo bem. Merda, seja qual for a maneira como você olhe a coisa, eu e a Sylvie ficaremos legais. Juro por Deus.

E, realmente, isso é tudo que eu tenho a dizer.

Câmbio, desligo.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, minha profunda gratidão ao meu cunhado, Matt Dyksen, que gostava da harpista da unidade de pacientes terminais e que realmente manteve uma mente alegre, ao longo de tudo. Muito obrigada aos leitores das primeiras versões deste livro, que me deram sugestões tão úteis: Bill Patrick, Tobias Seamon, Dan Dyksen, Libby Dyksen, Erika Goldman e Nalini Jones. Também sou muito grata a Danielle Ofri, que publicou a história original da Síndrome de ALECTO (SUTHY Syndrome), na *Belevue Literary Review*, e que tem sido uma incentivadora maravilhosa do meu trabalho. Obrigada ao College of Saint Rose, pelo presente da licença sabática para que eu trabalhasse em minha escrita. E um agradecimento muito especial a Gail Hochman e Elise Howard por dividirem seu entusiasmo, conhecimento e sabedoria.

Finalmente, aos médicos, enfermeiros e equipes que cuidam de crianças doentes, em hospitais e unidades terminais, em todos os lugares, minha infinita gratidão e admiração.

¹ Evel Knievel (1938-2007) foi um dublê americano, famoso por manobras radicais realizadas, em sua maioria, em cima de uma moto. (N. E.)

¹ A Batalha de Bataan ocorreu entre janeiro e abril de 1942, na Península de Bataan, nas Filipinas, entre o exército local, que contou com a ajuda do exército dos Estados Unidos, e os japoneses, durante a Segunda Guerra Mundial. (N.E.)

“Morrer é muito chato, se você entrega os pontos. Viver, mesmo aqui, até que é legal. Principalmente depois do que eu e Sylvie fizemos ontem, noite de Halloween, em frente ao elevador...

Essa doença me trancafiou aqui neste hospital, onde nós — Sylvie e eu — somos as únicas pessoas com menos de 30 anos. Sério! Mas eu ainda não morri e preciso manter meu interesse pela vida. Gostamos de assustar os visitantes, às vezes convenço meu tio a me deixar escapar para uma noite insana de Halloween e coisas do tipo.

O pai de Sylvie está sempre uma pilha de nervos pelo que está acontecendo com sua filhinha. É um homem assustador e realmente não gosta de mim — vivemos em pé de guerra aqui no hospital.

No fim, no meio disso tudo, somos só Sylvie e eu. Uma menina e um menino. E nós queremos viver do nosso jeito, com nossas próprias regras e durante o tempo que tivermos.”

Durante os anos que acompanhou o próprio filho em hospitais infantis, a americana Hollis Seamon se emocionou com os muitos jovens que conheceu durante essa jornada e se inspirou neles para escrever *Alguém Lá Em Cima Te Odeia*.

HOLLIS SEAMON

Professora de inglês no College of Saint Rose (NY) e de escrita criativa na Fairfield University, a americana Hollis Seamon é autora do livro de crônicas *Body Work* e do thriller de mistério *Flesh*, além de ter publicado em diversos jornais e revistas dos Estados Unidos.

Alguém Lá Em Cima Te Odeia, baseado em algumas das experiências que viveu com o próprio filho em hospitais, é o seu primeiro livro para o público adolescente.

Atualmente, ela vive em Kinderhook, no Estado de Nova York.

Num momento de reflexão, após sessões de quimioterapia e um zilhão de cirurgias, Richard Casey, de 17 anos, se pergunta o que está fazendo no hospital. Ele conclui que, se tudo faz parte de um plano do Todo Poderoso, é óbvio que alguém lá em cima o odeia. No entanto, decidido a não dar o braço a torcer, ele percebe que a doença que o levou a ser internado, cortado e costurado ainda não o abateu. Ele continua vivo e precisa dar sentido ao pouco tempo que lhe resta, animar-se e animar os outros em situação parecida à sua.

Assim, ele irá, com a conivência do tio e melhor amigo, Phil, “tocar o terror” em todos os que se internam em sua ala e zoar com quem aparecer em seu caminho. De quebra, Richard encontra em Sylvie, a gata de 15 anos que “habita” o quarto 302, a companheira ideal para essas aventuras entre alas hospitalares.

Junto com os amigos e parceiros de infortúnio
ele se agarra a esse objetivo:

VIVER A VIDA,
MESMO QUE CURTA,
INTENSAMENTE.